



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

NADINE DA SILVA COSTA

**O USO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DE MULHERES PELOS PROGRAMAS DE
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO BRASILEIROS: ANÁLISE DAS BIBLIOGRAFIAS
INDICADAS NOS EDITAIS DE SELEÇÃO DE MESTRADO**

JOÃO PESSOA

2022

NADINE DA SILVA COSTA

**USO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DE MULHERES PELOS PROGRAMAS DE
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO BRASILEIROS: ANÁLISE DAS BIBLIOGRAFIAS
INDICADAS NOS EDITAIS DE SELEÇÃO DE MESTRADO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do título de mestre em Ciência da Informação.

Linha de pesquisa: Ética, Gestão e Políticas de Informação.

Orientadora: Profa. Dra. Marynice de Medeiros Matos Autran.

JOÃO PESSOA

2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

C838u Costa, Nadine da Silva.

O uso da produção científica de mulheres pelos programas de ciência da informação brasileiros : análise das bibliografias indicadas nos editais de seleção de mestrado / Nadine da Silva Costa. - João Pessoa, 2022.

102 f. : il.

Orientação: Marynice de Medeiros Matos Autran.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCSA/PPGCI.

1. Ciência da informação - Mulheres. 2. Relações de gênero. 3. Editais de mestrado. 4. Bibliografias recomendadas. 5. Estudo de gênero. I. Autran, Marynice de Medeiros Matos. II. Título.

UFPB/BC

CDU 007-005.2(043)

NADINE DA SILVA COSTA

**USO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DE MULHERES PELOS PROGRAMAS DE
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO BRASILEIROS: ANÁLISE DAS BIBLIOGRAFIAS
INDICADAS NOS EDITAIS DE SELEÇÃO DE MESTRADO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do título de mestre em Ciência da Informação.

Aprovado em: ____/____/2022.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Marynice de Medeiros Matos Autran –PPGCI/UFPB
Orientadora

Profa. Dra. Gisele Rocha Cortês – PPGCI/UFPB
Examinadora

Prof. Dr. Felipe Sá Brasileiro – PPGC/UFPB
Examinador

Para todas as mulheres pesquisadoras.
As que foram, as que estão e as que se tornarão.
Para as mulheres não pesquisadoras.
Para minha mãe, minha vovó Branca (in memoriam) e minha vovó Preta.

Disciplina é liberdade.
Legião Urbana

AGRADECIMENTOS

Ao criador de todas as coisas minha gratidão por me fazer chegar ao fim de mais esta etapa de minha vida, me proporcionou concluir, me fez aprender, me fez mais forte. Foi meu suporte e colocou pessoas com palavras e incentivos para me apoiar e não me fazer desistir. Pela graça perene, pela suficiência do fôlego e por ser um eterno ser cuidadoso e zeloso.

Agradeço a minha família, amigas, amigos, colegas e mestres da graduação que nas vezes que cedi a mim mesma fazer queixas, foram ouvidos e palavras confortantes e de encorajamento, dividindo experiências, frustrações e alimentando o foco de ser apenas um momento, que tudo vai passar e no final vai dar certo, assim esperamos sempre.

Agradeço a minha mãe, pois em um dos meus desvaneios de querer parar pelo caminho, me lembrou que não sou de desistir das coisas, que costumo ir até ao fim, seja lá qual seja este fim. Mesmo leiga da academia é especialista em maternar, acreditando em um potencial que ela considera que eu possua e me fazendo sair do limbo de pensamento e voltar ao foco. Sou grata por muitos dos professores que pude conhecer no PPGCI-UFPB, pelo compartilhamento de conhecimento e vivências nesses dois anos tão difíceis para todas as pessoas. Menciono os presentes na banca, docentes ajudadores com suas percepções em período de qualificação.

Agradeço infinitamente e especialmente a mim mesma. Longe de ser uma pessoa admiradora do meu eu, faço dessa vez o reconhecimento da força de vontade obtida nessa trajetória. Essa pesquisa pode ser resumida a força de vontade, vontade de finalizar o que comecei, vontade de chegar ao fim, vontade de não lembrar desse momento como uma desistente. Agradeço a mim, pois nunca me senti tão solitária em uma tarefa como me senti durante esses dois anos e apesar disso, continuei comigo mesma, na força enviada por Deus que me fazia a cada dia me ver como capaz de ao menos concluir.

Agradeço a mim, pois fui tão importante para mim mesma. Parecia que meu gosto pela solidão tinha sido treinado a vida toda para esse momento, um momento que não era para ter sido tão só assim, mas me fortaleceu e me fez enxergar algumas qualidades que possuo. Queria que tivesse sido diferente, no entanto serviu como aprendizado e como em quase tudo na vida, procuro ressignificar e aprender algo de produtivo nas situações adversas.

A Deus e por causa dele, a mim.

RESUMO

As relações de gênero são motivo de discussões nas esferas sociais e estudos no campo científico por enfatizarem as relações de desigualdades, fator principal no exercício de arbitrariedade desproporcional do gênero masculino ao gênero feminino, formatação estruturada e construída no corpo social. Diante dessa realidade e mediante as mudanças na sociedade que parecem transformar esse ideal de dominação de um gênero acima do outro, considera-se a possibilidade da persistência desse sistema androcêntrico em campos julgados como evoluídos e dotados de informações, como são as universidades e suas repartições. Esta pesquisa busca compreender a existência dessa relação de gênero na área da Ciência da Informação praticada no Brasil, partindo do pressuposto da importância em evidenciar a temática, revelar e também trazer a reflexão acerca do protagonismo nas posições e poderes do gênero masculino na CI. Como questão problema desta investigação pretendemos saber: Como estão representadas as pesquisadoras da Ciência da Informação, como autoras nas bibliografias recomendadas nos editais de seleção de mestrado dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil? Para responder a esse questionamento, delimitamos como objetivo geral: Analisar a participação das pesquisadoras na área da CI no Brasil, como autoras das bibliografias recomendadas nos editais para seleção de mestrado nos PPGCIs brasileiros. Considerando este objetivo, propomos os seguintes objetivos específicos: Identificar os programas de pós-graduação em CI com mestrados acadêmicos, que possuam provas e bibliografias sugeridas como etapa para ingresso; elencar as autorias e coautorias por bibliografias analisadas, nomeando as pesquisadoras e classificando-as quanto a formação inicial, instituição atual e nacionalidade; apontar as temáticas das bibliografias que tenham mulheres como autoras, por meio dos títulos de cada produção científica. De acordo com os procedimentos metodológicos, trata-se de uma pesquisa com abordagem quanti-qualitativa, de caráter descritivo bibliográfico e documental. A coleta dos dados tem como foco o corpus formado pelos editais de seleção de mestrado dos PPGCIs brasileiros e nas bibliografias neles contidas. Com os resultados obtidos, tem-se a constatação da superioridade de bibliografias de autores homens como indicação de leitura nos editais de mestrado em Ciência da Informação no Brasil, sendo essa superioridade quantitativamente significativa e contraditória a afirmação de ser a CI uma área feminina. Com isso, a pesquisa conclui a necessidade dos PPGCIs em revisar as escolhas feitas para esses editais, promovendo uma atenção maior na distribuição dessas bibliografias pelo gênero das autorias, evidenciando principalmente para os novos pesquisadores da CI, as literaturas e autoras de contribuições científicas importantes para a área.

Palavras-chave: relações de gênero; mulheres na ciência da informação; editais de mestrado; bibliografias recomendadas; estudo de gênero.

ABSTRACT

Gender relations are the subject of discussions in the social spheres and studies in the scientific field for emphasizing the relations of inequality, the main factor in the exercise of disproportionate arbitrariness of the male gender to the female gender, structured and constructed formatting in the social body. In view of this reality and through changes in society that seem to evolve this ideal of domination of one gender over the other, the possibility of the persistence of this androcentric system is considered in fields judged as evolved and endowed with information, such as universities and their departments. This research seeks to understand the existence of this gender relationship in the area of Information Science practiced in Brazil, based on the assumption of the importance of highlighting the theme, revealing and also bringing reflection about the domination of positions and powers of the male gender in IC. As a problematic question of this research, we intend to know: How are female researchers in Information Science represented as authors in the bibliographies recommended in the master's selection notices of the Postgraduate Programs in Information Science in Brazil? To answer this question, we defined the following general objective: To analyze the participation of women researchers in the field of Information Science in Brazil, as authors of the bibliographies recommended in the selection notices for masters' degrees in Brazilian PPGCIs. Considering this objective, we propose the following specific objectives: to identify the post-graduate programs in IC with academic master's degrees, which have exams and bibliographies suggested as a step for admission; to list the authorship and co-authorship of the bibliographies analyzed, naming the researchers and classifying them according to their initial formation, current institution and nationality; to point out the themes of the bibliographies that have women as authors, by means of the titles of each scientific production. According to the methodological procedures, this is a research with a quantitative-qualitative approach, of a descriptive bibliographical and documental character. Data collection focuses on the corpus formed by the selection notices for master's degree courses in the Brazilian PPGCIs and on the bibliographies contained therein. With the results obtained, it is possible to verify the superiority of bibliographies by male authors as indication for reading in the public announcements of master's degree courses in Information Science in Brazil, with this superiority being quantitatively significant and opposed to the affirmation that IC is a feminine area. Thus, the research concludes the need for PPGCIs to review the choices made for these calls, promoting greater attention to the distribution of these bibliographies by the gender of the authors, highlighting especially for new researchers in CI, the literatures and authors of important scientific contributions to the area.

Keywords: gender relations; female representation in information science; master's selection notices; authors.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Distribuição percentual dos pesquisadores segundo o Gênero	29
Quadro 2 - Ciclo da pesquisa qualitativa	49
Quadro 3 - Contextualização do processo de coleta de dados	51
Quadro 4 - Programas em Ciência da Informação	54
Quadro 5 - Autoras selecionadas pela UEL	58
Quadro 6 - Autoras selecionadas pela UFBA.....	61
Quadro 7 - Autora selecionadas pela UFC	63
Quadro 8 - Autoras selecionadas pela UFES	65
Quadro 9 - Autoras selecionadas pela UFF	67
Quadro 10 - Autoras selecionadas pela UFMG.....	69
Quadro 11 - Autoras selecionadas pela UFPA	71
Quadro 12 - Autoras selecionadas pela UFPB	73
Quadro 13 - Autoras selecionadas pela UFPE	75
Quadro 14 - Autoras selecionadas pela UFRGS	77
Quadro 15 - Autoras selecionadas pela UFRJ	79
Quadro 16 - Autoras selecionadas pela UFSC	81
Quadro 17 - Autoras selecionadas pela UNB.....	82
Quadro 18 - Autoras selecionadas pela UNESP	85
Quadro 19 - Autoras selecionadas pela USP	86

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Bibliografias dos editais do PPGCI-UEL	57
Gráfico 2 - Bibliografias dos editais do PPGCI-UFAL	59
Gráfico 3 - Bibliografias dos editais do PPGCI-UFBA	60
Gráfico 4 - Bibliografias dos editais do PPGCI-UFC	62
Gráfico 5 - Bibliografias dos editais da UFES	64
Gráfico 6 - Bibliografias dos editais da UFF	66
Gráfico 7 - Bibliografias dos editais da UFMG.....	68
Gráfico 8 - Bibliografias dos editais da UFPA	70
Gráfico 9 - Bibliografias dos editais da UFPB	72
Gráfico 10 - Bibliografias dos editais da UFPE	74
Gráfico 11 - Bibliografias dos editais da UFRGS	76
Gráfico 12 - Bibliografias dos editais da UFRJ.....	78
Gráfico 13 - Bibliografias dos editais da UFSC	80
Gráfico 14 - Bibliografias dos editais da UNB.....	82
Gráfico 15 - Bibliografias dos editais da UNESP	84
Gráfico 16 - Bibliografias dos editais da USP	86

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CI	Ciência da Informação
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
IBBD	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua
PPGCI	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
PUC-Rio	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNAM	<i>Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas y de Información</i>
UNB	Universidade de Brasília
UNESP	Universidade Estadual Paulista
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	GÊNERO E MULHERES	19
3	A INSERÇÃO DAS MULHERES NA CIÊNCIA E SUA PRESENÇA EM ESFERAS CIENTÍFICAS	23
3.1	A OCUPAÇÃO DAS UNIVERSIDADES EM RELAÇÃO AOS GÊNEROS	25
3.2	GÊNEROS E AS ÁREAS CIENTÍFICAS	29
3.3	A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA	37
4	ATUAÇÃO DAS MULHERES NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL	40
5	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	47
5.1	O CORPUS DA PESQUISA	47
5.2	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	48
5.3	COLETA DOS DADOS DA PESQUISA	51
5.4	ANÁLISE DOS DADOS	53
6	DISCUSSÃO E RESULTADOS DOS DADOS OBTIDOS.....	54
6.1	ESPECIFICAÇÃO DAS REFERÊNCIAS POR GÊNERO	56
6.2	TEMÁTICAS DA ESCRITA CIENTÍFICA DAS MULHERES EM CI	87
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
	REFERÊNCIAS	93

1 INTRODUÇÃO

Distanciando-se das diferenças fisiológicas concernentes aos gêneros, concentra-se nas desigualdades sociais inseridas em campos distintos de partilha de espaços, posições e vivências entre homens e mulheres. Sabendo que discussões iguais a essas são aplicáveis como temáticas científicas, podendo ser desenvolvidas pesquisas que se aprofundarão, por meio de comprovações empíricas, como cabe a ciência se manifestar, além de fundamentar e comprovar as problemáticas levantadas utilizando-se de metodologias apropriadas.

A informação atua como uma dessas comprovações, pois sendo ela materializada ou registrada, consegue força para evidenciar, impactar e até mesmo transformar um contexto. A informação tem caráter de colaboradora, pois evidencia situações sociais e certamente, tem capacidade de confirmar os problemas em torno das relações de gênero presentes na sociedade. Para Scott (1995), gênero reside além das diferenças entre os sexos, no entanto a atenção a esse termo se redobra ao compreender que inclui a significação acerca das relações de poder e como se estabelece no meio social. Relação essa em que homens e mulheres são definidos pela construção social entendida como uma conduta adequada, partindo da ideia de superioridade do gênero masculino e inferioridade do gênero feminino, determinando gerações nas quais muitas das pessoas que partilharam dessa realidade, não conseguem ao menos encará-la como desmedida e/ou desproporcional.

Evidenciar e discutir em níveis ampliados das perspectivas a respeito das relações construídas entre os gêneros, confere reflexão de um estado de poder evidenciado socialmente e atribuído as partes nas estruturas sociais, na procura de reavaliar a condição, neste caso das mulheres, em suas atuações na sociedade, a ponto de enfraquecer as injustiças e recobrar a equidade (SAFFIOTI, 1987). Essa comprovação do problema pode ser apresentada em um modo mental e discursivo estando na esfera abstrata de verificação, contudo, existe também a possibilidade da comprovação dessa problemática, nesse caso a desigualdade de gênero, por meio de evidências materiais, aportes documentais, por exemplo, que imbuídos de informações apresentam a realidade, bem como conseguem além de exibir, podem moldar essa realidade.

O paradoxo em função da relação de gênero, convida os indivíduos para a discussão de uma condição desfavorável para um dos lados, sabendo que a reavaliação dessa situação relacional não será indício de colocar um gênero na posição do outro e inverter a estrutura, mas sim, objetiva reflexionar quanto a manifestação de autocracia e difundir condições de equivalência ante os círculos sociais para ambos os gêneros. Portanto o levantamento de ações

de desigualdades e a luta (nas formas de locuções e posicionamentos) pela igualdade entre mulheres e homens “[...] se não resolve o problema das desigualdades nas relações de gênero, torna-o menos agudo, na medida em que treina mulheres no jogo político da reivindicação” (SAFFIOTI, 1987, p. 113).

De certo não existe desigualdade se a mesma não for mostrada como tal, não há mudança se não houver nada para ser alterado, cabe, portanto, investigar os problemas e manifestá-los com via de propagar a sua real existência. Nisso, fontes de informações são potenciais contributos como afirma Frohmann (2008), ao identificar a essencialidade da materialização da informação como uma forma de poder para influenciar determinado contexto. A informação registrada tem o poder de revelar o que era abstrato e trazer a existência material e concreta, como um potencial transformador a partir da evidenciação de um problema.

A transformação da problemática não é imediata e tem-se visto essa verdade porque, se rememorar séculos passados, poderá ser visualizado uma postura insuflada do patriarcado e logo, os desdobramentos da desigualdade. Pois assim como retrata Saffioti (2015, p. 57) “[...] como as relações patriarcais, suas hierarquias, sua estrutura de poder contaminam toda a sociedade, o direito patriarcal perpassa não apenas a sociedade civil, mas impregna também o Estado”. Continuadamente, embora se apresentando em configurações distintas, o modelo de estrutura no qual mulheres permaneciam de algum modo afligidas persistia, mesmo com a existência de enfrentamentos a essa concepção cultural.

Silva (2008) demonstra o quanto os passos do gênero feminino eram limitados em diferentes épocas. Na Idade Média eram exprimidas hostilidades enquanto funções enxergadas como possíveis para mulheres e, apesar das diferentes formas de manifestação desse sistema baseado na imposição, segue-se adiante até o atual século XXI da mesma forma, as reivindicações por parte de mulheres e das demais pessoa que as apoiam. Desse modo, enquanto houver desigualdades na relação de gênero, cabe o paralelo enfrentamento em inconformidade, ou seja, também os estudos acadêmicos em torno dessa temática.

Os debates acerca de gênero, a relação entre os gêneros e as desigualdades entre eles passaram a ser discutidas em níveis acadêmicos a fim de, metodologicamente, teorizar a história baseada no androcentrismo. No espaço acadêmico brasileiro Heilborn e Sorj (1999, p. 186) pontuam a presença dessas pesquisas adentrando como relevantes no cenário científico,

Os Estudos sobre Mulher, Estudos de Gênero ou de Relações de Gênero foram as fórmulas encontradas para institucionalizar a reflexão impulsionada pelo diálogo com o feminismo na academia brasileira. Na década de setenta

"estudos sobre mulher" foi a denominação mais comum utilizada para caracterizar esta nova área. Livros, artigos e seminários fazem constar de seus títulos o termo mulher e pretendem, principalmente, preencher lacunas do conhecimento sobre a situação das mulheres nas mais variadas esferas da vida e ressaltar/denunciar a posição de exploração/subordinação/opressão a que estavam submetidas na sociedade brasileira.

As ciências sociais, por sua vez, possuem características elementares para propor com cientificidade os estudos de gênero em suas pesquisas. Para Scavone (2008, p. 178) “[...] questões sociais e problemas sociológicos caminham juntos”, sendo a reprodução da temática parte de estudos contribuidores para o crescimento da produção científica da área e, certamente, esse aprofundamento científico contribuirá para as questões relacionadas ao gênero: visibilidade, novos olhares e questionamentos.

No campo científico, cada ciência distingue-se tanto pelo seu objeto de estudo ou também pela metodologia de abordagem delineada em pesquisa, logo cabe identificar, como afirma Minayo (2009), a cientificidade existente nas particularidades de pesquisa de cada área em função de seus objetos e problemáticas acolhidas. A autora reflete a respeito de características observadas nos estudos das ciências sociais que apoiam a compreensão da cientificidade presente na essência da área. A autora certifica como objeto de estudo das ciências sociais aquilo que seja *histórico*, englobando a sociedade nos seus períodos de vivências partilhadas em aspectos comuns, estabelecendo uma dialética pertinente ao que se antecedeu e é da mesma forma, constituinte do presente.

A *consciência histórica* se atrela à característica anterior citada por Minayo, assentido na capacidade da construção do sentido produzido pelo próprio objeto das ciências sociais, em que existe o diálogo entre a consciência histórica tanto da área, como de seu objeto. Portanto compreende-se como parte fulcral inserida nessa ciência, a sociedade e seus grupos, o que abarca também toda a sua trajetória revelada na cultura e nas disposições de suas construções históricas como indivíduos, parcelas de uma parte maior. Logo é possível verificar que o objeto e sua (seu) investigadora (or) comungam de mesma natureza, dado o ser humano passivo o qual é estudado e o ser humano investigador que lida com o investigado (MINAYO, 2009).

As relações de desigualdades presentes entre homens e mulheres permeadas em parcelas da sociedade (SCHUCK, 2018), prologam-se entre épocas e confirmam o processo histórico na perseguição à resolução dos problemas que lhes afetavam, caracterizando os estudos relacionados às especificidades recorrentes ao gênero como problemática de

pesquisas e incitação de teorização científica, com reflexões políticas e sociais compatíveis significativamente às ciências sociais (SCAVONE, 2008).

É encontrado na CI espaço para aplicar um estudo relacionado as relações de gênero e a representatividade das mulheres na esfera científica, conduzindo a pesquisa para a observação dos editais de mestrado lançados para a seleção de novas (os) pesquisadoras (es). Nesses editais são elencadas algumas produções científicas pelas quais se terá entendimento de alguns assuntos da área mediante realização da leitura, sendo possível conhecer pesquisadoras e pesquisadores influentes na constituição do campo científico por causa de suas bibliografias. Tais produções científicas e as autorias indicadas poderão provavelmente acompanhar toda a trajetória acadêmica dessas (es) novas (os) pesquisadoras (es) e as (os) formarem quanto a construção individual da consciência teórica sobre a CI. Esses primeiros textos são atribuídos a uma etapa da seleção do mestrado, logo, são leituras que deverão ser feitas com afincos pelas (os) candidatas (os), ou seja, uma imersão primária nas literaturas que certamente constituirão a (o) cientista da informação que surge a partir da aprovação na seletiva de mestrado. Esses editais são documentos para a pesquisa como fontes de informação que indicarão a realidade do campo estudado, a partir dos resultados obtidos mediante análise, haverá a possibilidade de compreender o contexto abordado, o nível da desigualdade de gênero e ainda, com essa certificação por meio do registro da informação, ter poder para buscar contribuir com uma transformação da situação problema se assim confirmada posteriormente.

Isso posto, pretendemos, como problema de pesquisa, investigar: **Como estão representadas as pesquisadoras da Ciência da Informação, como autoras nas bibliografias recomendadas nos editais de seleção de mestrado dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil?**

Visando responder à essa questão, determinamos como objetivo geral deste estudo: Analisar a participação das pesquisadoras na área da CI no Brasil, como autoras das bibliografias recomendadas nos editais para seleção de mestrado nos PPGCIs brasileiros.

Delimitado o objetivo geral, propomos os seguintes objetivos específicos:

- a) Identificar os programas de pós-graduação em CI com mestrados acadêmicos, que possuam provas e bibliografias sugeridas como etapa para ingresso;
- b) Elencar as autorias e coautorias por bibliografias analisadas, nomeando as pesquisadoras e classificando-as quanto a formação inicial, instituição atual e nacionalidade;
- c) Apontar as temáticas das bibliografias que tenham mulheres como autoras, por meio dos títulos de cada produção científica.

Essa sistematização apontará as escolhas teóricas que cumprem o papel de representar e introduzir a Ciência da Informação as (aos) aspirantes a pesquisadoras (es), visto ser nestas leituras um dos primeiros ou o primeiro contato com a área. Desse modo, significa compreender as temáticas base da área que se pretende ingressar, neste caso a CI, além de conhecer as (os) autoras (es) influentes na construção teórica, pois suas produções científicas foram eleitas como “vitrine” dos estudos científicos da Ciência da Informação.

É relevante por parte das pessoas organizadoras dessas seleções obterem essa noção em refletir sobre essa diversidade ao pensarem nas indicações da literatura a serem estudadas, principalmente por serem pesquisadoras e pesquisadores introduzidos a mais tempo na área munidos de conhecimento de autoras e textos significativos para a CI.

Estudar uma temática relacionada a gênero na Ciência da Informação, não se distancia da realidade científica da área, visto a relação encontrada no que diz respeito a CI ser parelha às ciências sociais aplicadas e compartilhar de assuntos relativos à sociedade dentro da academia, uma vez que Le Coadic (1996, p. 109) afirma:

A Ciência da Informação é ciência, produção consciente de espécie humana com origem bem precisas, um objeto e um conteúdo bem definidos e especialistas facilmente identificáveis [...] Seu objeto é uma matéria, a informação, que permeia o espaço das profissões. Trata-se de recurso vital do qual ainda não se mediu suficientemente a exaustão dos usos e não-usos, por falta de atenção com seus usuários. Seu conteúdo, marcado pelo selo da interdisciplinaridade, é uma sábia dosagem de ciências matemáticas e físicas, bem como ciências sociais e humanas.

Capurro (2003), ao se referir aos paradigmas da CI, aponta a existente relação com as formas discursivas das comunidades, grupos e contextos sociais. Devido as forças interdisciplinares arraigadas na área, deve-se compreender as interferências de outras disciplinas nas determinações das pesquisas, assim como compreende González de Gómez (2000) ao utilizar o termo *traço identificador* das Ciências Sociais relativo à Ciência da Informação, resultando na diversidade dos estudos da área. O importante é a capacidade de compreender a legitimação da informação por parte das disciplinas que lhes são páreas, das atividades sociais e dos atores sociais, e assim conseguir ser assertiva em seus estudos.

No que concerne ao contexto sócio-histórico-cultural das relações de gênero nas suas características de desigualdades, tratando esse contraste como uma problemática (SCOTT, 1995) e investindo nas respostas para as interrogações que cercam as relações de gênero, pode ser concluído que apesar das reflexões levantadas acerca desse sistema relacional, sabe-se de uma certeza revelada ao longo do tempo, que a diferença entre os gêneros é refletida no exercício do poder ocupando os diferentes campos da sociedade, seja no círculo religioso,

familiar, nas relações de trabalhos ou também, no campo científico. Sendo assim, o molde da masculinidade imperante se abrigou onde houvesse a existência de homens e mulheres.

Dessa forma, “não podemos ignorar que, ainda hoje, as relações entre os gêneros permeiam qualquer interação social e são baseadas em desigualdades” (ESPÍRITO SANTO, 2008, p. 319).

O poder, manifestado como parcial a uns e arbitrário é evidenciado de igual modo nas estruturas científicas, como descreve Bourdieu (1989, p. 7) “[...] se vê o poder por toda a parte”. As universidades carregam esse aspecto desde a inserção de mulheres em cursos acadêmicos a posições de poder e chefia/liderança, imputadas historicamente para a ocupação dos homens. Mas no mesmo espaço da realidade desproporcional entre os gêneros, há também uma força de luta e reivindicação para melhores condições e equidade dentro e fora das universidades.

Nessa perspectiva, a pesquisa, o fazer ciência, a teorização, sistematização e a aplicação se tornam trunfos para aquelas (es) que pretendem conquistar, comprovar e participar dos direitos que deveriam ser distribuídos igualitariamente a todos e todas.

Na presente pesquisa então, deparamo-nos com a possibilidade de desenvolver a temática estudos de gênero dentro da área da Ciência da Informação, visto também outros estudos na área como meio de outorgar demandas posteriores de aprofundamentos científicos. A CI não possui tradição de pesquisa sobre gênero, mesmo em meio século de existência é considerado recente o aprofundamento da temática (NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2019). Como enfatiza Espírito Santo (2008), faz-se necessário estudar gênero na área da CI a fim de afluir políticas científicas de conotação à mulher como pesquisadora, debatendo uma possível opressão ao seu protagonismo e buscando evidenciá-las.

Visto as diferenças entre os gêneros nos variados campos de participação da sociedade e certamente no campo científico, compreende-se a possibilidade dessa perspectiva demonstrar-se de igual modo na CI. No entanto, cabe racionalizar a característica da área, que pode causar a dialética nas constatações, a saber: os fatores históricos da Ciência da Informação que a vislumbra como uma área feminina, ou seja, de participação efetiva do público de mulheres (BUFREM; NASCIMENTO, 2012), (ESPÍRITO SANTO, 2008).

A possibilidade mais pertinente de encontrar bibliografias em sua maioria de pesquisadoras mulheres, contrasta-se com a viabilidade da aparição destas como à margem desse posto de confirmação de uma área feminina.

A temática da dissertação tem cunho original em seu objeto de pesquisa, pois escolheu analisar a relação de gênero da Ciência da Informação em um âmbito mais

específico se comparado aos estudos sobre gênero desenvolvidos na área. A pesquisa pretende, portanto, ser uma parcela que vem a colaborar com as indagações a respeito das desigualdades de gênero no meio científico, aplicando mais precisamente a CI, porém buscando trazer a consciência a necessidade da empatia com a luta do próximo. As mulheres superaram diversas limitações e barreiras desde a existência de seu gênero e, poder somar com esse enfrentamento deveria ser um compromisso de cada indivíduo independente a como se identifica.

2 GÊNERO E MULHERES

Implicações envolvendo a permissão ou a aceitação de mulheres em determinados espaços, funções ou cargos provém de uma cultura desacreditada na equidade entre os gêneros. Baseando-se no entendimento de Scott (1995, p. 86) sobre a definição de gênero, a autora busca descaracterizar uma noção de atribuição do termo às diferenças fisiológicas de mulher e homem, distanciando do saber dos sexos biológicos e conduzindo aproximação a organização social firmada com relação aos indivíduos,

Gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre a mudanças nas representações do poder, mas a mudança não é unidirecional.

Quando se distancia a ideia do determinismo biológicos aos sujeitos, atribui-se, portanto, o início da discussão sobre gênero em seu significado de consequência, ou seja, um constructo social, e não de algo inerente, nascido com as pessoas. Louro (1997) e Felipe (1999) concernem o conceituar o termo gênero à feministas estudiosas que iniciaram a reflexão acerca das diferenças com a sexualidade e a movimentarem-se com as lutas em favor de mais igualdades e consentimentos de direitos.

O movimento feminista, surgiu como força para combater a exclusão das mulheres como protagonistas no meio social, mostrando motivos para juntarem-se na busca de direitos e por liberdade, manifestando a incoerência do sexismo e pondo em pauta seu fim.

Foi nos Estados Unidos a primeira vez a ser utilizada a palavra *feminismo* início do século XX, eram mulheres e homens que denominavam um, até então, novo movimento de objetivos já conhecidos, ou seja, mais direitos e espaços de exercício para o gênero feminino (GARCIA, 2015), sendo um marco nessa iniciação o movimento sufragista no final do século XIX e começo do século XX na reivindicação pelo direito ao voto. Mas “quando se pretende referir ao feminismo como um movimento social organizado, esse é usualmente remetido, no Ocidente, ao século XIX” (LOURO, 1997, p. 14). O ponto de partida foi nos Estados Unidos e principalmente a condução das mulheres americanas, no entanto o movimento feminista escalou as barreiras geográficas e deu voz para mulheres de países distintos e também de culturas dissimilares.

Para feminismo há muitas definições e entendimentos do que vem a ser esse movimento, haja vista justamente essa diversidade de lutas, de vivências e até privilégios dentro do próprio grupo. O movimento feminista expandiu suas ideias e abarcou necessidades

e buscas diferentes e por isso, há divisões dentro do próprio feminismo. Esse consenso aberto é encarado como um problema elementar no discurso feminista para Hooks (2019), a falta de compreensão dos objetivos do movimento também é um empasse, tendo em vista a não adesão de algumas mulheres que ainda não enxergam o feminismo com um aliado.

Hooks (2019, p. 20) traz seu pensamento do que vem a ser o feminismo e o coloca em uma esfera muito maior de importância, a saber, a comparação com definições de engrandecimento da igualdade entre homens e mulheres,

O feminismo é uma luta que pretende acabar com a opressão sexista. É, portanto, uma luta que visa erradicar a ideologia de domínio que se difunde na cultura ocidental a vários níveis, bem como um compromisso de reorganização da sociedade para que o desenvolvimento individual de cada pessoa prevaleça sobre o imperialismo, a expansão econômica e os desejos materialistas. Ao ser definido desta maneira, é pouco provável que as mulheres adiram ao movimento feminista apenas por serem biologicamente iguais.

O movimento feminista é uma organização com participantes principalmente do gênero feminino que procura aos poucos atenuar os danos do patriarcado e da superioridade masculina culturalmente estabelecida, reconhecendo as injustiças levantadas principalmente contra as mulheres, procurando conscientizar a população independente do gênero, que mudanças precisam ser iniciadas para a liberdade e direitos serem comuns a qualquer pessoa.

As privações inquiridas às mulheres residem desde incontáveis anos passados, perdurando, mesmo que em nível menor, na pós-modernidade. Fez-se natural e aceitável o entendimento cultural hierárquico entre os gêneros em esferas distintas da sociedade, se tornando aceitável o modelo de superioridade e inferioridade nas relações de gênero (SILVA, 2012). Essa oposição construída entre os gêneros como afirma Louro (1997), não é uma ação inerente nem mesmo fixa, mas sim foi construída, a ponto de ser prolongada a lógica abrigada no discurso de que exerce papel de dominante e quem exerce papel de dominada (o) na sociedade. Encontrar domínios do gênero masculino não é tarefa difícil, visto a imposição de superioridade e autonomia designada aos homens e subestimadas às mulheres, visto que,

historicamente, identifica-se uma maior apropriação pelos homens do poder político, do poder de escolha e de decisão sobre sua vida afetivo-sexual e da visibilidade social no exercício das atividades profissionais. (SANTOS; OLIVEIRA, 2010, p. 12).

Seguindo esse modelo de referência por anos, a longevidade do que se entende por patriarcado, a soberania dos homens sobre as mulheres (PATEMAN, 1993) marca, nocivamente a caminhada das mulheres. Para Saffioti (2004, p. 60) o patriarcado:

[...] não se trata de uma relação privada, mas civil; dá direito sexuais aos homens sobre as mulheres, praticamente sem restrições; tem uma base material; corporifica-se; configura um tipo hierárquico de relação que invade todos os espaços da sociedade; representa uma estrutura de poder baseado tanto na ideologia quanto na violência.

As consequências desse rastro da história são danosas para a evolução humana, enquanto sociedade. Os pensamentos arraigados na base histórica entram em conflito com as propostas ascendentes de mudanças justas, concebidas ao longo do tempo e persistem em afligir as mulheres psicológica e socialmente em estruturas hierárquicas.

A existência de uma divisão assimétrica entre os papéis desempenhados por ambos os gêneros, conduz a:

[...] uma soma de diversos elementos que faziam com que as mulheres permanecessem reclusas a vida doméstica, tendo como única finalidade a procriação e o cuidado com os filhos. Aos homens elas deviam obediência e respeito. (BARRETO, 2017, p. 4).

Isso se traduz como uma cultura estruturada de modo unilateral, resultando na desigualdade.

Historicamente, apesar das dificuldades encontradas pela inconformidade de serem tratadas como incapazes e postas para tarefas estabelecidas por outros, a trajetória só afirma a necessidade das primeiras reivindicações, as quais trouxeram resultados positivo e negativos.

Os efeitos impactam mulheres do século XXI de modo menos desigual se entra em vigor de análise a época do silêncio e do início dos movimentos de petição por visibilidade de seus direitos de cidadãs. No entanto, não há como ignorar a insistente diminuição dos papéis da mulher durante o passado e o presente. Por isso, Saffioti (2015) ressalta a necessidade de esclarecer as modalidades de violência que abatem a trajetória feminina, tentando aprender com o passado, resistir no presente, para garantir um futuro de oportunidades e direitos equivalentes para os gêneros.

A Constituição da República Federativa do Brasil, promulgada em 1988, reza em seu Artigo 5º: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes”:

I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição.

A garantia da isonomia assimila o reconhecimento normativo das atribuições, direitos, privilégios e restrições que deverão de igual forma ser aplicados a qualquer tipo de pessoa, independentemente de ser mulher ou homem. A instituição formal articulada em Constituição, convoca mudanças de cenários sociais, movimentando posicionamentos e pensamentos desiguais, a se tornarem segundo as normas, iguais para todos.

Ao se reportar sobre a libertação das mulheres Bourdieu (1995) refere que essa liberdade será vigente apenas quando houver mudanças nos mecanismos sociais. De certo, apesar de um passado de reivindicações recorrentes, ainda hoje são vistos moldes comportamentais arraigados ao passado, que colocam em dominação as classes culturalmente fixadas nessa posição.

O enfrentamento das questões de gênero não é considerado acontecimento do passado, pois ainda existe e está distante de se exaurir. São posturas apegadas ao paradigma da dominação masculina nas diferentes esferas sociais e, apesar das mudanças na lei, nas ruas e em discursos aliados à práxis, há a relutância de rever os erros históricos de inferioridade de gênero e encarar a igualdade nas diferenças (SCOTT, 2007). Também, Passos (2000, p, 37) afirma que

ainda hoje, pese todas as transformações ocorridas na condição feminina, muitas mulheres não podem decidir sobre suas vidas, não se constituem enquanto sujeitos, não exercem o poder e principalmente, não acumulam este poder, mas o reproduzem, não para elas mesmas, mas para aqueles que de fato controlam o poder.

É certo que os moldes de tratamento, inserção e consentimento de direitos ao gênero feminino, conquistados como resultado de lutas por parte de uma sociedade organizada inconformada com as condições de falta de garantias a esse grupo, asseguram um estado positivo para aquelas anteriormente suprimidas em concessões básicas, como no aprendizado da leitura ou decidir com quem deseja casar-se. Passos (2000), no entanto, alerta ao não conformismo ante aos avanços claramente visualizados na sociedade, visto o quanto ainda é necessário construir papéis importantes nos quais haja, não superficialmente, mas seja factível a autonomia feminina. É sabido das buscas por igualdade salarial, oportunidades formais de emprego, por inserção maior na esfera política e em altos cargos organizacionais, além da divisão das tarefas domiciliares para retificar a dupla jornada feminina, entendendo que o

trabalho privado não seja exclusivo ou mais exaustivo para mães, filhas ou qualquer representação da mulher na esfera familiar.

3 A INSERÇÃO DAS MULHERES NA CIÊNCIA E SUA PRESENÇA EM ESFERAS CIENTÍFICAS

O círculo científico se iguala aos demais espaços aqui mencionados e faz parte de uma cultura contrária à presença da mulher. Basta rememorar os grandes nomes de cientistas e pesquisadores de importantes feitos e dificilmente ocorrerá o nome de uma cientista, visto as barreiras impetradas no que consiste a educação dedicada a elas, pois havia o entendimento, assim como emitiu um intitulado sábio inglês em 1888, que as mulheres não eram nem a metade da raça, mas uma subespécie de apenas uma ocupação de vida, reproduzir (BEAUVOIR, 1970).

Nessa perspectiva, não se estuda com tanta frequência nas escolas sobre as poucas que conseguiram notoriedade. Os livros estão voltados para os nomes de homens cientistas, inegavelmente condutores de estudos e descobertas essenciais, mas, consequentemente, reduzem aos estudantes referências científicas e a notabilidade das mulheres, parte da história evolutiva da ciência. Lembrar de nomes como Galileu Galilei (1564-1642), Isaac Newton (1643-1727) ou Albert Einstein (1879-1955) será certamente mais recorrente a lembrança ao comparar a cientistas como Ada Lovelace (1815-1852), Marie Curie (1867-1934) ou Alice Ball (1892-1916). Não é objetivo comparar quais pesquisas suscitaram maior importância, mas demonstrar que na esfera científica a inserção do gênero feminino foi arrefecida e ainda, aquelas, mesmo com marcos significativos são postas como esquecidas.

A carreira científica esteve por muito tempo associada a um exercício masculino, como Immanuel Kant atrelou tal atividade, referindo-se a quem “possuísse barba” (MASSARANI; CASTELFRANCHI; PEDREIRA, 2019). De fato, locuções como estas e a trajetória histórica das mulheres representam a impossibilidade vivenciada de chegar a uma posição de cargo acadêmico ou dedicar-se a pesquisas em institutos científicos ou até mesmo graduar-se com uma titulação básica para uma possível extensão como cientista e/ou pesquisadora. Como afirma Schiebinger (2001), a ciência vista atualmente é um produto de anos de exclusão das mulheres, logo a estrutura científica não se estabeleceu favorável para estas, a predominância do gênero masculino não era uma opção, mas uma imposição dessa estrutura espelhada nas demais esferas sociais, favorecendo assim o desenvolver da

intelectualidade do homem para investigar, descobrir, e desse modo, dominar o espaço da ciência.

Pontuais progressos aconteceram por volta dos séculos XV ao XVII, em que se havia permissão para poucas aristocratas, de certa forma, auxiliarem os estudiosos contribuindo com esse formato para o modelo que temos hoje da ciência (LETA, 2003). Nesse panorama, há de ser constatado o espaço temporal para a inserção mais expressiva do gênero feminino na comunidade científica. O torpor anterior ao século XV mostra a extensão da invisibilidade projetada ante possíveis destaques sufocados em decorrência da histórica desigualdade de gênero, a qual não permitia que mentes pudessem contemplar à ciência e também à sociedade como um todo, com investigações que poderiam ser influentes e decisivas.

Retardar o direito à educação, ao exercício intelectual e conduzir as pessoas a limitação do pensamento, não representa nocividade apenas para o referido grupo, contudo, relega ao campo científico, por exemplo, outras alternativas de crescimento em explanações teóricas e resultados concretos. Retroagir as mulheres de participarem de cenários que competem a qualquer cidadão, pode certamente ser antônimo de progresso. Guimarães e Aras (2016) ressaltam as insistências para provar a existência diminuta da mulher no intuito de preservá-la como ser dominado e impedi-la de elevar-se em alguma circunstância social.

Note-se que persistentes investigações foram feitas em corpos de mulheres dissecando-os e testando-os, a fim de comprovar a imperfeição e inferioridade mediante a anatomia de seu corpo, afirmando os cientistas que por se tratar de uma versão diferente do homem, elas eram precárias de razão e preenchida por paixão. Essa constatação permitiu a invisibilidade feminina na esfera pública e consequentemente no âmbito científico.

Valian (2007) resgata a diferença de talentos entre os gêneros, havendo o questionamento investigativo das explanações de pesquisas antecedentes, indicando que mulheres são menos talentosas do que os homens, voltando-se para áreas de estudos como as *ciências naturais e matemática*. São anos despendidos em testes e estudos para identificar pontos análogos no desenvolvimento dos gêneros nas variadas especialidades científicas e até investigações neurais. Valian conclui em negativa sobre sub-representações ou demonstrações de menor talento das mulheres nos estudos desenvolvidos, observando falhas nas conclusões e vertentes tendenciosas com o propósito de reduzir a capacidade feminina. Os cérebros femininos também foram alvos de estudos em busca de encontrar validação para diferenças intelectuais entre homens e mulheres.

Em artigo publicado pela Revista *Nature*, Lise Eliot (2019) descreve o *neurosexismo*, conforme o mito de que homens e mulheres têm cérebros diferentes. Eliot destaca a

reprodução de preconceito social, mostrando sua inserção até nas investigações científicas, para compor um status de inferioridade e incapacidade da mulher; estudos estes que há anos estão sendo desmentidos e comprovados seus erros. Eliot destaca a condução de Gina Rippon em estabelecer a descrença em pesquisas que desacreditam a mulher e tentam manter barreiras culturais para sua imersão na ciência e ainda nas áreas específicas, comumente atreladas a pesquisadores do gênero masculino.

Rippon (2019) no livro *O cérebro com gênero: a nova neurociência que quebra o mito do cérebro feminino*, sente a necessidade no século XXI de refutar o menosprezo à capacidade da mulher e afirmar a intangibilidade de resultados compatíveis a uma teoria ainda tida como certa, mesmo com o avolumar de mulheres em universidades e ascensões em títulos acadêmicos, nas mais diversas vertentes científicas, apontando a cultura a ser invalidada, como a causa de ainda haver menor aderência a determinados campos da ciência.

3.1 A OCUPAÇÃO DAS UNIVERSIDADES EM RELAÇÃO AOS GÊNEROS

A educação é um norte libertador para o ser humano, a busca pelo conhecimento é a busca pela transformação. Devido ao histórico de obstáculos erigidos ante as mulheres no tocante a esse segmento, principalmente para elas, a educação se tornou uma forma de resistência. “A primeira descrição das perspectivas da mulher na carreira científica é a sua presença na universidade” (OLINTO, 2011, p. 72). Os passos para qualquer cientista/pesquisadora (or) precisam ser intercalados com uma graduação como elemento base. A problemática se encontra em um passado de anulação à presença de mulheres em ambientes acadêmicos, assim aponta Schiebinger (2001, p. 61):

[...] as universidades não foram boas instituições para mulheres. Desde sua fundação no século XII até o final do século XIX e, em alguns casos, até o início do século XX, as mulheres eram excluídas do estudo.

A priori, as cientistas de destaque possuíam, além de serem mulheres, uma condição em comum, pertenciam à nobreza. Elena Cornaro (1646-1684) era filha de pai estimado na sociedade veneziana, tendo crescido cercada de incentivos para sua educação, desenvolvendo o domínio de diversas línguas e era aplicada em estudos como a música, filosofia e teologia. Ainda pelo incentivo do pai, Cornaro foi conduzida a Universidade de Pádua, chegando ao grau de doutorado. É inegável a mente genial da filósofa, permitindo-se chegar a posições de destaque no meio acadêmico.

Infelizmente outras mulheres não obtiveram tamanho encorajamento familiar nem investimento para ascenderem como cientistas e/ou pesquisadoras.

A matemática Maria Gaetana Agnesi (1718-1799) era uma italiana filha de um professor de matemática que a estimulava a participar de reuniões de sua própria organização, contando com a presença de acadêmicos, cientistas e intelectuais (CARVALHO; CASAGRANDE, 2011). Também de família nobre foi conduzida por uma educação privada, pela qual adquiriu vasto conhecimento para evoluir sua intelectualidade e protagonizar a história de mulheres que, mesmo em tempos de escassez destas, em âmbito universitário, pôde fazer diferença.

González Garcia e Pérez Sedeño (2002, p. 5) recordam a proibição para o acesso das mulheres nas instituições por diferentes países, sendo morosa a aceitação,

Demorou vários séculos para que, como um grupo, e não a estranha exceção, elas fossem admitidas nas universidades. Nas universidades suíças, elas não foram aceitas até a década de 1860, nas francesas até a década de 1880, na alemã até 1900 e nas inglesas até 1870. As universidades americanas mais novas não eram muito diferentes. Criada a partir do século XVII, a primeira universidade a admitir mulheres foi a de Oberlin, em 1837, mas em departamento separado dos demais e sem que pudessem obter o diploma. Na Espanha, as portas das universidades foram abertas para as mulheres em 1868, mas uma lei de 1880 introduziu a exigência de que a superioridade desse permissão expressa para a entrada de mulheres. O acesso gratuito sem permissão não foi permitido até 1910 e nenhuma espanhola poderia ensinar na universidade até 1916.

Nas décadas de 1960 e 1970 do século XXI percebe-se um enfraquecimento da homogeneidade masculina na ciência para a inclusão das mulheres, por meio de decretos, reivindicações e banimento de discriminação de gênero (SCHIEBINGER, 2001).

No Brasil, a baixa escolaridade para a maior parte da população trouxe ainda mais a incapacidade da educação de qualidade e ensino superior para todas (os), contudo é possível relatar que a ascensão feminina ante a probabilidade de ingressar no ensino superior, se deu apenas a partir da década de 1960 (PEREIRA; FAVARO, 2017). Após anos de invisibilidade elas conquistaram a ocupação de ambientes incentivadores da ciência e também puderam ser reconhecidas como cientistas e pesquisadoras, possibilitando a visualização de mulheres cientistas aceitas como tais e com méritos.

Com esses triunfos, os quais fortaleceram não apenas uma classe de pessoas, mas seguramente toda uma sociedade, faz-se indispensável encarar a continuidade até os dias atuais, nas buscas por direitos, acessos, ascensões e uma cultura igualitária, atribuídos indistintamente de forma permissiva ou de contingência para qualquer ser humano. Mudanças

e avanços, como já relatados aqui, ocorreram para trazer a iniciação do que ainda pode ser considerada uma utopia para a equiparação de gênero no universo científico especificamente, mas os dados quantitativos demonstram que em certos níveis, há sim uma igualdade numérica e até de superioridade das mulheres em relação aos homens cientistas e pesquisadores.

Por volta das últimas décadas do século XX, relata Meadows (1999), cresceu vigorosamente os estudos acerca de mulheres participantes da ciência, principalmente nos países ocidentais, constatando-se que as mulheres pesquisadoras estiveram assumindo espaços vinculados à pesquisa, mais fortemente, ao final do século passado.

Nos Estados Unidos elas assinalaram participação e conquistaram o nível de doutoramento desde áreas como a física, ciências biológicas e ciências sociais, no entanto foi nessa última, a ciência pela qual as mulheres conseguiram uma maior proporção de crescimento, chegando ao nível de doutorado.

Quantitativamente, a ciência resulta dados de proporcionalidade entre pesquisadores homens e pesquisadoras mulheres, o que seria inconcebível há poucas décadas tornou-se o factual exercício de direitos comuns para quem é parte de uma sociedade. Esses números, apesar de serem visualizados com cautela, mede indicadores de equidade de gênero nas universidades, em ambientes de pesquisa e em toda a comunidade científica.

Olinto (2011) observa a paridade de gênero entre homens e mulheres matriculados em cursos de graduação no ano de 2010 no Brasil. Com 57% a 43% as mulheres se mantiveram em maioria desde períodos anteriores aos anos 2000. Sem analisar as demais circunstâncias dessa situação dos gêneros, poderia ser deduzir que maiores seriam as chances da superioridade feminina em domínios científicos e de pesquisa.

Ainda baseados nas décadas finais do século passado, Velho e León (1998) consideram a expansão participativa do gênero feminino com matrículas vigentes em instituições de ensino superior. Um fato importante versa na percepção dessa situação em países de contextos políticos, econômicos e sociais distintos, tais como, os Estados Unidos, Filipinas e o Brasil, todos apontaram, no período descrito, para a próxima condição de igualdade no ensino superior entre mulheres e homens.

No Brasil, o predomínio do gênero feminino em qualquer área não seria fator inesperado se fosse levado em consideração a superioridade desse grupo por habitantes em contraponto da força da superioridade masculina estabelecida culturalmente, a saber os dados desde 2012 fornecidos pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (IBGE, 2019), revelando a porcentagem favorável às mulheres pelo quadro quantitativo.

Em 2019, de acordo com os dados das Características Gerais dos Domicílios e dos Moradores, 51,8% eram de mulheres e 48,2% de homens, sustentando em sequência de anos essa prevalência demográfica.

González Garcia e Pérez Sedeño (2002) vislumbraram em pesquisa, a existência maior da presença de cientistas e pesquisadoras na história científica, em contraste com outros estudos frequentes. Não obstante validaram a invisibilidade sofrida por estas em seus períodos de atividade, bem como em seus legados e, mesmo em quantitativo um pouco maior ao sabido pelas investigações anteriores, buscou-se identificar o porquê da inclusão ainda assim tão pequena das mulheres em esferas envolvendo a ciência.

Desse modo, com o aprofundamento sob a temática de gênero,

[...] pesquisas mostram que o número de mulheres nas disciplinas científicas e nas tecnologias não é tão pequeno como costumam afirmar, embora sua presença fique oculta por preconceitos e concepções distorcidas da História da C&T. (ICHIKAWA; YAMAMOTO; BONILHA, 2008, p. 2).

Escassas mulheres e mesmo assim, ainda ignoradas e deslegitimadas em seus feitos. Apagar essas trajetórias é anular parte da ciência. Apesar dos obstáculos registrados na trajetória do gênero feminino a atualidade unida a estas últimas décadas, apontam um percentual de distribuição entre homens e mulheres nos níveis acadêmicos, favoráveis a elas no Brasil. Pautadas em investigações, algumas autoras reconhecem a ascensão e equiparação feminina em meios científicos, conforme afirmam Carvalho e Casagrande (2011, p. 29) sobre a percepção preliminar e atual da posição da mulher:

Se considerarmos o momento atual em que vivemos podemos constatar que aquele passado sombrio para as mulheres que queriam produzir conhecimento científico já não existe mais. As universidades estão totalmente abertas a elas e hoje, em muitos países, o número de mulheres que frequentam os mais diferentes cursos é maior que o número de homens. É claro que nem todas as alunas serão cientistas, mas para o exercício do magistério superior há a exigência de produção científica, especialmente em cursos de pós-graduação, portanto a exigência de trabalhos científicos. Pode-se afirmar então que elas estão produzindo ciência.

Barreto (2014) averiguou estes significativos avanços nos diversos níveis educacionais brasileiros, seja em cursos presenciais ou a distância, em rede pública ou privada, manifestados substancialmente em todas as regiões do país, acreditando Silva e Ribeiro (2014) nos contributos do feminismo contemporâneo perante as positivas modificações encontradas no Brasil e similarmente em outros países. Na perspectiva mundial desde 1970,

enquanto houve o acréscimo de sete vezes o número de mulheres com matrículas ativas na educação superior, a atuação dos homens elevou-se apenas quatro vezes (BARROS; MOURÃO, 2018), significando o decréscimo quantitativo do domínio masculino.

De acordo com os dados oficiais emitidos pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) via censos históricos do Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, viabiliza-se a quantidade e distribuição dos pesquisadores conforme o Quadro 1:

Quadro 1 - Distribuição percentual dos pesquisadores segundo o Gênero

	2000	2002	2004	2006	2008	2010	2014	2016
GF	44%	46%	47%	48%	49%	50%	50%	50%
GM	56%	54%	53%	52%	51%	50%	50%	50%

Fonte: Censo CNPq, 2016

O crescimento das mulheres foi constatado conforme os anos, estando em igualdade até o censo de 2016. Tendo em vista o percentual acima, há uma década as mulheres brasileiras conseguiram superar o passado de desigualdade numérica e as obrigações de se manterem focadas em atividades privadas, demonstrando a existência de suas capacidades e competências para se tornarem pesquisadoras e parte da comunidade científica do Brasil.

Necessário se faz reconhecer a participação ativa das mulheres docentes/pesquisadoras nos estudos inseridos na área da Ciência da Informação (CI) em âmbito nacional, quando verifica-se a expansão destas, em comunidades de pesquisas como exemplifica os dados do CNPq, estando a colaborar e debruçar-se entre assuntos de caráter científico para toda uma área de estudo. Vê-se nesse aspecto o andamento ascendente da produção e comunicação da ciência, tendo em vista os períodos de inexistência e/ou irrelevância quantitativa das mulheres nestes espaços.

Silva *et al.* (2006) evidenciam a dispensabilidade de estender ações na CI, com a finalidade de conduzir as mulheres da área na direção da prática da pesquisa, uma vez que estas já estão inclusas com autonomia em grupos de pesquisas. Os autores consideram que a CI no Brasil “[...] é uma ciência vinculada à produção científica de pesquisadores do gênero feminino” (SILVA *et al.*, 2006, p. 174), logo, tal gênero é o responsável pela maioria de pesquisas produzidas pela área nacionalmente.

3.2 GÊNEROS E AS ÁREAS CIENTÍFICAS

Apesar de galgadas plataformas no contexto da educação, o que oportunizou ao menos minimamente a presença de mulheres na ciência, há de ser observada a tendência em padronizar as escolhas que lhes sejam peculiares de acordo com a realidade histórica, ou seja, induzindo essas mulheres e aceitando-as mais facilmente em áreas científicas consideradas “femininas”. E interessante é perceber, a despeito das perspectivas das mudanças pelas quais transitaram o público feminino, atravessando limitações e sobressaindo com êxito em algumas lutas por direitos, que o fim da desigualdade ainda não foi alcançado, mesmo com o triunfo de grandes acontecimentos como a possibilidade de adentrar em instituições de ensino superior, inserção na esfera científica como pesquisadoras, por exemplo, é preciso, mesmo assim, compreender e rebater as marcas deixadas por uma cultura androcêntrica.

Para essas disparidades, autoras a exemplo de Bolzani (2017) alertam para a prioridade de visualizar o fragmento e não apenas o todo da ciência, ou seja, cabe verificar as áreas do conhecimento separadamente e não acatar como suficiente a já citada igualdade numérica das mulheres e negligenciar a desproporcional atuação das mesmas nas diferentes áreas do conhecimento. Citando o entendimento de áreas masculinas e femininas trazidas como verdades durante muito tempo, como um passaporte de qual especialidade podem exercer.

As áreas de ciências agrícolas, ciências exatas como a matemática e a física, possuem um percentual de homens muito distante da participação das mulheres (BOLZANI, 2017). Isso corrobora a interpretação da inserção e até aceitação limitante de estudantes pesquisadoras nessas áreas. Na atualidade um dos grandes desafios para as mulheres é conseguir adentrar em cursos predominantemente frequentados pelo gênero masculino, uma vez que a permanência destas nas universidades também é uma questão em torno da mulher acadêmica, pesquisadora, cientista (PEREIRA; FAVARO, 2017).

Ciência *hard* ou ciência *soft*? Qual delas as mulheres podem estar inseridas? Qual dessas elas foram instruídas a participar? Elas são bem aceitas em ambas?

Hard e *soft* são distinções de áreas do conhecimento como as ciências naturais e exatas (*hard*) conhecidas por desempenharem estudos robustos, emanando objetividade e resultados quantitativos alcançados em um trabalho duro e analítico. Já as ciências sociais e as humanidades (*soft*) são vistas como opção à imparcialidade, lidando com resultados qualitativos e epistemologia aberta (SCHIEBINGER, 2001), sendo menos rigorosas no emprego dos métodos científicos.

Em relatório publicado pela *Elsevier* em 2017 - *Gender in the Global Research Landscape* - Nas áreas como Ciência da Computação, Engenharia, Matemática e Física têm menos de 25% de mulheres entre pesquisadores, observando a maioria dos países, contudo quando analisadas as áreas de Ciência da vida e Saúde, por exemplo, a representatividade feminina é maior (ELSEVIER, 2017).

A realidade vista nessas afirmativas faz crer na necessária evolução do lema criado por Máire Geoghegan-Quinn em 2012, quando promoveu a campanha *Science: It's a girl thing!* (Ciência é coisa de menina) (MASSARANI; CASTELFRANCHI; PEDREIRA, 2019), para o lema atualizado – Toda Área Científica é Coisa de Menina – insistindo em desfazer esse agrupamento estabelecido no que diz respeito aos gêneros por área do conhecimento, enfatizando a possibilidade de qualquer pessoa ser uma cientista independentemente se mulher ou homem e ainda se em filosofia ou química.

Ao imaginar determinadas profissões, é possível formular a persona que nelas atuam, e o cérebro por acostumar-se com essas distinções culturais estabelecidas, limita-se a dispensar, ao menos a priori, o vislumbre do gênero feminino praticando muitas profissões. Expectar ou aceitar mulheres exclusivamente nas ciências sociais e humanas corresponde a enquadrá-las em padrões acadêmicos nos quais elas não carecem seguir. É a condição das mulheres (SAFFIOTI, 1976) de uma longa jornada de escolhas tolhidas. Porém decidir seguir ser cientista nas exatas ou sociais deve ser a atual e futura condição do gênero feminino.

A presença das mulheres no domínio da física é considerada tímida desde a graduação até os mais elevados níveis da academia e quanto mais é ascendida a escala acadêmica, menos mulheres estão inclusas (SVARCZ, 2017). Ao menos na primeira década do século XXI é afirmada a baixa participação do público feminino nesta área *hard* e tendo essa perspectiva, Lima e Barbosa (2013, p. 84) examinam as condições da sublevação desse gênero e como essa característica pode ser modificada, apontando que,

[...] o aumento de pesquisadoras em Exatas só será possível se houver uma mudança cultural, que pode ser impulsionada pela implementação de políticas públicas. Neste sentido, consideramos que o aumento da participação feminina nas Exatas bem como maior representatividade nos altos níveis da carreira necessita de ações afirmativas específicas [...] Também é importante buscar formas de dar visibilidade ao trabalho das mulheres na ciência e na tecnologia.

Lombardi (2013) disserta sob a ótica da engenharia, podendo verificar a constância nos dados de igual segmento como as demais ciências exatas, naturais e da terra.

Pesquisadoras e docentes na engenharia seguem uma evolução morosa e ocupam espaços escassos, a saber as ciências julgadas femininas.

Os dados de 2008, confirmam que 25% era a parcela da atuação das pesquisadoras na engenharia em instituições de ensino superior no Brasil, no entanto quando comparado esses dados com as demais ciências, o número era de 49% de mulheres encontradas fazendo pesquisas. Confirma-se então a interpretação de “[...] quanto mais *soft* a ciência, maior a taxa de participação feminina” (SCHIEBINGER, 2001, p. 298).

A tecnologia da informação acumula uma trajetória baseada na exclusão feminina em seu contexto, optando e preparando o gênero masculino para apropriar-se desta área e dominá-la. Mesmo que mulheres tenham conseguido fazer carreira neste meio, considera-se a minoria desse grupo, tendo em vista o paralelo entre as ciências *softs* e *hards*. Dessa forma, “as mulheres são vítimas da manifestação digital da atribuição de gênero, no que tange à divisão social do trabalho e à socialização tecnológica” (BERRÍO-ZAPATA *et al.*, 2020, p. 5), deixando-as atrasadas além dos moldes educacionais e científicos ligados a TI, colocando-as com insuficiência de conhecimento ante a sociedade e em descompasso com a realidade do gênero masculino, que são providos e incentivados culturalmente no conhecimento da área.

Ao refletir acerca das considerações de divisões dos espaços masculinos e femininos, há de ser contemplado um panorama mais amplo do que o imediatismo da situação. Os resultados comprovados atualmente são compilações da trajetória do gênero feminino e fundamentações de ações que se estabeleceram séculos atrás. Lima e Barbosa (2013) ponderam fatores socioculturais influentes nas decisões de mulheres a se distanciarem das ciências exatas e naturais, pois quando meninas são levadas pelo sexismo a brincarem e serem hábeis no que diz respeito ao cuidado, por exemplo. Assim, crescem longe de atividades que sugerem força, práticas de construção e até mesmo posições elevadas. Fernandez (2018, p. 1) afirma que:

Os efeitos de um estereótipo podem ser positivos no grupo dominante, mas reconhecidamente danosos nos dominados. Estudos sugerem que mulheres têm noção bastante clara de que, de um modo geral, são consideradas incapazes ou com capacidade cognitiva reduzida para cálculos matemáticos, raciocínio lógico e orientação espacial.

Uma peculiaridade observada em torno das áreas historicamente tidas como masculinas, se concentra na superioridade da progressão profissional, maior credibilidade e prestígio (MENEZES, 2016), os espaços menos rentáveis eram então ocupados por mulheres. Assim, as dificuldades enfrentadas por *elas* na trajetória acadêmica podem ser conceituadas

como parte do *labirinto de cristal* (LIMA, 2013). Empecilhos encontrados unicamente pela razão de seu gênero, a saber a inserção nas áreas *hards*, tornando a vida científica de uma mulher, cheia de obstáculos que certamente as afetam no seu desenvolvimento pessoal e na contribuição para sua área de atuação. Isso pode causar a desistência de seguir a carreira e complicações na ascensão profissional, despendendo mais energia ao comparar à situação do gênero oposto como cientistas e pesquisadores. Uma realidade vista também fora do âmbito científico.

A metáfora do *labirinto de cristal* é, segundo a autora, um aprofundamento atento da também metáfora: *teto de vidro*. A primeira reflete as dificuldades não apenas de chegar ao topo de uma carreira científica – ambiente foco desse trabalho – mas nos transtornos do que era para ser o simples ato de trilhar o percurso na busca de ser uma pesquisadora. Contudo, ambas trazem aspectos em comum, um desses é a analogia do *cristal* e do *vidro*, os quais remetem à transparência ou invisibilidade, apontando as problemáticas enfrentadas pelo gênero feminino como camufladas, no entanto, reais na vivência da maioria delas.

Teto de vidro é a expressão empregada por Christine Williams (1995) na qual é posto a intervenção no crescimento hierárquico em torno das mulheres; desde então, autoras e autores dissertaram na concordância da existência desse fenômeno. “A existência de barreiras ao acesso a níveis de maior hierarquia e prestígio compromete, geralmente, as mulheres na construção da sua carreira na ciência” (SILVA; RIBEIRO, 2014, p. 450).

Mesmo nas áreas de conhecimento reconhecidas como majoritariamente feminina, ainda é possível atestar os postos de liderança ocupados pelo gênero masculino. O contrário dessa situação é escasso. Logo, o *labirinto de cristal* é a segregação horizontal na carreira científica das mulheres, decorrente de limitações na introdução das mesmas em universidades e em alguns campos científicos, por exemplo; já o *teto de vidro* seria a segregação vertical, o que diz respeito a barreira transparente, porém existente que impede a ascensão do gênero feminino de conseguir êxito para chegar ao topo da carreira acadêmica e em espaços de lideranças. A base sempre foi a colocação das mulheres na estrutura de invisibilidade da capacidade nelas habitadas, primeiramente excluindo-as e calando-as em atitudes de supressão, depois delimitando o terreno no qual eram “permitidas” circular. Contudo, embasadas na constituição de direitos e deveres iguais a qualquer pessoa, o objetivo já não é apenas ser incluídas, visto que de certo ponto já faz parte da conquista, mas ascenderem como seus pares do gênero masculino.

Para refutação, utilizar como argumento a baixa profissionalização ou especialização das mulheres na área em que desejam atuar é impertinente, visto que as,

[...] cientistas competentes e brilhantes são mantidas nos níveis mais baixos da escala da comunidade ou enfrentam um "teto de vidro" que não podem romper em sua profissão. A história mostra que este não é um fenômeno recente. (GONZÁLEZ GARCIA; PÉREZ SEDEÑO, 2002, p. 7).

Quando se situa a falta de chefia e liderança das mulheres nos espaços científicos, entende a realidade que desconsidera qualificação e profissionalismo, mas focaliza na distinção do gênero.

Nos censos divulgados pelo CNPq é possível verificar a **condição de liderança** nos grupos de pesquisa avaliados. A tabela de *distribuição percentual dos pesquisadores por sexo segundo a condição de liderança* aponta crescimento entre os anos de 1995 a 2016. Em 1995, 66% dos homens eram líderes, enquanto que 34% das mulheres exerciam liderança. Na primeira avaliação do século XXI, nos anos 2000, esse número sofreu uma irrisória redução de 61% e 39%, respectivamente. Contudo em 2016 verifica-se 53% dos homens líderes para 47% em referência as mulheres, constatando que em pouco mais de duas décadas o gênero dominante prevaleceu no topo, no entanto serve de motivação para encarar o avanço do papel de liderança das pesquisadoras com o passar do tempo.

Não somente no Brasil, mas cabe compreender essa desigualdade em países mais desenvolvidos de acordo com os dados oficiais, como em Portugal. Apontando a pesquisa que no país,

women comprise more than 50% of doctoral graduates, scientists, engineers and tertiary educated and employed professionals. 44% of researchers overall are women. However, only 30% of heads of institutions in the higher education sector are women, a steep decrease in the inclusion of women further along in the career pathway. (ELSEVIER, 2021, p. 17).

A carreira das pesquisadoras é aparentemente limitada e nivelada até certo estágio como vemos em Portugal, mesmo as pesquisadoras compondo quantitativamente a maior parcela de pessoas com títulos educacionais e participação no mercado profissional, suas funções de chefias decaem significativamente em comparação a ocupação dos cargos por homens. São mais mulheres trabalhando, mas são menos mulheres liderando.

Essa enorme diferença problematiza a representação na carreira científica das mulheres pesquisadoras, colocando em oposição, ao menos no Brasil, o quantitativo de quase igualdade na academia e a escassez nos cargos de maior responsabilidade e remuneração. Quando se fala sobre a atuação dos gêneros na docência

ao contrário da hegemonia feminina em praticamente todos os números relativos ao acesso ao ensino superior e à sua conclusão, o número de docentes do sexo masculino ainda é, em média, 10 pontos percentuais mais elevado do que o feminino.” (BARRETO, 2014, p. 19).

Pela numerosa participação feminina em todos os níveis acadêmicos, tal qual na graduação, iniciação científica e na pós-graduação, essa discrepância tenderia a ser inexistente ou ao menos inferior a essa realidade, que coloca as pesquisadoras profusamente atrás de seus colegas de profissão na docência. Em publicação recente a *Catalyst*¹ (2020) reúne cenários condizentes com a participação das mulheres acadêmicas em países distintos, tal como Austrália e Estados Unidos, apontando as categorias mais altas, em favorecimento da atuação do gênero masculino ao galgar os cargos acadêmicos. Na Europa, aproximadamente 40% dos cargos acadêmicos demonstram a atuação feminina, mas ao afunilar para cargos considerados de nível *A*, este número cai praticamente pela metade.

Como citado anteriormente, os Estados Unidos e o Reino Unido também são apontados como desiguais pela pesquisa da *Catalyst*, constando neste último um índice de desvalorização salarial para as mulheres, se comparado ao ganho dos homens. Nos Estados Unidos, a probabilidade de estas alçarem cargos de alto escalão é bem menos provável, em contraste ao gênero oposto que domina posições mais prestigiadas e rentáveis.

São factíveis as dificuldades que o gênero feminino enfrenta para se estabelecer na carreira acadêmica e ocupar locais de notoriedade, uma vez que as exigências são questionáveis, prevalecendo a fórmula avaliativa do “prove que você é capaz”. Corroborando esse pensamento Olinto (2011, p. 71) afirma:

Outra dinâmica sugerida em algumas pesquisas, que pode contribuir para explicar a dificuldade maior das mulheres em galgar postos de maior destaque – sendo este um exemplo típico da presença do teto de vidro - diz respeito à necessidade que as cientistas têm de apresentar mais credenciais para obter o mesmo benefício, seja este uma promoção, uma bolsa de pesquisa ou outro tipo de vantagem acadêmica. Tal necessidade se faz notar em situações em que as mulheres são submetidas a avaliações pelos seus pares. São, portanto, vários os indícios de que, através de diversos mecanismos sutis que se estabelecem no ambiente científico, criam-se vários tipos de barreiras para as mulheres, que dificultam a sua progressão profissional.

¹ Organização de alcance global sem fins lucrativos, fundada em 1962 com a proposta de assegurar espaços de trabalhos que sejam propícios para mulheres, com o intuito de elevar líderes. Junto a CEOs e grandes empresas, orchestra nessa parceria para cumprir seu propósito.

A barreira do nivelamento por capacidade incide em mais uma desvantagem aplicada às pesquisadoras, visto o esforço de provar potencial para alcançar determinada posição. O elemento produtividade já é, na realidade dos pesquisadores, motivo de esforço; produzir é praticamente o cartão de visita da sua atuação na área e até um dado que servirá como qualificação. Em relação ao público feminino, ser produtiva na academia excede o empenho de seus colegas pesquisadores, pois precisam demonstrar credenciais produtivas e assim, estar no páreo para conseguir uma oportunidade.

Em pesquisa com mulheres, parte do corpo docente, Velho e Léon (1998) perceberam a influência dessa cultura de maior exigência no comportamento de pesquisadoras, que também esperam de outras mulheres os feitos maiores e melhores em comparação aos homens para obterem sucesso. Essas pesquisadoras transmitem as mesmas percepções para suas alunas, e assim colaboram para incentivar mais uma geração de mulheres a exigir de si mesmas mais do que lhes é solicitado no ambiente acadêmico.

A desigualdade é refletida também pela concessão de oportunidade de bolsas entre pesquisadores e pesquisadoras (OLINTO, 2011; OLIVEIRA *et al.*, 2021), sendo esta uma situação que carece reflexão, pois apesar de haver mais mulheres nos níveis acadêmicos, menos bolsas de pesquisa são endereçadas a essa maioria. São cenários como esses que traduzem a distância vertical entre os gêneros e caso não sejam discutidos e problematizados, dificilmente haverá mudanças para trazer a equidade.

Segundo Ichikawa, Yamamoto e Bonilha (2008, p. 13), “[...] muitas vezes as dificuldades de ascensão na hierarquia das organizações se mostram tão sutis e transparentes, a ponto de serem invisíveis para as próprias mulheres.” O costume da estrutura na qual elas permanecem na base, as conduzem a um pensamento de normalidade e por vezes não conseguem enxergar a existência da segregação, mesmo sendo pontuadas numericamente quando não vistas a ocupação delas em altos cargos ou como líderes. As autoras revelam a consequência de uma cultura sexista, tão arraigada a ponto de pesquisadoras terem perspectivas de igualdade e meritocracia, acreditando que ambos os gêneros possuem chances igualitárias de crescimento, apesar de resultados preliminares indicarem o oposto.

O comportamento de imperceptibilidade por parte dos grupos dominados é reconhecido por Bourdieu (1995) como *preconceito desfavorável*, opondo-se à realidade e sujeitando-se a aceitação de desfavorecimento por censuras sociais. A dominação simbólica

efetuada pelos dominantes e aceita pelos dominados², retrai as mudanças acumuladas no encaixe social, a saber as pesquisadoras, acadêmicas e cientistas impossibilitadas de determinarem o estado de supressão vivenciados nas universidades e instituições científicas.

Apesar disso, como certificam Carvalho e Casagrande (2011), as mulheres sabem e concebem ciência, e esse ato contribui com conhecimento e avanços de impacto à humanidade e área em que atua. Em contraponto a aceitação, outras mulheres utilizam da pesquisa e de outros contributos para mudar essa condição de base e fazer no agora e para o futuro, um espaço de mulheres no topo da ciência.

3.3 A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA

A produção científica é uma atividade comum no desempenho de pesquisadoras e pesquisadores. As suas vivências na academia e os saberes somados são elementos que resultarão em novas literaturas. Artigos, livros, dissertações e teses que deverão ser reunidos como novos conhecimentos ou novas visões de conhecimentos existentes ao arco de literaturas científicas de uma área, sendo o produto material de qualquer pessoa que faz pesquisa. É compreendido que,

o registro da ciência é essencial à conservação e preservação de resultados, observações, cálculos, teorias, etc., possibilitando, assim, a crítica, aceitação ou não e aperfeiçoamentos posteriores. Entretanto, a comunicação desses registros é ação ainda mais importante, condição pela qual se possibilita o alcance público, permitindo, assim, a apropriação desses por outros indivíduos e, conseqüentemente, a geração de mais conhecimentos. (DROESCHER; SILVA, 2014, p. 171).

Quando uma pesquisadora (or) escreve e publica, o seu conhecimento é ali exposto e compartilhado seu registro científico, apesar de suas leituras anteriores e acúmulo de dados e informações recebidas de outras (os), a sistematização parte da autora e do autor de cada produção científica. Essa atividade é concernente a quem tem o que acrescentar à ciência e o seu compartilhamento é a ação de difundir dado conhecimento científico entre a comunidade científica, como ressalta Targino e Torres (2014) e, para fora da academia também.

Em matéria intitulada *Os múltiplos papéis da mulher e o desafio à produção científica*, publicada em 2020 pela Universidade Federal de Juiz de Fora, lê-se as diferenças encontradas por pesquisadoras quando o assunto é produzir cientificamente. As dificuldades são apresentadas pelo cenário privado quando o casal formado por homem e mulher

² Prezará pelo uso inflexivo da palavra quanto ao gênero, assegurando-se na forma utilizada pelo autor em sua obra.

compartilham das tarefas do lar, a saber os resultados ainda hoje demonstrados da ideia construída socialmente acerca dos deveres da mulher com relação as atividades do lar. Mesmo os debates movendo as mentalidades a refletirem que cada residente da casa deva ocupar-se nos trabalhos domésticos de forma compartilhada e dividida, a notícia aponta o quanto as mulheres pesquisadoras são mais atarefadas dentro de suas casas e isso, certamente minimiza o tempo de dedicação a academia e a produção científica. De acordo com Conceição e Teixeira (2020, p. 281), “o tardio acesso à educação e ao Ensino Superior por parte das mulheres, ocasionou o consequente ingresso e reconhecimento tardio das mulheres brasileiras nas carreiras científicas.” Tendo em consideração essa ausência das mulheres durante longos anos na esfera educacional em níveis básicos até consequentemente, ao superior, as produções científicas com pesquisadores como autores são quantitativamente maiores se comparadas as produções com mulheres como autoras. Essas também deve ser uma das mudanças gradativas quanto as relações de gênero, pois se mulheres começam a obter primeiramente acesso e posteriormente representatividade numérica na academia e espaços de desenvolvimento da ciência, elas terão a oportunidade de contribuir cientificamente de acordo com o conhecimento acolhido durante sua trajetória científica, ou seja, mais produções científicas feitas por mulheres serão construídas e publicadas. Mas como mencionado na matéria divulgada pela Universidade Federal de Juiz de Fora, estar inserida no meio científico não pode ser considerado validação para o desempenho das pesquisadoras no desenvolvimento bibliográfico, sua vida extra ambiente científico, com suas atribuições e atividades domésticas, por exemplo, devem ser ponderadas quanto a disponibilidade e tempo que terão para exercerem-se como autoras científicas. A produção científica é elementar para que assim ocorra a comunicação científica, ou seja, a literatura é disseminada principalmente entre os pares da academia, sendo avaliadas e qualificadas quanto a relevância científica.

Para Droescher e Silva (2014, p. 179), “essa qualificação é uma forma de reconhecimento do trabalho do pesquisador e, como consequência, faz com que ele seja visto pela comunidade acadêmica.” Mulheres produzindo ciência são mulheres vistas como cientistas, presentes não apenas em quantidade mais em representatividade e contribuição intelectual.

Analisando 12 países e 27 áreas do conhecimento, a Elsevier (2017) apontou a superioridade de publicações de artigos entre os homens, esses dados desfavoráveis as mulheres foi no Japão, uma exceção. No entanto, quanto aos *downloads* de documentos e citações, não recebem os impactos desse desequilíbrio, a saber a qualidade se diferencia da quantidade. Se essas publicações são medidas em nível externo aos países das autoras e dos autores, as análises “[...] revelaram que os homens publicam mais internacionalmente do que

as mulheres. No entanto, enquanto as que publicam internacionalmente tendem a ter um maior número de publicações e maior impacto da citação” (ELSEVIER, 2020, p. 66).

Quando mulheres deixam suas carreiras como pesquisadoras, logo abdicam também das contribuições científicas que poderiam a vir ser desenvolvidas pelas mesmas, as alegações por elas mencionadas são comuns entre si, ou seja, as mulheres possuem dificuldades semelhantes que as impedem de continuarem construindo suas carreiras na ciência. O compromisso com a família é citado como um dos empecilhos, a mulher ainda tem uma presença muito forte dentro de seu lar e com as obrigações domésticas, isso a obriga também a relegar uma carreira e uma vida bem sucedida fora a esfera privada que poderia ser paralela se o machismo estrutural não estivesse sido arraigado a sociedade e não fosse tão difícil modificá-lo (ELSEVIER, 2020). A discriminação e o assédio compelem também as pesquisadoras a avançarem como tais, por estas dificuldades enfrentadas se prefere o afastamento ou o abandono completo de suas atividades na esfera externa, isso acontece não apenas no ambiente científico, porém com muitas outras mulheres que conseguem construir uma carreira profissional. Apesar disso, as mulheres seguem avançando como produtoras de ciência (ELSEVIER, 2017) e um dos países com esse progresso é o Brasil, aparecendo em equilíbrio quanto as autorias de suas produções científicas.

4 ATUAÇÃO DAS MULHERES NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL

Percebe-se a Ciência da Informação com ligações sociais e humanas profundas, uma ciência atenta no que diz respeito a pesquisa científica e também ao realizar profissional junto da comunicação, da necessidade e do uso da informação tanto em margens sociais, individuais e institucionais (KOBASHI; TÁLAMO, 2003). Essa ciência lida com a informação em todos os seus aspectos, desvendando suas propriedades, o campo em que atua, como isso acontece, desde a natureza, gênese e seus efeitos. Compreendendo a CI e suas semelhanças com as Ciências Sociais, González de Gómez (2009) considera a perspectiva do uso social da linguagem relativa a informação.

A informação há muito foi instituída como objeto ou vertente de estudo de outras disciplinas, epilogando descrições que caberiam como concepções para a CI (LE COADIC, 1996). Devido a essas disciplinas que antecederam a CI, tendo a informação como ponto em comum, Saracevic (1995) refere que a CI é uma ciência interdisciplinar por natureza, relacionada com a ciência da computação, com a comunicação e a biblioteconomia, esta última, pelo interesse no papel social, afirmando-se que há evidências de uma forte ligação.

Capurro (2003) traduz a biblioteconomia como uma das raízes pela qual foi gerada a CI ou ao menos partilha de alguns pontos dos quais são estudados na disciplina, comprovado ao identificar as mesmas linhas de enfoque de ambas. No entanto não se pode confundir os interesses comuns com interesses iguais, pois apesar de intercaladas são campos distintos de estudo. No que concerne as disparidades, na biblioteconomia há a maior concentração em emitir processos a documentos e afins, já a Ciência da Informação examina com afinco o curso da informação ou sua transferência desde a sua origem (PINHEIRO, 2005).

Para Saracevic (1996) as “[...] diferenças comprovam a conclusão que biblioteconomia e CI são dois campos diferentes, com forte relação interdisciplinar e não um único campo, em que um consiste na manifestação especial do outro.” São completas como disciplinas e apesar da relação na origem da Ciência da Informação, cabe frisar também que as suas paridades não as fazem idênticas. Por essa forte ligação interdisciplinar entre ambas, autores concluíram mais uma característica que as tornam próximas. Amaral e Corrêa (2020) compreende que a biblioteconomia pretende o livre acesso à informação e possui mais fortemente uma ligação com a questão social, já a CI restringe o acesso à informação e está mais próxima a aspectos tecnológicos e mercadológicos.

Visto que a presente pesquisa procura identificar a atuação dos gêneros no que concerne a ciência, mais precisamente a presença das mulheres pesquisadoras e/ou cientistas

na Ciência da Informação, encontra-se historicamente resultados significativos e conclusivos de ser uma ciência considerada feminina em razão da forte atuação das mulheres desde sempre e por sua ligação com o campo da biblioteconomia.

Contudo, como afirma Basílio (2019) homens também adentram a biblioteconomia como estudantes e profissionais, apesar de no Brasil, ser parcela ínfima. Estranhamente, alçam carreiras promissoras e dominam cargos de elevada posição e remuneração. Em ambientes tipicamente hegemônicos do gênero masculino são eles quem assumem o topo, mas em concordância a isso, em ambientes hegemônicos do gênero feminino, seria esperado que mulheres assumissem o topo e como citado anteriormente, nem sempre isso se confirma.

Quanto a imagem do homem cientista e nada diferente desse modelo, Côrtes, Martins e Garcia (2019, p. 62) afirmam que:

Paradoxalmente, na Ciência da Informação (CI), em especial na Biblioteconomia brasileira, a participação das mulheres é expressiva. Historicamente, elas são protagonistas na construção da área e na produção de conhecimentos, mas não ficaram imunes a preconceitos [...] na Ciência da Informação, em especial na Biblioteconomia, a participação das mulheres é expressiva e pioneira. Ao longo de sua história, as pesquisadoras têm atuado subvertendo normas sociais, políticas e culturais que associam a atividade científica aos homens. Dessa forma, são protagonistas na construção da área e na produção de conhecimentos.

Situando o público feminino participante na CI, a área revela entre as (os) docentes a predominância de mulheres exercendo o papel de professoras nos cursos de Pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil. Autran (2015) reuniu um *corpus* de análise com docentes, tanto efetivas (os) como colaboradoras (es) para compreender alguns indicadores, entre eles o gênero dos atores participantes da pesquisa. Assim, foi constatado entre homens e mulheres o quantitativo de 65% da presença de docentes do gênero feminino e apenas 35% compondo o quadro de professores dos cursos de Pós-graduação em CI no Brasil.

Constatações como essas fortalecem a compreensão de uma área iniciada com base na presença feminina e continuada nesta mesma vertente, ao menos no que traduz o grupo docente investigado. Outras percepções são aprofundadas na Ciência da Informação ao referir-se aos estudos de gênero, tal como Espírito Santo (2008) que relembra as desigualdades históricas trazidas na trajetória da mulher e reitera a relevância das investigações de agendas sociais. A autora contribui com o tema sinalizando as produções científicas efetuadas sobre o tema *gênero* em determinado período na área de CI e também da biblioteconomia, essa e outras pesquisas partilham da investigação sobre as produções envolvendo a temática e o quanto de informações estão sendo evocadas com o intuito de

fortalecer o papel das mulheres em CI (BUFREM; NASCIMENTO, 2012), (NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2019).

Importante evocar as pesquisadoras e sua trajetória na biblioteconomia e na CI, a fim de contemplar os seus contributos e a afirmação de ocupantes de uma posição referendada.

A bibliotecária **Lydia Sambaquy** destaca-se como mulher pioneira na biblioteconomia e conseqüentemente, sua carreira traz resultados para o que viria ser a CI. Corrêa e Oliveira (2018) a apontam como uma das protagonistas na CI e apesar de seu afínco em engrandecer a biblioteconomia, visto ser sua área de formação. As autoras consideram as investidas de Lydia Sambaquy nas modulações na biblioteconomia e na documentação, o iniciar da emergência para o surgimento da CI, visto as novidades de conhecimento que eram investidas nessas duas disciplinas tidas atualmente como interdisciplinares da CI.

Um dos grandes feitos da bibliotecária para a sua área, se encontra na criação do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) em 1954. Oddone (2004, p. 122) ao se referir ao Instituto declara que:

[...] a criação do IBBB não representou um ponto de partida. Ao contrário, a criação do IBBB concluiu um processo, mesmo que tenha dado início a vários outros. Talvez essa seja uma ideia importante para a Ciência da Informação.

Esses contributos diretos às disciplinas da documentação e da biblioteconomia, trazendo inovações e perspectivas para ambas, contempla a necessidade da vigência da CI e a sua consolidação como área científica. Sambaquy aponta os novos caminhos científicos e antevê a origem da CI (CARVALHO; NASCIMENTO, 2017). Outra referência da CI no Brasil é **Célia Ribeiro Zaher**, bibliotecária, mestra em documentação e também bacharela em Ciência Jurídicas e doutora em direito do trabalho.

Trabalhando juntamente com Lydia Sambaquy na biblioteca central da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), interessou-se pela área da biblioteconomia e tornou-se posteriormente protagonista da origem da CI no Brasil.

O curso de Mestrado em CI foi um marco na América Latina e instituiu o estabelecimento da CI no Brasil (SOUZA; STUMPF, 2009). Foi pelos esforços e idealização de Célia Zaher que foi possível a concepção dessa modalidade de ensino na área. A professora Zaher buscou persistentemente o avanço científico com a proposta do mestrado e de seu efetivo início em 1970 (CARVALHO; NASCIMENTO, 2017).

Em entrevista concedida à Rosali Fernandez de Souza (1995), Zaher explica a situação delicada nos primórdios da CI no Brasil, relatando a insegurança de colegas e profissionais

bibliotecários com relação a instituição do curso de mestrado quando ainda em fase de formulação. Zaher precisou constituir um curso de credibilidade, que possuísse professores preparados para atuarem, e também estabelecer conteúdo curricular que sustentasse um curso a nível de mestrado. Apesar dos obstáculos na trajetória de Zaher, enfim deu início ao primeiro mestrado em CI no país e consolidou seu nome como uma das maiores pioneiras da área no país.

Outro destaque nos anos de existência da CI é a professora **Hagar Espanha Gomes**, bibliotecária por formação, e mestra em Ciência da Informação em 1972, nos primórdios de curso de mestrado no Brasil. Segundo o IBICT (2020) Hagar Gomes teve grande atuação na CI, ocupando cargos de presidência e vice presidência do IBBD, para além de docente na Universidade Federal Fluminense (UFF).

Para Pinheiro (2020) deve-se render reconhecimento para a história da professora Hagar Gomes por ser umas das precursoras na área da CI no país, indo além das atividades que lhe competia enquanto carreira em vigor. Ainda no início do curso de mestrado no Brasil, teve Hagar participação em decisões as quais refletiram na construção do curso, ao lado de Célia Zaher.

Fundamental na criação da revista Ciência da Informação, trouxe mais um elemento de afirmação para a continuidade dos estudos em CI. Em entrevista concedida a Lena Vânia Pinheiro (1996), menciona Hagar Gomes a importância da instituição do mestrado em CI para a criação da revista, citando ainda que um dos componentes principais para a validação desse projeto, esteve na relevância mencionada à época por Zaher em justificativa a oposições, apontando a publicação como influente para o desenvolvimento de uma carreira científica.

Ressaltando a forte influência das mulheres na composição da Ciência da Informação no Brasil, o IBICT trouxe uma série em homenagem³ aos 50 anos da Ciência da informação no Brasil e compartilha informações pertinentes sobre as mulheres na vanguarda da área, pondo em evidência os nomes e biografias de mulheres vanguardistas da CI no país. Evidencia as já citadas Lydia Sambaquy, Célia Zaher e Hagar Espanha Gomes, além de Laís da Bôa Morte, Abigail Lisboa Carvalho, Jannice de Mello Monte-Mór, Maria Nélida Gonzalez de Gómez, Jacqueline Leta e tantas outras que marcam o início e a continuidade da CI.

³ O IBICT reuniu a história do PPGCI dos anos 1970 a 2020, relatando a ascensão da área durante esses 50 anos e os pontos relevantes, incluindo depoimentos com pesquisadores do programa. O portal representa a celebração da chegada e da permanência da CI no país.

O IBICT (2020) realizou um conjunto de entrevistas em comemoração ao dia internacional da mulher com pesquisadoras que ainda atuam e que se consolidam como grandes personagens durante esses 50 anos.

Dentre as seis entrevistadas está a professora **Gilda Olinto**, graduada em Sociologia, mestra em Ciência Política e doutora em Comunicação e Cultura. Na entrevista concedida ao IBICT a professora comenta acerca de seus temas de pesquisa e torna-se evidente a concentração na temática gênero, no que diz respeito a inclusão das mulheres na ciência, importando-se não apenas com o ingresso das mulheres nas universidades ou carreiras científicas, mas chama a atenção para a ascensão delas nos espaços em que ocupam.

De acordo com o Currículo *Lattes*⁴ da pesquisadora, encontram-se elencadas as contribuições científicas endereçadas ao movimento de mulheres na ciência, a saber os projetos de pesquisa: “Diferenças de oportunidades das mulheres, e de outros segmentos em desvantagem social, quanto ao ingresso e progressão na ciência e ao uso e apropriação das TIC”, “A mulher na sociedade do conhecimento: inserção em C&T e apropriação das TICs”, além de produções científicas como: “O sucesso das mulheres na escola” (1994), “Equilibrio de Género en Ciencia y Tecnología y el Sector Público en Brasil” (2008), “Gênero e indicadores de ciência e tecnologia” (2010), “A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. Inclusão Social” (2012).

Ainda em entrevista concedida ao IBICT (2020) Olinto reafirma o interesse em colocar as mulheres em seus devidos lugares, ou seja, onde é direito de qualquer pessoa, os espaços científicos. Afirma que abordar essa temática não se trata semelhantemente a partidarismo ou paixões subjetivas, contudo trazer políticas públicas e evocar a temática de inclusão das mulheres em lugares e posições que frequentemente são a elas extraídas é diluir o desperdício de possíveis talentos que influiriam para o fazer científico de todo o país.

Romeiro e Viola (2018) atentam-se à correta aplicação de políticas públicas voltadas para a inserção das mulheres na ciência por meio de programas incentivadores do cérebro do gênero feminino e de sua busca por uma vocação em meio a atividades científicas. O fato abrange a perspectiva de outros grandes nomes para a trajetória da pesquisa, ou mais precisamente, para a área da Ciência da Informação.

Consta à CI desde sua consolidação no Brasil, uma história entrelaçada por mãos de mulheres, edificadas por mãos de mulheres e escrita também por mãos de mulheres. Certamente não se objetiva nessa afirmativa renegar ou desmerecer os contributos dos

⁴ Link referente ao currículo *Lattes* da professora Olinto: <http://lattes.cnpq.br/9123225715599547>.

pesquisadores atuantes na CI, no entanto, tendo em vista o cultural distanciamento forçado das mulheres por áreas científicas, há de ser celebrado que a CI no país aparece como uma área feminina desde seus primórdios. Idealizada, desenvolvida e continuada com mulheres no protagonismo.

Em uma ciência em que a informação é a protagonista, cabe usá-la como fonte de investigação e força motriz para questões de gênero e seu fortalecimento. Atuais e futuras pesquisadoras da CI necessitam abarcar os conteúdos informacionais como forma de empoderamento (ALVES *et al.*, 2018), sabendo que podem ser cientistas, pesquisadoras e docentes, ainda mais na CI que possui bases estabelecidas por mulheres.

Ao ser abordado gênero na Ciência da Informação do Brasil, constata-se pesquisas que investigam a produção científica sobre Estudos de Gênero, no intuito de certificar-se por essa perspectiva, a importância da igualdade entre homens e mulheres dentro da área, mediante estas produções científicas publicadas em periódicos e bases de dados, emitindo levantamento e mensuração quantitativa a partir dos registros recuperados em determinado período. Considera, Dias e Lima (2012) que mesmo com o aumento em produções a partir da década de 1990, não é o suficiente para julgar como quantitativo relevante os títulos desenvolvidos ao longo do tempo, constatando ainda, o baixo enfoque em produções de estudos/relações de gênero na CI em âmbito nacional.

Observação similar sobre a baixa abordagem da temática gênero nos periódicos da CI, foi verificado por Hayashi *et al.* (2018), que encontraram em seus resultados déficit de trabalhos sobre questões envolvendo gênero.

Mesmo sendo ponderadas como poucas em quantidade na CI, estas produções possuem também a similaridade de serem, por maioria, produzidas por pesquisadoras, deixando em posição de coadjuvante os pesquisadores homens.

Compreendendo que são as mulheres as que mais se debruçam para elevar as pesquisas de gênero e a buscar a igualdade para si mesmas dentro da área, visto que tais investigações também buscam desconstruir quaisquer desigualdades nas relações de gênero, mesmo na CI, considerada uma ciência feminina. Sobre a informação, Dias e Lima (2012, p. 6) entender que,

é fundamental para a compreensão e subversão das desigualdades de gênero e para a materialização de práticas informacionais que atendam às necessidades das mulheres, historicamente cerceadas do direito à cidadania.

Logo, mudar esse aspecto de baixas publicações acerca dos estudos de gênero, se torna fundamental para o protagonismo e afirmativa da presença das docentes/pesquisadoras na CI.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Uma pesquisa é legitimada a partir da sistematização de etapas em diligência da obtenção de respostas a um problema ou questão. Para Gil (2008, p. 26) “[...] pode-se definir pesquisa como o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”.

Bauer, Gaskell e Allun (2003) trazem a distinção *das quatro dimensões do processo de pesquisa*, as quais se amparam na descrição de uma investigação: o delineamento da pesquisa, os métodos de coleta de dados, a análise dos dados e, por fim, os interesses do conhecimento. Por essas percepções é que a (o) pesquisadora (o) norteará o desenvolvimento de seus estudos científicos.

O planejamento da pesquisa a organiza e aponta os futuros resultados a alcançar com o estudo, achando-se coerente a delimitação da metodologia e das técnicas que tornarão efetivas as etapas pretendidas.

Minayo (2009, p. 14) conceitua metodologia da pesquisa como,

[...] o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Ou seja, a metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador.

A utilização da metodologia é própria dos trabalhos acadêmicos, havendo, por meio desta, o processo de compilação de dados, das informações e o alcance do conhecimento (PRODANOV; FREITAS, 2013) norteando a pesquisa científica a cumprir seu objetivo. Nesse mesmo entendimento, delimita-se aqui os caminhos lógicos utilizados para a execução deste estudo, enxergando a metodologia como guia e indicadora dos resultados finais.

Assim, serão especificadas as etapas seguidas para esta pesquisa, no intuito de nomear metodologicamente os procedimentos seguidos e classificá-la cientificamente.

5.1 O CORPUS DA PESQUISA

Com a finalidade de compreender a participação das mulheres na área da Ciência da Informação no Brasil, a qual é classificada como uma área feminina em que a presença das mesmas pertence a uma alegação de dominação quantitativa se comparada aos homens, foi decidido por verificar essa afirmativa mediante as recomendações bibliográficas dos editais de seleção para os cursos a nível de mestrado da referida área.

Desse modo, o corpus da pesquisa está concentrado nos editais publicados entre os anos de 2010 a 2020 pelos PPGCIs brasileiros. Esse período estabelece um total de 11 anos a serem investigados, sendo um tempo relevante para se ter um quantitativo apropriado para os meses de desenvolvimento da presente pesquisa e ainda perceber mudanças ao longo desses anos ou mesmo a estabilidade dos resultados.

Para este estudo foram considerados 85 editais de seleção para mestrado. Esses documentos atendem ao requisito de apresentarem indicações de leituras que normalmente serão utilizadas para respostas de uma prova específica da área durante o processo seletivo. Essas bibliografias são de autoras e autores que trouxeram saberes expressivos para a CI, apontando as temáticas abordadas durante o curso. O corpus dos 85 editais foi selecionado de um total de 16 programas e deles retiradas as bibliografias que irão obter sistematização e análise.

5.2 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Dado o conjunto de informações a ser seguido, a identificação quanti-qualitativa da pesquisa se aplica por conceber a utilização necessária de ambas as abordagens sem opô-las ou enfatizar supremacia, unindo a interpretação e a comparação numérica em um mesmo estudo.

Para as Ciências Sociais as pesquisas qualitativas são recorrentes na escolha de pesquisadoras (es), objetivando o aprofundamento em relação ao sujeito e aos significados, diferentemente de pesquisas quantitativas (MINAYO, 2009). A autora ainda apresenta o que chama de *Ciclo da Pesquisa Qualitativa* pelo que se entende as etapas nas quais deve se seguir. Esse ciclo será apresentado em formato de quadro apresentando as etapas da presente pesquisa, com a fase exploratória, trabalho de campo e a análise e tratamento do material empírico e documental. O quadro delineia sucinta e precisamente como ocorreu cada fase, aplicando-as ao desenvolvimento deste estudo, tendo por base a esquematização de Minayo.

Quadro 2 - Ciclo da pesquisa qualitativa

CICLO DA PESQUISA QUALITATIVA

<i>Etapas da Pesquisa</i>	<i>Especificação</i>	<i>Especificação nesta pesquisa</i>
Fase exploratória	Constituição do projeto da pesquisa com noções preliminares do objeto de estudo, campo, metodologia, fundamentação teórica.	Leituras prévias a respeito da temática; houve a escolha dos editais de seleção para mestrados dos PPGCIs do Brasil como objeto e foi predefinido os procedimentos metodológicos a serem seguidos.
Trabalho de campo	Por em execução a primeira etapa por intermédio da prática empírica, utilização de instrumentos de observação, entrevistas ou levantamentos documentais.	Nesta etapa coube efetuar o levantamento dos programas em Ciência da Informação no Brasil e coletar nos sites oficiais dos programas e por e-mail, os editais entre 2010 a 2020.
Análise e tratamento do material empírico e documental	Ordenação, classificação e análise dos dados coletados. Interpretar baseado em teorias e na observação.	Dados coletados e aninhados em tabelas, posteriormente divididos e sequenciados em gráficos segundo o objetivo da pesquisa. Assim analisados.

Fonte: Elaborado pela autora (2021) com base em Minayo (2009).

Como reflete Bauer, Gaskell e Allum (2003), não há quantificação sem a preexistência e aplicação da qualificação, por isso constitui-se aqui a priori uma pesquisa de abordagem qualitativa, continuada na implementação de uma abordagem quantitativa, na qual os resultados podem ser numerados. O método quantitativo tem a disposição de permitir maior precisão para os estudos, ainda limitando as possibilidades de erros nos resultados finais (DALFOVO; LANA; SILVEIRA, 2008), visto a segurança percebida nesta abordagem ante os números. De certo, o quantitativo viabiliza a mensuração da interpretação qualitativa, a divisão nos gráficos correspondendo em porcentagem, bem como confirmará ou não as afirmativas históricas da fundamentação textual anteriormente versada.

É natural utilizar das abordagens para a construção e finalidade de uma pesquisa, pois,

os dois tipos de abordagens e os dados delas advindos, porém, não são incompatíveis. Entre eles há uma oposição complementar que, quando bem trabalhada teórica e praticamente, produz riqueza e aprofundamento e maior fidedignidade interpretativa. (MINAYO, 2009, p. 22).

Conforme citado e acreditando na efetividade da proposta de ambas as abordagens agindo em conjunto, aplica-se a este estudo a dupla abordagem quanti-qualitativa para culminar na finalização de resultados completos e satisfatórios quando realizada a análise.

A partir dos objetivos a cumprir, esta se caracteriza como uma pesquisa descritiva, a qual tem o propósito de compreender o fenômeno pelo qual há interesse. Após estudado o assunto norteador da pesquisa e ampliado o entendimento sobre ele, busca-se a descrição do que se está investigando, seja medindo ou coletando informações, como afirma (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006). As informações alcançadas nessa etapa da investigação, sendo nesse caso extraídas dos editais, servirão de conhecimento para a efetuação da análise futura.

A respeito do método descritivo, Triviños (1987, p. 110) explica que o foco fundamental,

[...] reside no desejo de conhecer a comunidade, seus traços característicos. [...] exigem do pesquisador uma série de informações sobre o que se deseja pesquisar [...] pretende descrever "com exatidão" os fatos e fenômenos de determinada realidade.

Dos editais coletados haverá a caracterização das bibliografias indicadas no documento, identificando a autoria do que for listado e também as descrevendo segundo o gênero. Ainda elencar-se-á a nacionalidade das autoras e quais as temáticas abordadas nos seus estudos presentes nos editais.

Como afirma Gil (2008), esse tipo de pesquisa além de caracterizar determinado fenômeno, poderá também conduzir à definição das relações entre variáveis estabelecidas, o que acarretará no detalhamento e aprofundamento do objeto estudado, direcionando ao alcance dos objetivos instituídos por meio do conhecimento extraído.

Como já mencionado, os editais destinados à seleção de mestrado pelos PPGCIs formam o corpus da pesquisa, dos quais serão coletados e analisados os elementos constituintes da investigação. Por isso, quando se refere ao procedimento aplicado para a coleta dos dados, compreende-se o uso da pesquisa documental com a técnica abordada nesta ocasião. Sobre isso, Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009) consideram que:

[...] o uso de documentos em pesquisa deve ser apreciado e valorizado. A riqueza de informações que deles podemos extrair e resgatar justifica o seu uso em várias áreas das Ciências Humanas e Sociais porque possibilita ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural.

Os dados não serão colhidos diretamente de pessoas, no entanto os editais ou os documentos é que são as fontes para coletar dados e produzir informações.

Para finalidade científica é considerado documento aquilo possível de gerar conhecimento a fim de cooperar com o que se está pesquisando (GIL, 2008), não apenas leis, conjunto de regulamentos, cartas oficiais ou um papel histórico, mas todo objeto gerador de informação e conhecimento pelo qual haverá contributos para o trabalho explorado, portanto, há legitimidade aos editais.

5.3 COLETA DOS DADOS DA PESQUISA

A coleta de dados documentais possuiu fases pelas quais deve-se garimpar o máximo de materiais possíveis para o resultado final ser legítimo como o que se espera de um estudo científico. Os editais serão considerados como *registros institucionais* seguindo o entendimento de Gil (2008), mesmo que o autor se refira a registros escritos, compreende-se também qualquer documento escrito ou eletrônico formulado por instituições, neste caso, as universidades, mediante os Programas de Pós-graduação em Ciência da Informação do Brasil.

O Quadro 3 demonstra as fases da coleta de dados da pesquisa:

Quadro 3 - Contextualização do processo de coleta de dados

Fases	Ação	Estratégia
1ª fase	Levantamento dos cursos de mestrados vigentes.	Na Plataforma Sucupira, por meio da listagem dos programas em CI, identificou-se os cursos de mestrados acadêmico, sem restrição ao ano de início de suas atividades ou localidade (região).
2ª fase	Identificação da existência de recomendação de leituras.	Nos portais de cada programa, a procura esteve em torno dos editais de seleção para mestrado a partir de 2010. Neles buscou-se a presença de leituras recomendadas para o cumprimento da etapa da prova escrita específica à área. Havendo ao menos um documento que apresentasse essa especificação, o curso era inserido como objeto da pesquisa.

3ª fase	Coleta dos editais correspondentes ao critério da 2ª fase.	Os editais que designassem bibliografias de autoras e autores para o processo seletivo foram coletados diretamente dos portais dos programas. Alguns desses portais comportavam apenas os documentos de períodos mais recentes, como consequência houve a necessidade de identificar os e-mails desses programas e emitir uma solicitação dos editais entre os anos de 2010 a 2020. Para lisura e certificação da possibilidade de englobar o máximo de editais já publicados, os e-mails foram enviados a todos os programas parte da pesquisa. Simultaneamente, as buscas avulsas aos portais dos programas aconteceram pelos navegadores da <i>internet</i>.
4ª fase	Identificação e separação das bibliografias produzidas por autoras.	Com os documentos baixados e divididos por pastas, de acordo com a instituição, a verificação das bibliografias segundo a autoria foi iniciada. As bibliografias referentes a autoras foram elencadas em tabelas e caracterizadas por nome, assunto da pesquisa e nacionalidade. Devido ao uso constante do <i>sobrenome</i>, siglas relativas ao <i>nome</i> e o desconhecimento das (os) autoras (os), coube dirigir-se aos navegadores da <i>internet</i> no intuito de identificar o gênero e também, em muitos casos, a nacionalidade.

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Tendo extraído dos documentos toda a informação necessária para cumprir com os objetivos da investigação e os tendo sistematizado, partiu-se então para a etapa da análise dos dados, em busca de capturar o conhecimento abrigado no detalhamento descrito na última fase, aplicando a técnica que se enquadre a esses documentos, interpretando-os e explicando a realidade trazida do material.

5.4 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados, após serem coletados, foram organizados para cumprir com os objetivos da pesquisa e elucidar a problemática levantada inicialmente.

No que consiste a análise, Gil (2008, p. 156) ressalta o “[...] objetivo de organizar e resumir os dados de forma tal que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para a investigação”.

Primeiramente tabulou-se os dados coletados utilizando-se a estrutura de tabelas e gráficos para apontar os programas de pós-graduação em CI que possuam provas e bibliografias sugeridas como etapa para ingresso nos cursos.

Os gráficos apresentados evidenciam as categorias designadas para a divisão dos documentos averiguados e seguem os princípios de classificação. São categorias inclusivas para as respostas encontradas nas bibliografias e o dado que está incluído em uma categoria não pode servir a outra (GOMES, 2002).

A divisão consiste em separar as referências por: autoras (bibliografias produzidas apenas por uma pesquisadora ou por pesquisadoras); autores (bibliografias produzidas somente por um pesquisador ou por pesquisadores) e mista (enquadrando aqui as produções incluindo autoras e autores em coautoria).

6 DISCUSSÃO E RESULTADOS DOS DADOS OBTIDOS

Para atingir um dos objetivos específicos, procurou-se o que seria essencial para o desenvolvimento de toda a presente pesquisa, neste caso elencar os programas que atendessem a demanda de obter cursos de mestrados com adesão a provas e disponibilizassem a listagem de referências sugeridas para a etapa avaliativa.

No Quadro 4 elencou-se não apenas as devidas instituições nas quais estão inseridos os programas, mas fez-se relevante registrar dados característicos do que foi coletado.

Quadro 4 - Programas em Ciência da Informação

<i>Programas (mestrados)</i>	<i>Ano de Início</i>	<i>Editais (2010-2020)</i>	<i>Bibliografias</i>
UEL – PPGCI	2012	6	83
UFAL – PPGCI	2019	3	22
UFBA – PPGCI	2000	1	25
UFC – PPGCI	2016	5	48
UFES – PPGCI	2019	3	36
UFF – PPGCI	2009	9	94
UFMG – PPGCI	1976	10	132
UFPA – PPGCI	2017	4	76
UFPB – PPGCI	2007	4	29
UFPE – PPGCI	2009	10	73
UFRGS – PPGCI	2019	3	25
UFRJ – PPGCI	2009	8	109
UFSC – PPGCI	2000	1	10
UNB – PPGCI	1978	8	222
UNESP – PPGCI	1998	4	115
USP – PPGCI	2006	6	86
TOTAL		85	1.186

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Foram selecionadas 16 instituições com programas em CI de acordo com os dados da Plataforma Sucupira, as quais correspondiam aos requisitos da pesquisa.

Na Plataforma encontram-se 24 instituições de ensino. Na seção destinada aos cursos avaliados e reconhecidos, cada uma dessas instituições representa a área de conhecimento buscada, nesse caso, a CI e os programas de pós-graduação.

Todas as 24 instituições foram analisadas individualmente por meio do *site* do respectivo programa, com o objetivo de coletar os editais publicados para a seleção de candidatos ao curso de mestrado.

Araújo e Valentim (2019, p 233), afirmam que, “a Ciência da Informação surgiu no Brasil na década de 1970, com a criação de um instituto, um programa de pós-graduação e um periódico científico. Desde então, foram sendo criados outros programas de pós-graduação”. No entanto, seguindo as informações disponíveis na *Plataforma Sucupira*, procurou-se complementar as colunas de detalhamentos do quadro e, segundo as datas de início constatou-se que o programa com maior período de existência é o da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. O ano de 1976 do PPGCI da UFMG marca o programa mais antigo relatado no quadro segundo a plataforma consultada, no

Os editais foram coletados a partir do ano de 2010 até o ano de 2020, resultando em um total de 85 documentos. Nesses editais constavam 1.186 referências, as quais foram individualmente analisadas, conforme descrito anteriormente.

Importante ressaltar o quantitativo atrelado a alguns programas referidos (Quadro 4), visto a sua longevidade e os poucos documentos avaliados.

Cabe evidenciar, como exposto no Quadro 3, as dificuldades em reunir todas as edições de mestrados dos programas, pois nem sempre havia a disponibilidade de determinados anos de seleção, nem nos portais dos PPGCIs, nem mesmo na posse das suas devidas coordenações. Desse modo é possível considerar a supressão dos editais em alguns anos do Quadro 4 devido a indisponibilidade de acesso.

A Universidade Federal da Bahia (UFBA), por exemplo, consta apenas um edital, mesmo tendo o programa iniciado no ano 2000. Supunha-se que esse PPGCI teria os documentos a partir de 2010 e os anos em sequência, contudo, a particularidade desse Programa estava no modelo avaliativo dos seus editais, pois os mesmos contavam com referências para a etapa da prova de conhecimento específico da área, o que se distinguia do considerado material para a pesquisa e nas referências não serem de pesquisadoras (es), mas autorias institucionais ou eventos, não havendo gênero.

O único edital da UFBA, exposto no Quadro 4, corresponde ao ano de 2020, no qual houve mudanças na forma do programa designar o método de estudos para os candidatos, atribuindo referências com autorias pessoais e não mais de forma geral, a instituições e eventos.

Com a Universidade Estadual Paulista (UNESP), apesar de ter também seu início anterior ao marco inicial estipulado para a coleta dos editais, pôde ser visto a exclusão da avaliação por prova em alguns anos da chamada para mestrado. Tendo conhecimento dos documentos a partir de 2010 alcançados via solicitação por e-mail, mas reconhecendo que apenas em quatro anos o Programa dispunha de uma relação de bibliografias. Por essa circunstância, contempla-se apenas quatro editais, conforme o Quadro 4.

Quanto a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), constando como data de início de suas atividades 2007 na Plataforma Sucupira e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) constando como data de início o ano 2000, assemelham-se, pois, seus baixos números de registros de editais justificam a indisponibilidade de respostas às solicitações enviadas aos e-mails dos respectivos PPGCIs.

Optamos por assumir a responsabilidade da coleta dos documentos por meio de acesso aos *sites* de cada instituição/programa, contudo havendo posteriormente a necessidade de auxílio para o levantamento dos editais pela inexistência da listagem em alguns *sites*, seguiu-se então a busca para contactar as secretarias e coordenações via e-mail.

Assim, observando a carência dos editais tanto da UFPB como na UFSC, aprovou-se solicitar os documentos a ambas e, nenhuma delas correspondeu às tentativas de contato. Tendo em vista a situação, compreende-se a baixa disponibilidade dos editais em registro.

6.1 ESPECIFICAÇÃO DAS REFERÊNCIAS POR GÊNERO

Na perspectiva de domínio da área, Bufrem e Nascimento (2012, p. 211) afirmam que “[...] a CI é historicamente uma área feminina”, sendo vislumbrada tal realidade na pesquisa desenvolvida pelas autoras, que assinalava uma maioria de pesquisadoras nas autorias das produções científicas por elas investigadas. Tendo como base essa afirmativa e toda a história balizada na quarta seção sobre a CI no Brasil, considera-se a influência de pesquisadoras na instituição da área no país, na sua continuidade e permanência por mais de 50 anos.

Contudo devido as tantas diminuições e estado de inferioridade delegado às mulheres, como uma espécie de regra durante tantos anos, cabe como tarefa de pesquisadoras e pesquisadores, estimular investigações que comprovem a realidade como se faz na presente

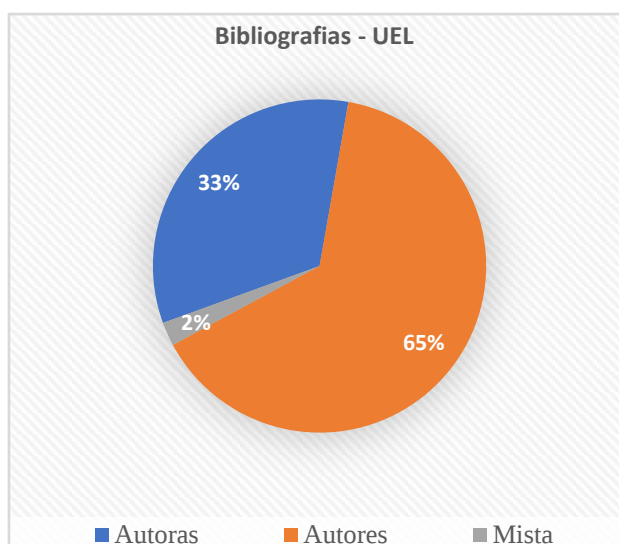
pesquisa, quando se propõe a certificação da representatividade das mulheres na área não apenas em quantidade, mas em espaços que podem ser esquecidos e, constituir como alega Bourdieu (1989) em uma situação de poder simbólico, aquele poder é praticamente imperceptível por ser naturalizado a superioridade e logo, a desigualdade de uma relação entre pessoas ou entre grupos. Existe por ser concebido de uma construção da realidade e consequente conformismo com o entendimento estruturado.

Para essa análise conferiu-se a superioridade dos gêneros por meio das escolhas das bibliografias nas chamadas de mestrado pelos PPGCIs do Brasil.

Os resultados a seguir são referentes aos seis editais de seleção de mestrado do PPGCI da UEL. Nesses editais identificamos que 65%, das bibliografias tiveram como autores pesquisadores homens, enquanto o percentual de textos de autoria feminina, alcançou apenas 33% dos textos escolhidos.

Bourdieu (1995) esclarece que a dominação masculina não necessita de justificativa em sua existência, visto a seguridade que nela há e sua normalidade, evidenciada não apenas em discurso, mas na prática também. A priori, com os primeiros resultados da pesquisa, percebe-se que o discurso diverge da prática, pois aqui vislumbra-se o domínio do gênero masculino em um contexto de ciência equivalente a um domínio, mesmo que ínfimo, do gênero feminino.

Gráfico 1 – Bibliografias dos editais do PPGCI-UEL



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

O PPGCI da UEL apresentou em todos os editais a dominação de bibliografias de pesquisadores, estando apenas o ano de 2016 evidenciado pela igualdade em quantitativo de

textos quanto ao gênero. O ano de 2015 apresenta certas peculiaridades, por contar com o menor número de textos indicados e aparece com regularidade na divisão por gênero, mesmo sendo menores as indicações de autorias por mulheres, apresenta-se regular, pois integra-se com as bibliografias mistas em suas autorias e coautorias por pesquisadoras.

Nos demais editais, por ano, a superioridade masculina apresenta-se em mais que o dobro e até mesmo o triplo de indicações textuais em comparação ao quantitativo das pesquisadoras e, por isso, o total elenca de modo acentuado essa diferença, apontando que a UEL garante uma prática que consente com a dominação masculina.

De 2015 a 2020, são estas as autorias e coautorias das produções científicas do gênero feminino selecionadas pela UEL para fazerem parte dos editais de seleção para mestrado (Quadro 5).

Quadro 5 - Autoras selecionadas pela UEL

Autora	Formação inicial	Instituição Atual	Nacionalidade
AQUINO , Mirian de Albuquerque	Letras Vernáculas	Universidade Federal da Paraíba	Brasileira
CARDOSO , Ana Maria Pereira	Biblioteconomia	Docente aposentada	Brasileira
KOBASHI , Nair Y./ TÁLAMO , Maria de F. Gonçalves Moreira	Biblioteconomia/ Linguística	USP/Docente aposentada	Brasileiras
FUJITA , Mariângela S. Lopes/ MARTELETO , Regina M./ LARA , Marilda L. Genez	Biblioteconomia/ Biblioteconomia/ Biblioteconomia e Documentação	Docente aposentada/ UFRJ/USP	Brasileiras
FREIRE , Isa Maria	Ciências Sociais	UFPB	Brasileira
GONZÁLEZ DE GÓMEZ , Maria Nélida	Filosofia	UFF	Argentina
LASTRES , Maria Helena/ ALBAGLI , Sarita	Economia/ Ciências Sociais	UFRJ/ UFRJ	Brasileiras
MALIN , Ana Maria Barcellos	Econômicas	UFRJ	Brasileira
PINHEIRO , Lêna Vânia Ribeiro	Biblioteconomia	UFRJ	Brasileira

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

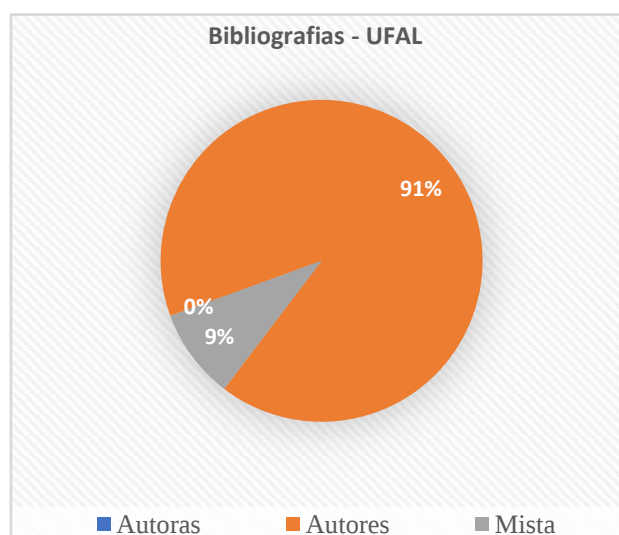
Na totalidade constam nove referências, sendo 13 autoras e coautoras nos seis editais analisados. A partir dos anos de 2017 a 2020, as indicações dos textos se seguiram repetidas, sendo Fugita, Marteleto, Lara, Freire, González de Gomez e Pinheiro os nomes mais recorrentes.

O mestrado da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) é um dos mais recentes programas de pós-graduação em CI, tendo iniciado em 2019. Foram publicados três editais nos anos de 2018, 2019 e 2020, os quais se encontravam disponíveis no *site* do PPGCI.

Nestes três documentos estavam relacionadas 22 referências. Os resultados apontam a predominância de textos escritos por pesquisadores, o que perfaz o total de 91%, sendo os 6% restante equivalentes as bibliografias de produção mista, ou seja, mulheres e homens.

Apesar desse PPGCI não ser longo, a porcentagem exibida exige ponderação, pois a análise é realizada de maneira individualizada, assim como são publicados os editais, individualmente a cada ano, não havendo dúvidas de que são trazidas grandes autorias da área em suas temáticas, no entanto autorias majoritariamente do gênero masculino em uma área feminina (Gráfico 2).

Gráfico 2 - Bibliografias dos editais do PPGCI-UFAL



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Mesmo reconhecendo que não se extingue por completo a presença das pesquisadoras entre as indicações textuais assinaladas como conhecimento específico da área, considerado que há a parceria em produções assinaladas como mistas entre pesquisadoras e pesquisadores, cabe ressaltar a opção feita pelas representações do programa de pós-graduação, em não colocar em lista, sequer um artigo, livro de autoria do gênero feminino.

Hooks (2019) faz uma reflexão acerca da educação direcionada para mulheres, na intenção de levantar um movimento de porte de luta com afínco desde a alfabetização, ensino básico e demais esferas. Contudo verifica-se regularidade educacional para todos na

atualidade, ao equipararmos com décadas passadas. Logo, não é pertinente apoiar retrocesso ou estagnação em alusão às mulheres.

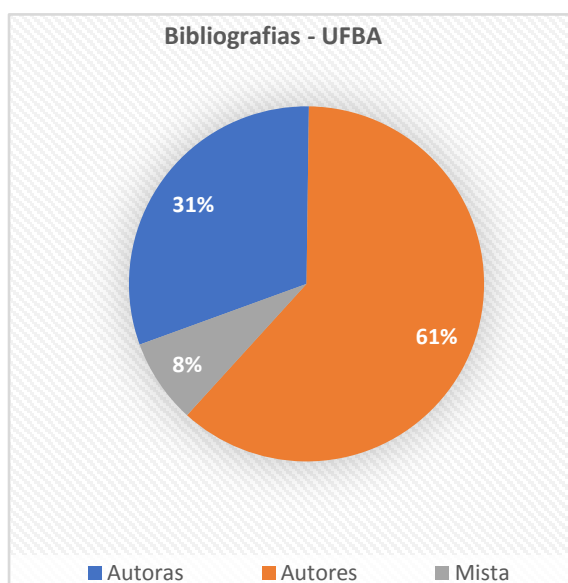
Nos três anos de seleção do PPGCI da UFAL não foi incluída nenhuma bibliografia fruto de uma pesquisa exclusiva do gênero feminino, tendo as pesquisadoras apenas a menção em um quantitativo resumido de coautoria com pesquisadores.

Segue, portanto, com os resultados recolhidos das universidades, visualizando a análise dos dados do PPGCI da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Na Plataforma Sucupira data de 2000 seu início, com o curso de mestrado, tendo posteriormente idealizado o curso de doutorado.

Haja vista a menção no início dessa seção sobre as dificuldades em reunir os editais de alguns programas, incluindo o PPGCI da UFBA, reconhece o número mínimo de documentos para avaliar as bibliografias postas. No *site* desse programa, à época da etapa de coleta dos dados, identificou-se alguns editais de anos anteriores, os quais permitiam acesso fácil, entretanto os mesmos não se enquadravam nos requisitos da presente pesquisa.

A listagem da literatura sugerida nos editais menciona que as referências são sugestões publicadas em suportes como anais de eventos ou mesmo em *sites* completos. Porém, na tentativa de visualizar o conteúdo nos deparamos com *links* que não estavam disponíveis. Ainda assim, as buscas ocorreram em todos os editais dispostos no portal do PPGCI da UFBA, e no documento do processo seletivo de 2020 foram encontradas referências que distinguiam as autoras e os autores das bibliografias especificadas (Gráfico 3).

Gráfico 3 - Bibliografias dos editais do PPGCI-UFBA



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Dos resultados evidenciados pelas 25 bibliografias coletadas, identificou-se que apenas 31% correspondem a autorias de mulheres, revelando minoria em comparação às bibliografias produzidas por homens, estas, totalizando 61%. Observa-se neste programa, um volume considerável de referências, o que amplia a diversidade das temáticas próprias da área e logo, as possibilidades da presença de pesquisadoras a serem incluídas com expressividade neste contexto, no entanto, não é o que apresenta os achados apontados no Quadro 3.

Não obstante, importa-se nomear as pesquisadoras citadas para que não sejam silenciadas (GONZÁLEZ GARCIA; PÉREZ SEDEÑO, 2002), a fim também de evidenciá-las mesmo que estejam em minoria (Quadro 6).

Quadro 6 - Autoras selecionadas pela UFBA

Autora	Formação inicial	Instituição Atual	Nacionalidade
ARAÚJO , Eliany Alvarenga de	Biblioteconomia	UFG	Brasileira
BRÄSCHER , Marisa/ CAFÉ , Lúcia	Biblioteconomia/ Biblioteconomia e Documentação	UFSC/ UFSC	Brasileiras
GOMES , Henriette Ferreira/ NOVO , Hildenise Ferreira	Biblioteconomia e Documentação / Biblioteconomia e Documentação	UFBA/ UFBA	Brasileiras
GOMES , Henriette Ferreira	Biblioteconomia e Documentação	UFBA	Brasileira
GONZÁLEZ DE GÓMEZ , Maria Nélida	Filosofia	UFF	Argentina
LARA , Marilda L. Genez	Biblioteconomia e Documentação	USP	Brasileira
ORTEGA , Cristina Dotta	Biblioteconomia e Documentação	UFMG	Brasileira
PINHEIRO , Lêna Vânia Ribeiro	Biblioteconomia	UFRJ	Brasileira

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

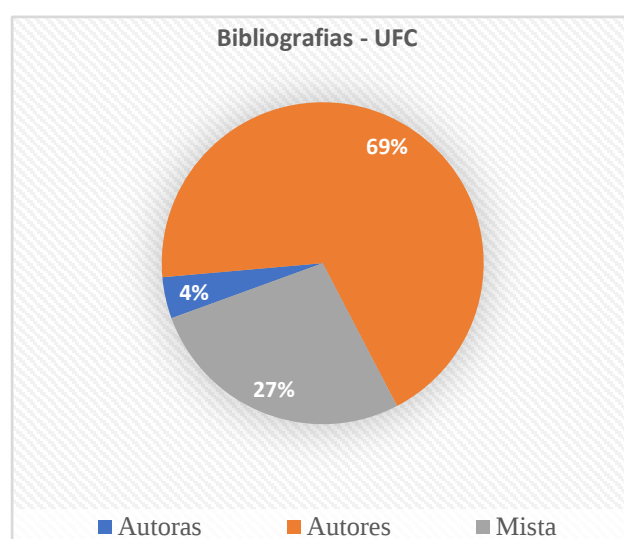
As oito referências abrangem 10 autorias e coautorias, estando a maior parte dos textos produzidos com autoria singular. Cabe ressaltar que **Gomes** aparece tanto individualmente, como em parceria com **Novo**, sendo ambas, pesquisadoras do corpo docente do PPGCI - UFBA, até o período de desenvolvimento deste estudo.

Esta particularidade, revelada nas menções das autoras incluídas neste processo seletivo, mostra a importância de valorizar a produção dos docentes do PPGCI ao incluir a literatura originada a partir de pares do próprio programa de pós-graduação.

Os próximos resultados são do PPGCI da Universidade Federal do Ceará (UFC), também considerado recente, afirmando na apresentação de seu *site*, a intenção de prevalecer como iniciativa de fomentar a pesquisa e o academicismo, além de ser um meio de integralizar as regiões nordeste e norte, que carecem da presença de cursos na área da CI em alguns de seus estados.

A Plataforma Sucupira data de 2016 o início das atividades do referido programa, sendo neste mesmo período, encontrado o primeiro edital para a seleção de mestrado. Salienta-se que a coleta foi efetuada por meio de acesso ao portal do programa, registrando ausência do edital de 2016. Contudo após várias tentativas, concluímos de forma exitosa. Assim, foram coletados documentos dos anos de 2016, 2017, 2018, 2019 e 2020, o que corresponde a todos os anos desde o início do programa, somando um total de 48 bibliografias sugeridas (Gráfico 4).

Gráfico 4 - Bibliografias dos editais do PPGCI-UFC



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Verificando as 48 referências, os dados do PPGCI da UFC revelam que 4% desse total são de produções unicamente femininas, ressaltando o percentual mínimo na seleção de textos do gênero feminino. O programa segue por três anos (2017, 2018 e 2019), sem nenhuma indicação de literatura de autoria de mulheres, contando apenas com a regularidade de produções mistas, mesmo assim, como pode ser visto no Gráfico 4, inferior as bibliografias de autorias exclusivas de pesquisadores.

Percebe-se nas bibliografias de 2016 a 2020, que apenas uma autora (**GONZÁLEZ DE GÓMEZ**, Maria Nélida) possui sua pesquisa mencionada nos editais de seleção de mestrado do PPGCI da UFC (Quadro 7).

Quadro 7 - Autora selecionadas pela UFC

Autora	Formação inicial	Instituição Atual	Nacionalidade
GONZÁLEZ DE GÓMEZ , Maria Nélida	Filosofia	UFF	Argentina

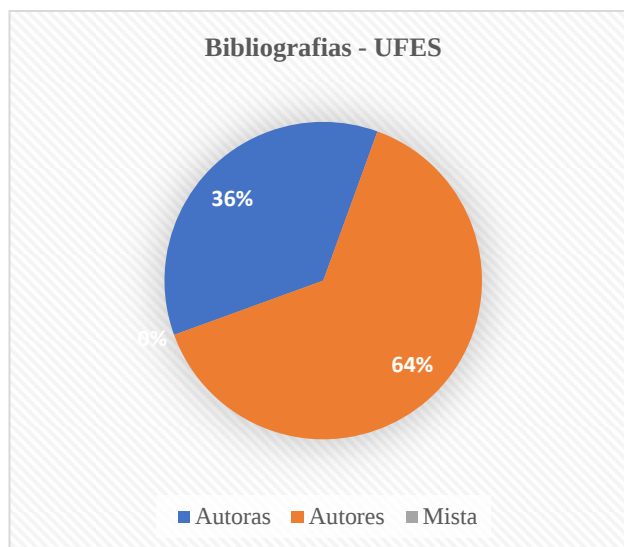
Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

A autora traduz a escassez de mulheres inseridas nas autorias das bibliografias sugeridas, no entanto nesse baixo quantitativo há também apenas uma autoria entre cinco editais avaliados.

O Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Espírito Santo é uma das mais recentes concepções de curso na área (Quadro 4), sendo entre os cursos de CI do Sudeste o mais novo instituído ao ser comparado aos demais estados da região. O primeiro edital para seleção de mestrado esteve em publicação no ano de 2018 para o início do período letivo em 2019 como apresenta os dados vinculados a Plataforma Sucupira.

O Programa dispõe de duas linhas de pesquisa para a adequação temática dos mestrandos pelo curso, são elas *Memória, representação e informação* e *Cultura, mediação e uso da informação*. Na apresentação informada no portal do PPGCI da UFES, salienta acerca da certificação mediante qualificação CAPES, o que fortifica a qualidade educacional do programa mesmo apesar dos poucos anos. Também conta com um grupo coeso de treze docentes, com professoras (es) doutoras (es) com titulação em universidades principalmente de Minas gerais (UFMG) e Brasília (UNB).

Seguindo o marco temporal delimitado para a presente pesquisa, pôde então encontrar o total de três editais de seleção para mestrado, nos anos de 2018, 2019 e 2020, todos disponibilizados com facilidade no próprio portal do programa, sendo uma das facilidades para a coleta dos dados necessários dos documentos, estes, apontando 26 bibliografias pelas quais foram obtidos os resultados dispostos na Gráfico 5.

Gráfico 5 - Bibliografias dos editais da UFES

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Separando as bibliografias por autoria segundo o gênero ou pesquisadoras e pesquisadores em coautoria, verifica-se a relutante incidência de uma maioria proeminente entre indicações de literaturas produzida pelo gênero masculino, tendo em todos os três anos de publicação dos editais do PPGCI da UFES, a dominação dessa afirmativa. Neste programa, a parcela de 64% de bibliografias com autoria masculina retrata a força simbólica dos pesquisadores da área da CI em detrimento das pesquisadoras. Esse poder invisível (BOURDIEU, 1989) invisibiliza as mulheres como pesquisadoras e produtoras de pesquisas científicas que é fator tão preponderante no meio acadêmico.

A porcentagem apontada (Gráfico 5) desalinha-se com o histórico de fundação da CI no Brasil e também com a listagem das (os) docentes participantes do programa, como já citado, das (os) treze docentes apresentadas (os) no portal do PPGCI da UFES, oito são enquadradas como pesquisadoras docentes que fomentam e conduzem adiante a ciência aprendida e agora ensinada, o que faz refletir a respeito das disparidades trazidas nos documentos analisados. Nos 36% das pesquisadoras listadas com suas produções para a prova classificatória de conhecimentos específicos da CI, estão os seguintes nomes (Quadro 8):

Quadro 8 - Autoras selecionadas pela UFES

Autora	Formação inicial	Instituição Atual	Nacionalidade
GONZÁLEZ DE GÓMEZ , Maria Nélida	Filosofia	UFF	Argentina
MARTELETO , Regina M	Biblioteconomia	UFRJ	Brasileira
PINHEIRO , Lêna Vânia Ribeiro	Biblioteconomia	UFRJ	Brasileira
FREIRE , Isa Maria	Ciências Sociais	UFPB	Brasileira

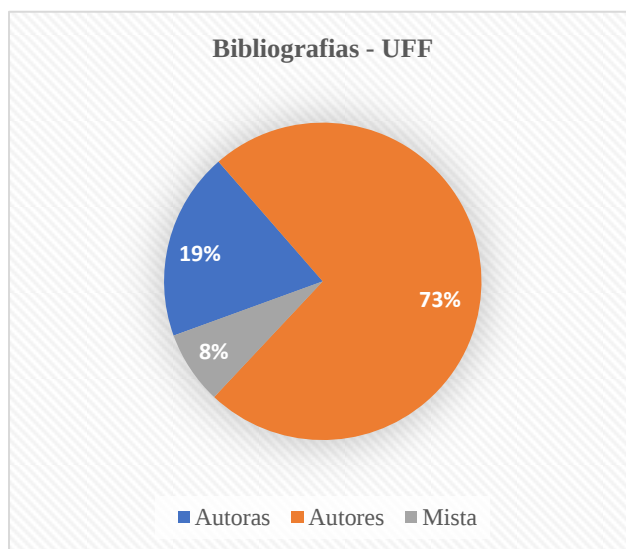
Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

As pesquisadoras González de Gómez, Marteleto e Pinheiro estão presentes em todos os editais desde 2018, tendo Pinheiro em 2019 e 2020 composto os documentos com duas produções científicas, fazendo dela a pesquisadora com mais recorrência de pesquisas escolhidas para as seleções de mestrado pelo PPGCI da UFES. Repetiu-se nos editais, além dos nomes das autoras, também as bibliografias produzidas por elas, ou seja, entre 2018 a 2020, a maior parte dos textos eram os mesmos.

Prosseguindo nas análises bibliográficas dos PPGCIs do Brasil, chega-se ao curso instituído na Universidade Federal Fluminense – UFF (Gráfico 6) reunindo parte significativa dos editais de seleção de mestrado desde a fundação do curso. Em 2009 a UFF criou o programa *Stricto Sensu* em Ciência da Informação, a priori apenas curso de mestrado e atualmente consta com a oferta de pesquisas pós-doutoral como afirma o portal do programa.

Com a fundação do curso em 2009 e a delimitação de editais a partir do ano de 2010 para participação da análise, corrobora o programa com um quantitativo forte em relação aos documentos coletados (Quadro 4). Apesar da disposição de fácil acesso e navegação exibidos no portal do PPGCI da UFF, o total dos editais não foram encontrados unicamente mediante a procura autônoma da pesquisadora do presente trabalho, contudo os documentos mais antigos estiveram disponibilizados por meio de solicitação à coordenação, via e-mail.

Com isso, os dados coletados têm a capacidade de reproduzir mais completamente a realidade da invisibilidade ou visibilidade de gênero nas escolhas dos textos para a seleção, devido ao forte número de unidades dos documentos. Assim, de 2010 a 2020, apenas o edital de 2011 não foi encaixado como dados da pesquisa com a justificativa de sua falta, não sendo achado no portal do Programa, nem sendo enviado juntamente com outros por e-mail. Também o edital de 2020, mesmo presente no portal de pesquisa, não continha as bibliografias a serem coletadas e analisadas.

Gráfico 6 - Bibliografias dos editais da UFF

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Assim, tem-se para a obtenção do resultado referente ao PPGCI da UFF (Gráfico 6), os editais de 2010, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018 e 2019 que após análise apontaram que somando nove editais de seleção para mestrado em CI na UFF, 19% das bibliografias indicadas eram de mulheres, também presentes nos 8% de literatura mista em autoria. Menos de 20% de referências do gênero feminino nos textos propostos não representa o que diz Côrtes, Martins e Garcia (2020) quando se referem as mulheres da CI como pesquisadoras que fomentam conhecimento para a área e são por sua vez, protagonistas.

De todos os editais averiguados da UFF, apenas em 2015 não houve nenhum resultado de literatura de autoria do gênero feminino, não apresentando ao menos autoria mista, mas comportando todas as bibliografias como produzidas por homens pesquisadores da CI. No entanto, no ano anterior, 2014, esteve o resultado mais proveitoso, assinalando para o documento com maior incidência de textos de autoras.

Portanto, são estas as pesquisadoras presentes entre as autorias das bibliografias presentes nos editais do PPGCI da UFF encontram-se no Quadro 9.

Quadro 9 - Autoras selecionadas pela UFF

Autora	Formação inicial	Instituição Atual	Nacionalidade
GONZÁLEZ DE GÓMEZ , Maria Nélida	Filosofia	UFF	Argentina
MARTELETO , Regina M	Biblioteconomia	UFRJ	Brasileira
PINHEIRO , Lêna Vânia Ribeiro	Biblioteconomia	UFRJ	Brasileira
BRÄSCHER , Marisa/ CAFÉ , Lígia	Biblioteconomia/ Biblioteconomia e Documentação	UFSC/ UFSC	Brasileiras
GONTIJO , Miriam	Comunicação Social	UFRJ	Brasileira
FONSECA , Maria Odila	História	UFF	Brasileira
BARROS , Camila Monteiro de/ CAFÉ , Lígia Maria Arruda/ SILVA , Edna Lucia	Biblioteconomia/ Biblioteconomia e Documentação/ Biblioteconomia	UFSC/UFSC/UFSC	Brasileiras
SMIT , Johanna	Biblioteconomia e Documentação	Docente aposentada	Brasileira

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Ao todo foram 11 autoras em oito referencias incluídas entre os nove editais analisados. González de Gómez consta como parte do quadro de docentes do programa em CI da UFF e no ano de 2010 foi a única a ter o nome entre as autorias listadas no edital, estando inclusa também em outros três diferentes anos simbolizando uma referência de literatura para a área e um referencial participante do próprio programa, o que reflete a importância em inserir pesquisas do gênero feminino nas seleções de mestrado e pesquisadoras pertencentes a instituição a qual pertence a seleção.

Fonseca e González de Gómez foram as autoras mais recorrentes com suas pesquisas entre os editais da UFF de 2010 a 2019.

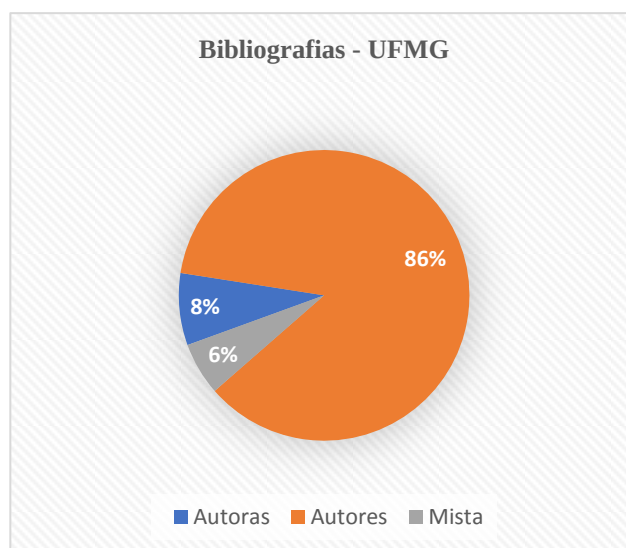
O Programa de pós-graduação em CI da UFMG tem prestígio nacional por ser tradicional e ter contribuído desde os primeiros anos com a área no Brasil. Segundo o Quadro 4 espelhado nas informações da plataforma Sucupira, tem-se o ano de iniciação do programa em 1976 e baseado também no portal da universidade, acha-se que o mestrado pertencia a biblioteconomia e apenas 1991 houve a alteração na nomenclatura para Curso de Pós-Graduação em Ciência da Informação a nível de mestrado.

O Programa excede o período delimitado para coleta dos documentos, o que propiciaria, hipoteticamente, o apanhado de todos os editais de interesse a serem analisados,

visto também a estrutura do portal do programa e as facilidades de acesso. Apesar na coleta massiva dos editais, não foi possível averiguar o documento de 2010, primeiro ano do marco temporal da presente pesquisa, contudo, os demais constam como dados coletados.

Mesmo apresentando uma aba específica para processos seletivos, o portal não possuía os editais mais antigos do programa, deixando visíveis apenas o mais recente. Em e-mail a coordenação do curso também não houve êxito em resposta, nem positiva ou negativa. Então em procura pelo buscador *Google*, encontrou-se o site pertencente a Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UFMG que continha editais a partir do ano de 2011 a 2020, e assim, mediante essa busca houve a coleta de dez editais para análise e extração de resultados (Gráfico 7).

Gráfico 7 - Bibliografias dos editais da UFMG



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

O PPGCI da UFMG por ser um programa de tradição, logo um dos mais antigos no Brasil, tem participação na crescente da área e na sua sustentação no país. Certamente esteve presente quando ainda por mulheres, principalmente, a CI foi instaurada e confirmada como área de estudo, com a criação de cursos e produções científicas por pesquisadoras (es).

Contudo, os resultados extraídos dos editais coletados exprimem um programa de face masculina em suas escolhas de produções científicas, representados por 86% nas autorias de literaturas para as seleções de mestrado. A distinção bibliográfica de gênero apresentada pela UFMG não reflete na área feminina que se afirma ser a Ciência da Informação no Brasil em suas várias frações de discentes a docentes, mas com esse elevado quantitativo exprime a dominação dos homens a respeito de como apresentar a CI e a sua base de linhas de assuntos

às (aos) suas (seus) futuras (os) pesquisadora (es).

As mulheres citadas como autoras individuais ou em coautoria com outras pesquisadoras nas bibliografias dos editais estão listadas no Quadro 10.

Quadro 10 - Autoras selecionadas pela UFMG

Autora	Formação inicial	Instituição Atual	Nacionalidade
ALVARENGA, Lídia	Biblioteconomia	Docente aposentada	Brasileira
CAMPOS, Maria Luiza	Biblioteconomia e Documentação	UFF	Brasileira
REIS, Alcenir Soares dos/ CABRAL, Ana Maria Rezende	Sociologia/ Biblioteconomia	UFMG/UFMG	Brasileiras
TARAPANOFF, Kira	Biblioteconomia	UNB	Brasileira
REIS, Alcenir Soares dos/ FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves	Sociologia/História	UFMG/UFMG	Brasileiras
KOBASHI, Nair Y./ TÁLAMO, Maria de F. Gonçalves Moreira	Biblioteconomia/ Linguística	USP/Docente aposentada	Brasileiras
RHEE, Hea Lim	Biblioteca e ciência da informação	Instituto Coreano de Ciência e Tecnologia da Informação.	Coreana
SARLO, Beatriz	Literatura	Docente aposentada	Argentina
GOMES, Henriette Ferreira	Biblioteconomia e Documentação	UFBA	Brasileira
GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida	Filosofia	UFF	Argentina
JELIN, Elizabeth	Sociologia	Docente aposentada	Argentina
LARA, Marilda Ginez Lopes de	Biblioteconomia e Documentação	USP	Brasileira
SANTOS, Myrian Sepúlveda dos	História	UFRJ	Brasileira
SCHMIDT, Clarissa Moreira dos Santos	História	UFF	Brasileira
ASSMANN, Aleida	Língua e literatura inglesa	Universidade de Konstanz	Alemã
SALGADO, Mireya	História	Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais	Equatoriana
DUMONT, Lígia Maria Moreira	Biblioteconomia	UFMG	Brasileira

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

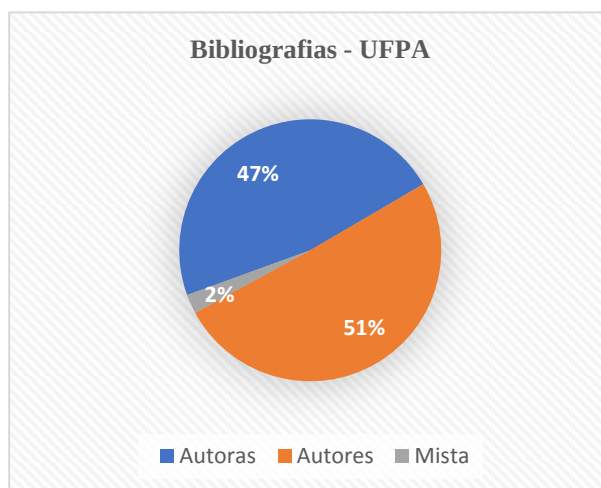
A listagem apresenta grande variedade em autorias mesmo sendo elas a minoria em comparação aos 86% de autores homens, isso demonstra que ao longo das seleções o programa diversificava as literaturas escolhidas e é um norteador que existe opções de produções científicas feitas exclusivamente por pesquisadoras seja em autoria única ou em

coautoria. Dos documentos selecionados, o pertencente ao ano de 2018 apresentou uma particularidade, devido a ser o único constando a maior parte de bibliografias com pesquisadoras na autoria, mas em 2020 o resultado foi antagônico a isso, ou seja, sem presença feminina. Dentre os nomes citados, Reis evidencia-se por estar em coautoria diferente, por isso é apontada duas vezes na relação acima, em coautoria com Cabral em 2015 e também com Figueiredo em 2016, inclusive Reis é docente colaboradora lotada no grupo de professores do PPGCI da UFMG. Dumont foi uma das escolhas para integrar um dos editais de seleção com sua produção científica, a mesma também faz parte do programa como professora permanente. Reis e Dumont são de linhas de pesquisa distintas.

O PPGCI da UFPA faz parte dos programas mais recentes da área, tendo que já são mais de meia década da CI no Brasil. Na universidade do Pará, em 2017 iniciou-se de fato as atividades do curso de mestrado com a proposta de fazer-se presente na Região Amazônica e ser suporte educacional com o curso de Ciência da Informação para discutir problemas e soluções no âmbito da organização, mediação e do uso da informação na Região Amazônica. Mesmo com poucos editais publicados, o programa conta com uma considerável quantidade de bibliografias trazidas nos documentos entre os anos de 2017 a 2020, logo, implica também na diversidade de autoras e autores escolhidos durante esse período de existência do curso.

A coleta das autoras como evidência e a porcentagem juntamente com os autores, revelaram uma divisão similar entre as escolhas para as bibliografias (Gráfico 8), resultado divergente aos vistos anteriormente nas demais instituições. No PPGCI da UFPA compreende o mais próximo do dissertado durante a fundamentação deste trabalho acerca das mulheres como protagonistas da CI no país, em suas diferentes esferas de atuação (Gráfico 8).

Gráfico 8 - Bibliografias dos editais da UFPA



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Mesmo a UFPA resultando em proximidade de autoria das bibliografias por gênero, ainda assim 51% representam a maioria das autorias de trabalhos desenvolvidos por pesquisadores, ou seja, os homens continuam dominando a preferência das escolhas das (os) organizadoras (es) dos processos seletivos de mestrado no programa. Silva (2008) destaca a teoria feminista e propõe maior atenção em torno de literaturas femininas, o que até então (Gráfico8) deve ser um motivo de atenção para a CI quando se trata da produção científica feminina para a área, haja vista que mesmo o PPGCI da UFPA reunindo 47% de autoras nas indicações literárias, as mulheres permanecem em condição secundária.

Portanto, são estas as pesquisadoras parte das escolhas bibliográficas do programa em CI da UFPA (Quadro 11).

Quadro 11 - Autoras selecionadas pela UFPA

Autora	Formação inicial	Instituição Atual	Nacionalidade
PINHEIRO, Lêna Vânia Ribeiro	Biblioteconomia	UFRJ	Brasileira
BETTENCOURT, Marcia Pires da Luz/ CIANCONI, Regina de Barros	Biblioteconomia/ Biblioteconomia e Documentação	Comissão Nacional de Energia Nuclear/UFF	Brasileiras
CARLAN, Eliana/ BRÄSCHER, Marisa	Comunicação Social/ Biblioteconomia	UNB/ --	Brasileiras
MONTEIRO, Silvana Drumond/ GIRALDES, Maria Júlia	Biblioteconomia/ Biblioteconomia	UEL/ UEL	Brasileiras
AMARAL, Sueli Angelica do	Biblioteconomia e Documentação	UNB	Brasileira
RICHARDSON, Helen/ TAPIA, Andrea/ KVASNY, Lynette	---	<u>Universidade Sheffield Hallam</u> /Universidade Estadual da Pensilvânia/ Universidade Estadual da Pensilvânia	Britânica/ Americana/ Americana

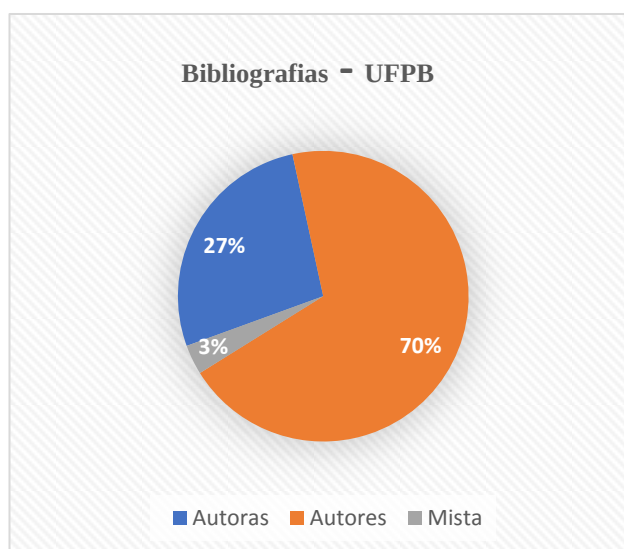
Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

As mesmas bibliografias estiveram presentes nos editais do referido programa desde o primeiro ano de seleção até o último coletado como dado da pesquisa, não havendo inserção ou retirada de texto como aconteceu variações nas autorias por autores e mistas. Entre as listadas, Pinheiro foi a única a ter duas bibliografias nos documentos, sendo então a mais

citada entre as pesquisadoras. No portal do PPGCI, Pinheiro aparece como uma das pesquisadoras colaboradoras do programa na disciplina de *Constituição Histórica e Científica da Ciência da Informação*, tendo o IBICT como instituição de origem.

Nos programas de CI do Nordeste, o PPGCI da UFPB aparece como um dos mais antigos da região, tendo iniciado em 2007 com o curso de mestrado. De acordo com os dados coletados e elencados no Quadro 4, apresenta-se como o segundo fundado no Nordeste, estando atrás apenas do programa instituído na UFBA. Com isso o programa da Paraíba possui forte presença entre os PPGCIs do país pela prevalência e estabilidade durante mais uma década, primeiramente apenas nível mestrado e em 2012 também com o nível de doutorado. Apesar do início do programa ser anterior ao marco temporal estabelecido para a coleta dos editais da presente pesquisa, foram encontrados apenas quatro documentos disponibilizados no portal referentes aos anos de 2016, 2017, 2018, 2019 e 2020, no entanto, em 2020 não houve a exigência de prova classificatória e logo, a disponibilização de bibliografias foi inexistente. Com quatro editais para colher e analisar resultados, buscou-se em contato por e-mail a solicitação das edições anteriores e não foi obtido resposta. Em pesquisas pelo buscador *Google* na tentativa de aumentar o quantitativo da coleta, também não foi localizado nenhuma outra edição anterior ao ano de 2016, encerrando então as buscas (Gráfico 9).

Gráfico 9 - Bibliografias dos editais da UFPB



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Os resultados da análise nos editais expuseram a persistência entre os PPGCIs do Brasil até então averiguados quanto ao gênero da autoria das literaturas indicadas para a etapa

de prova nas seleções de mestrado, mostrando a predominância massiva de homens pesquisadores como escolhas preferenciais. No PPGCI da UFPB, 27% do total das bibliografias são de autorias exclusivas de mulheres pesquisadoras, um número inexpressivo ao mirar no quantitativo em incidência do gênero oposto. A parte destes 27%, as autoras também são incluídas em 3% dos textos de coautoria entre pesquisadoras e pesquisadores, o que não melhora a situação da representatividade destas dentro dos quatro anos apontados.

Neste referido Programa, foram estas as mulheres listadas como autoras das literaturas examinadas (Quadro 12).

Quadro 12 - Autoras selecionadas pela UFPB

Autora	Formação inicial	Instituição Atual	Nacionalidade
PINHEIRO, Lêna Vânia Ribeiro	Biblioteconomia	UFRJ	Brasileira
GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida	Filosofia	UFF	Argentina
MARTELETO, Regina	Biblioteconomia	UFRJ	Brasileira

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Pinheiro foi a única mulher a ter uma bibliografia escolhida para o edital de 2016, estando presente nos anos de 2018 e 2019 com a companhia das outras autoras. É, portanto, a autora com mais textos evidenciados nos editais da UFPB em CI. Porém, no ano de 2017 só houve produções de autoria mista ou unicamente feitas por homens, excluindo por total qualquer indicação de textos das pesquisadoras mulheres da área da CI, sejam elas do próprio programa, brasileiras ou estrangeiras.

Lima (2013, p. 899) indica certos obstáculos e barreiras impetradas para mulheres na esfera científica e no fazer ciência, citando,

[...] a representação social de quem faz ciência e do que é ciência, a divisão sexual do trabalho, o conflito entre as culturas científicas e femininas, a hostilização do feminino e suas consequentes violências, o androcentrismo na construção de saberes científicos, a produção e divulgação de conhecimento científico sexista.

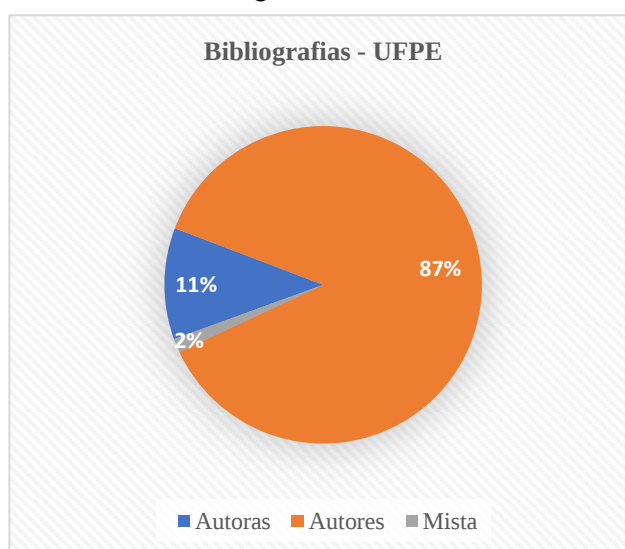
A limitação de mulheres nas opções selecionadas para os editais, compreendem uma adição a essas dificuldades listadas e demonstra a uma divulgação das produções científicas da CI na qual há o ato de invisibilizar as pesquisadoras como autoras, já tendo visto que as literaturas escolhidas são referências básicas e introdutórias, servindo também como forma de

apresentação da área para as (os) propensas (os) cientistas da informação.

Na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE o PPGCI se estabeleceu e foi autorizado pela CAPES em 2009 com o curso de mestrado. Como descrito no portal do programa, tem a responsabilidade com todas as formas e percursos da informação, procurando ser para o Brasil e principalmente para sua região Nordeste, atuante em benefício de afirmações sociais e no desenvolvimento destes lugares por meio da formação de discentes. O PPGCI da UFPE atualmente exalta o seu estado de permanência na área e como pode ser influente com suas produções científicas não apenas em âmbito Brasil, mas internacionalmente. Para este trabalho, o Programa colaborou com 11 editais de mestrado solicitados e recebidos via e-mail, estando em falta apenas o referente ao ano 2011 não encontrado pela secretaria do programa nem em buscas paralelas efetivadas além do e-mail. Mesmo assim abarca quase todo o marco temporal acertado para coletar os dados e contribui com um quantitativo expressivo de editais e bibliografias para serem avaliadas e separadas.

Ao diferenciar por gênero de autoria cada bibliografia trazida nos editais da UFPE, os resultados apontaram (Gráfico 10) a dominação dos pesquisadores em contraponto às pesquisadoras, tendo uma diferença significativa entre a recorrência de produções feitas por autores e as feitas por autoras, inibindo as pesquisas das mulheres nos editais de seleção (Gráfico 10).

Gráfico 10 - Bibliografias dos editais da UFPE



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

De 2010 a 2016 não houve a seleção de nenhuma bibliografia feminina⁵ e apenas em 2015 foi incluída uma literatura mista, anterior ao ano citado, apenas homens tiveram seus trabalhos relacionados nas seletivas de pós-graduação em CI na UFPE. Essa invisibilidade de gênero nos editais habita em um ambiente camuflado e até então despercebido quanto a questões da desigualdade entre pesquisadoras e pesquisadores, contudo, tendo em vista resultado como o do PPGCI da UFPE, cabe o incentivo para a escolhas e consequente visibilidade das mulheres quanto cientistas, bem como as suas produções seja quando de autoria única ou em parceria com outras mulheres. São as seguintes pesquisadoras com referências nos editais do PPGCI da UFPE (Quadro 13):

Quadro 13 - Autoras selecionadas pela UFPE

Autora	Formação inicial	Instituição Atual	Nacionalidade
BRIET, Suzanne	História	In memoriam	Francesa
OLIVEIRA, Eliane Braga de/RODRIGUES, Georgete Medleg	Sociologia/ História	UNB/UNB	Brasileiras

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Apenas duas produções estiveram presentes nos documentos, sendo uma destas produções com autoria dupla, seguindo repetidas por quatro anos consecutivos. Em 2017, primeiro ano a ter uma mulher com uma literatura inclusa, Briet apareceu sozinha com sua pesquisa, diferente dos anos posteriores que contou com a presença de Oliveira e Rodrigues. Cabe ressaltar que mesmo com grande diferença na porcentagem de gênero por bibliografias, em 2019 e 2020 os editais contaram com um número superior de literaturas com autorias femininas, portanto, constando apenas três textos para a seletiva e dois deles, eram das autoras já referidas acima.

Na região Sul, os três estados possuem Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação, contudo, foi na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) que a área surgiu mais recentemente, dando início as atividades a partir de 2019, tendo lançado seu primeiro edital de seletiva para o mestrado acadêmico, no ano de 2018. As (os) primeiras (os) mestras e metres em CI pelo programa da UFRGS formaram-se no ano de 2021.

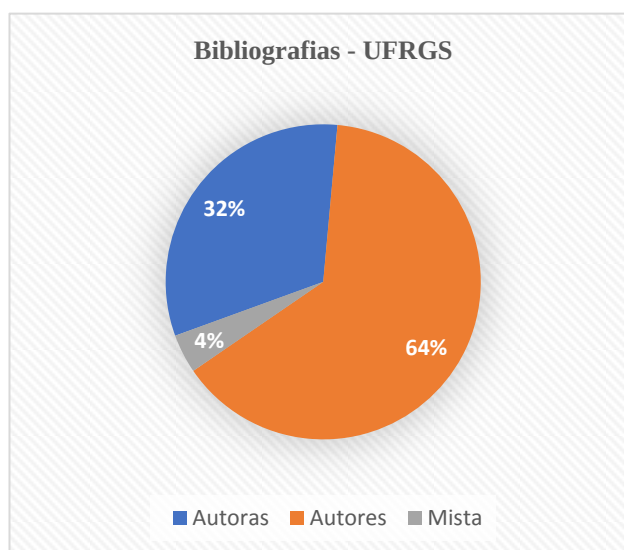
O Programa delimita os objetivos de formar um pessoal crítico que saibam de modo qualificado exercer as atividades acerca da informação, fortalecer e desenvolver discussões no

⁵ Não pode ser dita a mesma afirmativa ao edital de 2011, pois o mesmo não foi encontrado, ou seja, a afirmação é em função dos documentos coletados e analisado na pesquisa.

que envolve a informação e ainda fortificar o campo da CI mediante o conhecimento científico produzido no programa pelas pesquisadoras e pelos pesquisadores.

Sendo recente, foram encontrados três editais no PPGCI da UFRGS, dos anos de 2018, 2019 e 2020, correspondendo a um total de 25 bibliografias indicadas nos três documentos (Gráfico 11).

Gráfico 11 - Bibliografias dos editais da UFRGS



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

A análise dos editais no período de 2010 a 2020, corrobora com a apresentação de uma perspectiva sobre as diferenças ou não, das indicações das bibliografias emitidas pelos PPGCIs. No caso do PPGCI da UFRGS, os três anos de editais publicados demonstram uma progressão quantitativa quando observadas as indicações de bibliografias de autoras, havendo, portanto, o acréscimo da presença das mulheres pesquisadoras da área da CI a cada ano.

Mesmo com essa evolução nas pesquisas produzidas por autoras, o total das bibliografias aponta a preponderância masculina refletida nas escolhas de cada indicação textual, os 64% de bibliografias de autores (Gráfico 11) poderá nos próximos anos, diminuir a diferença ao comparar-se aos 32% de bibliografias de autoras se o referido PPGCI permanecer crescendo a presença feminina nessa circunstância de seletivas para mestrado.

As produções científicas listadas no edital da UFRGS, tem por autoria as seguintes pesquisadoras (Quadro 14):

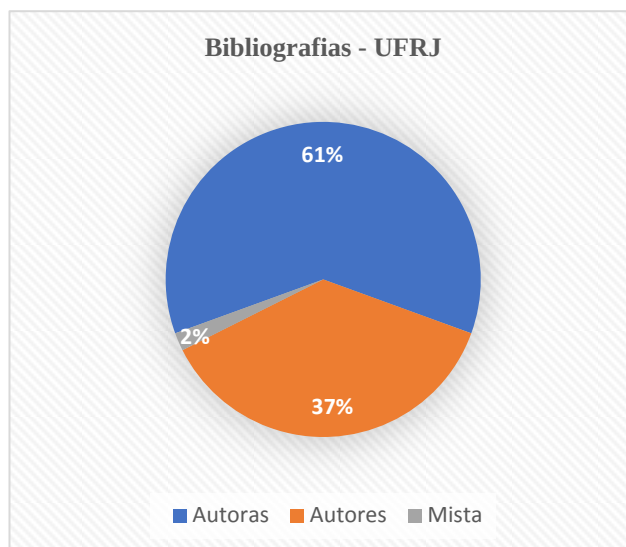
Quadro 14 - Autoras selecionadas pela UFRGS

Autora	Formação inicial	Instituição Atual	Nacionalidade
BRÄSCHER , Marisa/ CAFÉ , Lúcia	Biblioteconomia/ Biblioteconomia e Documentação	UFSC/ UFSC	Brasileiras
ALBAGLI , Sarita	Ciências Sociais	UFRJ	Brasileira
DODEBEI , Vera	Biblioteconomia e Documentação	UERJ	Brasileira
GONZÁLEZ DE GÓMEZ , Maria Nélida	Filosofia	UFF	Argentina
MARQUES , Maria Beatriz/ GOMES , Liliane Esteves	História/ História	Universidade de Coimbra/ Universidade de Coimbra	Portuguesas
VITORINO , Elizete Vieira/ PIANTOLA , Daniela.	Biblioteconomia/Letra s	UFSC/USP	Brasileiras

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Dentre as citadas, **Albagli** e **González de Gomes** aparecem nos editais de 2019 e 2020, mas diferente de Albagli, a pesquisadora González de Gomes tem duas produções distintas escolhidas para compor os respectivos anos.

O pioneirismo de mestrado em Ciência da Informação no Brasil pertence a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), visto seu iniciar em 1970 trazendo professores estrangeiros para fortalecer e estabilizar a área no Brasil e na América Latina como um todo. No entanto seguindo as datas providas pela Plataforma Sucupira (Quadro 4), conta o ano de 2009 como a data inicial do programa, isso em decorrência da descontinuidade da associação com o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICT iniciada em 1970 e findada anos depois, voltando a adquirir tal associação novamente, apenas no final de 2008. O programa sustenta-se por longos anos de forma ativa e em prol da fomentação da CI no Brasil. É bem recomendado não apenas por ser o primeiro programa no Brasil, mas por continuar em qualidade disciplinar, em produção científica e em respeitado corpo docente. Para a presente pesquisa, os dados coletados partiram de auxílio via e-mail, devido aos poucos editais encontrados no portal do PPGCI da UFRJ, tendo em vista os anos de existência, somando, portanto, oito editais coletados, mas grande quantidade de bibliografias (109) (Gráfico 12).

Gráfico 12 - Bibliografias dos editais da UFRJ

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Vasconcelos e Farias (2020, p. 8) partem da ideia de que:

Embora sejam notáveis as contribuições de diversas cientistas ao longo da história da humanidade, as discrepâncias ainda persistem de modo que a inserção e manutenção de mulheres na ciência esbarram em uma forte resistência que envolve principalmente relações de poder e estruturas pré-estabelecidas.

Com os gráficos anteriores ao de número 12, visualiza-se a realidade de tal afirmativa na Ciência da Informação, por revelar a superioridade de indicações produzidas por autores nas seletivas de mestrados. Confirmando a presença feminina na área da CI, já citada neste estudo, o PPGCI da UFRJ condiz com essa influência das mulheres ante a área, apresentando que entre os editais coletados e bibliografias analisadas, 61% das autorias pertencem a pesquisadoras, divergindo, no entanto, dos demais programas até então trazidos em análise mediante gráficos e delimitação do percentual de autorias segundo o gênero.

Em todos os editais que fizeram parte desta pesquisa, as bibliografias de autoria feminina estiveram em maior quantidade e, no total percentual, chega a praticamente a metade das indicações do PPGCI da UFRJ na comparação com as de autoria masculina.

Assim, as autoras parte dessa parcela de 61% das autorias das bibliografias dos editais do mestrado em CI da UFRJ, estão relacionadas no Quadro 15:

Quadro 15 - Autoras selecionadas pela UFRJ

Autora	Formação inicial	Instituição Atual	Nacionalidade
GONZÁLEZ DE GÓMEZ , Maria Nélida	Filosofia	UFF	Argentina
ISSBERNER , Liz-Rejane	Economia	IBICT	Brasileira
LASTRES , Helena Maria Martins / ALBAGLI , Sarita	Economia/Ciências Sociais	UFRJ/ UFRJ	Brasileiras
LETA , Jacqueline	Ciências Biológicas	UFRJ	Brasileira
MALIN , Ana Maria B	Ciências Econômicas	UFRJ	Brasileira
MOLLIKA , Maria Cecília de Magalhães	Letras	UFRJ	Brasileira
OLINTO , Gilda	Sociologia e Política	UFRJ	Brasileira
PINHEIRO , Lêna Vânia Ribeiro	Biblioteconomia	UFRJ	Brasileira
SOUZA , Rosali Fernandez de	Biblioteconomia e Documentação/ Biblioteconomia	UFRJ /Docente aposentada	Brasileiras
BAR-ILAN , Judit	Matemática e Ciências da Computação	Universidade Bar-Ilan	Israelense
BRAMAN , Sandra	Filosofia medieval	Universidade A&M do Texas	Americana
DODEBEI , Vera/ ORRICO , Evelyn G. D	Biblioteconomia e Documentação/ Medicina	UERJ/UFRJ	Brasileiras
POMBO , Olga	Filosofia	Universidade de Lisboa	Portuguesa
PORTUGAL , Sílvia	Sociologia	Universidade de Coimbra	Portuguesa
VITORINO , Elizete Vieira/ PIANTOLA , Daniela.	Biblioteconomia/Letras	UFSC/USP	Brasileiras
BORGMAN , Christine	Matemática	University of California, Los Angeles	Americana

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

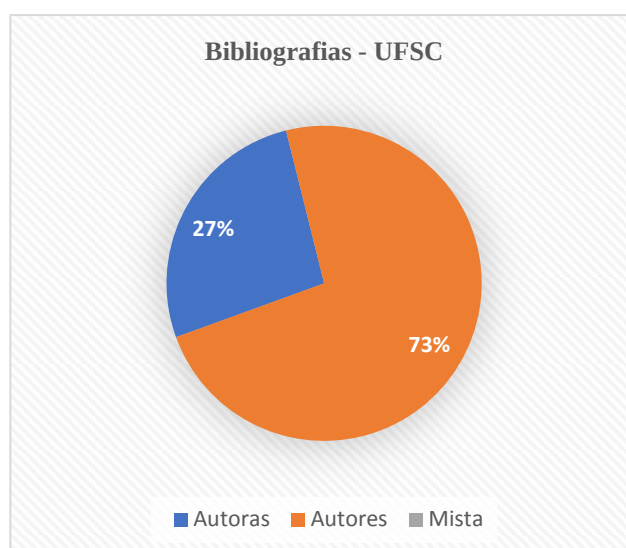
As pesquisadoras utilizadas pelo PPGCI da UFRJ como fontes de conhecimento da área para as provas seletivas do mestrado, demonstram uma mescla entre autoras estrangeiras e autoras brasileiras, ocupando as produções científicas nacionais a maior parte entre as indicações. Além da diversidade de nacionalidades, pode ser visto também a variedade de formação primária dessas pesquisadoras, a saber matemática à biblioteconomia.

O programa insere entre as bibliografias, os estudos da membresia que faz parte do próprio PPGCI, docentes como Jaqueline Leta e Gilda Olinto, por exemplo. Um ponto positivo para o programa é o implemento de pesquisas nacionais e de pesquisas pertencentes a autoras conhecedoras não apenas da área como um todo, da CI nacional, bem como conscientes da realidade do programa e partes do meio.

O Programa seguinte é o mais antigo da região Sul, tendo iniciado no ano de 2003 e sendo o único da região por quase 10 anos. O PPGCI da Universidade Federal de Santa Catarina tem forte presença na área no Brasil e obteve evoluções ao longo dos anos de acordo com a qualificação CAPES aumentada a cada avaliação. O programa tem como objetivo ser um programa de excelência e este foco só irá gerar bons resultados científicos para a CI no país e certamente, para a área como um todo de forma internacional.

Esse PPGCI não consta com grande quantidade de editais (Gráfico 13) como dados da pesquisa, mesmo tendo aproximadamente duas décadas de existência quando na construção do presente estudo. O portal robusto do programa falta em fornecimento dos editais dos anos anteriores e em contatos via e-mail, não foi conseguido respostas, logo a escassez de documentos assim comprovado no Quadro 3.

Gráfico 13 - Bibliografias dos editais da UFSC



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

De acordo com as bibliografias analisadas, o PPGCI da UFSC segue o modelo encontrado na maioria dos demais PPGCIs aqui participantes. As bibliografias são divididas no edital entre livros e artigos e nestas, não foram encontradas nenhuma produção de autoria em conjunto de pesquisadora (s) e pesquisador (s) que contariam como mista.

Os 27% do percentual apresentado refere-se as autorias femininas entre as bibliografias listadas no edital, equivalendo a menos da metade das bibliografias escritas por autores, estas apontam 73%. Em mais um programa, a seletiva de mestrado é composta por textos de maior parte masculina em uma área feminina, revelando o quanto ainda é necessário se fazer de progresso em direção da realidade na igualdade.

Essencial nomear as pesquisadoras escolhidas por seus trabalhos (Quadro 16) para fazerem parte da seletiva do PPGCI da UFSC, sendo elas:

Quadro 16 - Autoras selecionadas pela UFSC

Autora	Formação inicial	Instituição Atual	Nacionalidade
ALBAGLI , Sarita	Ciências Sociais	UFRJ	Brasileira
OLIVEIRA , Marlene	Biblioteconomia	UFMG	Brasileira
GONZÁLEZ DE GÓMEZ , Maria Nélida	Filosofia	UFF	Argentina
HERNANDEZ SALAZAR , Patricia	Odontologia	UNAM - Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas y de Información	Mexicana

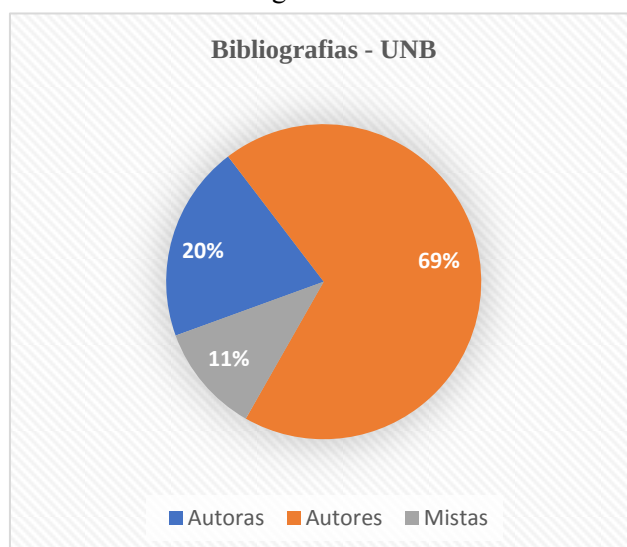
Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

As quatro autoras compartilham espaço no único edital da UFSC coletado para pesquisa e, entre estas citadas, Albagli e Gonzáles de Gómez, pesquisadoras com estudos citados com certa frequência em outras listagens entre os programas já averiguados.

Os cursos de pós-graduação em Ciência da Informação estão presentes por todo o Brasil, mas não em todos os estados. Como é o caso da região Centro-Oeste que há muito tempo possui o PPGCI (PPGCINF) da Universidade de Brasília como referência, pois desde de 1978 (Quadro 4) é o único programa estabilizado no Centro-Oeste do país.

Este Programa é um dos mais antigos do Brasil, tendo completado 40 anos de existência em 2018 e tem colaborado substancialmente com as pesquisas científicas para a área no país, formando também muitos cientistas da informação ao longo dos anos, buscando o aprimoramento do programa com mudanças nas linhas de pesquisa e diversificação do corpo docente para entregar excelência e conhecimento atualizado na CI.

Para a presente pesquisa, o PPGCI da UNB apresenta oito editais a começar do ano de 2013 até o ano de 2020 (Gráfico 14). Uma particularidade desse programa é que ambos os cursos compartilham do mesmo edital para as seletivas a cada ano.

Gráfico 14 - Bibliografias dos editais da UNB

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Com 222 bibliografias analisadas, o PPGCI da UNB é o programa com maior número de dados para análise, apesar da falta dos editais do período inicial estipulado para esta pesquisa. Entre essas bibliografias, 69% são de autorias masculina e 20% de autoria feminina.

Os editais de 2013 e 2014 são os que constam grande número de indicação de leitura, com 63 e 40 respectivamente, o que é incomum nos editais um quantitativo expressivo de bibliografias. Apesar da porcentagem de autorias de mulheres ser baixa, o programa apresenta grande listagem de nomes de pesquisadoras, justamente por incluírem nesses primeiros anos, uma proporção robusta de pesquisas para leitura dos futuros mestrands e mestrands.

Assim, os 20% de bibliografias escrita por pesquisadoras são das seguintes mulheres (Quadro 17):

Quadro 17 – Autoras selecionadas pela UNB

Autora	Formação inicial	Instituição Atual	Nacionalidade
FONSECA , Maria Odila	História	UFF	Brasileira
PINHEIRO , Lêna Vânia Ribeiro	Biblioteconomia	UFRJ	Brasileira
RODRIGUES , Georgete Medleg/ LOPES , Ilze Leite	História/ Biblioteconomia e Documentação	UNB/UNB	Brasileiras
BARROS , Dirlene Santos/ AMELIA , Dulce	Biblioteconomia/ Biblioteconomia	UFMA/UFPB	Brasileiras
BRÄSCHER , Marisa	Biblioteconomia	UFSC	Brasileira

DAHLBERG, Ingetraut	Filosofia	In Memoriam	Alemã
MANINI, Miriam Paula	Ciências Sociais	UNB	Brasileira
MORENO, Fernanda Passini/ BRASCHER, Marisa	Biblioteconomia/ Biblioteconomia	UNB/UFSC	Brasileiras
OLIVEIRA, Eliane Braga de/ RODRIGUES, Georgete Medleg	Sociologia/ História	UNB/UNB	Brasileiras
RONDINELLI, Rosely Curi	História	Fundação Casa de Rui Barbosa	Brasileira
SVENONIUS, Elaine	Artes	Docente aposentada (emérita)	Americana
TAYLOR, Arlene	Biblioteconomia e Ciência da Informação	Universidade de Pittsburgh	Americana
AMARAL, Sueli Angélica do	Biblioteconomia e Documentação	UNB	Brasileira
COSTA, Suely M. S	Biblioteconomia e Documentação	UNB	Brasileira
DUDZIAK, Elisabeth Adriana	Biblioteconomia	USP	Brasileira
FISHER, Karen/ JULIEN, Heidi	--	University of Washington/ Escola de Pós-Graduação em Educação de Buffalo	Canadenses
GASQUE, Kelley C. G	Biblioteconomia e Documentação	UNB	Brasileira
KAFURE, Ivete	Engenharia de Sistemas	UNB	Colombiana
MUELLER, Suzana <u>Pinheiro Machado</u>	Biblioteconomia e Documentação	UNB	Brasileira
RODRIGUES, Georgete Medleg	História	UNB	Brasileira
MARQUES, Angelica Alves da Cunha	Arquivologia	UNB	Brasileira
TARAPANOFF, Kira	Biblioteconomia	UNB	Brasileira
ALVARENGA, Lídia	Biblioteconomia	Docente aposentada	Brasileira
BORGMAN, Christine	Matemática	University of California, Los Angeles	Americana
KUNSCH, Margarida	Relações Públicas	USP	Brasileira
GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida	Filosofia	UFF	Argentina

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

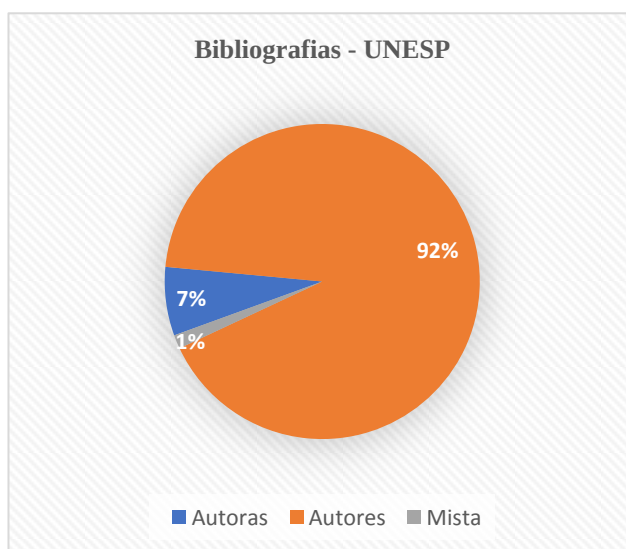
Destaca-se entre as autoras indicadas, a presença de pesquisadoras da UNB, essa opção por mulheres pertencentes ao programa no qual a seleção está sendo efetuada, põe em destaque a relevância das pesquisas dessas autoras e de quão importantes são suas produções para a CI, confirmando, se docentes, a competência do corpo docente do programa almejado

pelos candidatos a mestrandos.

Anterior aos anos 2000, o curso em CI na Universidade Estadual Paulista (UNESP) também se concentra no grupo de programas exemplos e tradicionais no Brasil, conseguindo manter-se ativo e desenvolvendo atividades científicas para o fomento da área no país.

O programa possui característica de buscar o aperfeiçoamento ao longo do tempo, isso é possível ser visto no avançar da nota conceito CAPES que na avaliação trienal 2010-2012, chegou a 6. De acordo com o portal do PPGCI, a evolução no conceito se deu pela trajetória de prezar a excelência, procurando investir em estratégia de pesquisas e sendo resultado da integração do corpo docente e discente ativos na fomentação do programa. Os editais obtidos com o Programa foram consequência de solicitação por e-mail e êxito na resposta, no entanto nem todos os documentos fizeram parte como dados da pesquisa, em decorrência da falta da etapa de prova em alguns anos da seletiva para o curso de mestrado no PPGCI/UNESP. Com isso os editais dos anos de 2013, 2014, 2015 e 2016 atendem ao requerido por listar no corpo do documento as indicações de bibliografias (Gráfico 15).

Gráfico 15 - Bibliografias dos editais da UNESP



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Analizadas as bibliografias disponíveis nos quatro documentos coletados, segue a inexpressividade de autorias femininas como recomendação dos programas em CI no Brasil. A UNESP tem a semelhança com a maior parte dos programas em indicarem bibliografias em sua maioria produzida por autores, mas a particularidade está no percentual de 92%, um número bem elevado de autoria masculina que deixa apenas 7% para produções exclusivas de

mulheres. O 1% equivale a bibliografias em parceria de pesquisadoras e pesquisadores.

O quantitativo de autoria por mulheres esteve linear nos editais, sendo sempre uma presença pequena em comparação a autoria por homens. Apesar dessa superioridade masculina deste quantitativo, faz-se importante identificar quem são as pesquisadoras incluídas nesses 7% (Quadro 18).

Quadro 18 - Autoras selecionadas pela UNESP

Autora	Formação inicial	Instituição Atual	Nacionalidade
DAHLBERG, Ingetraut	Filosofia	In Memoriam	Alemã
BREITMAN, Karin	Engenharia Eletronica	PUC-Rio	-
LYNCH, Bervely P	Ciências	Aposentada	Americana

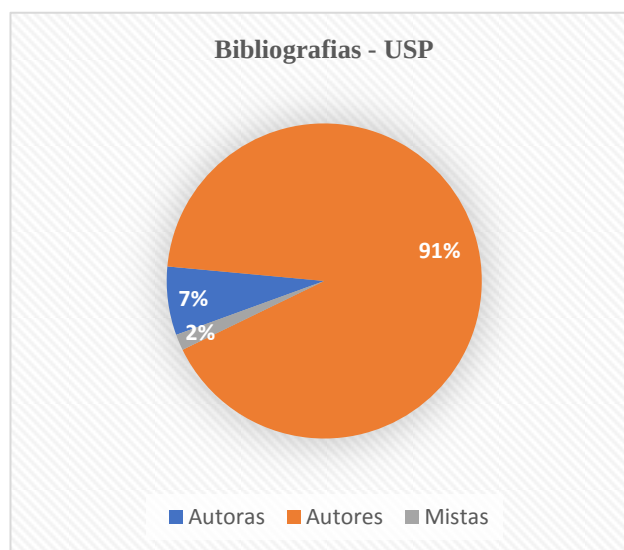
Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Apesar de todos os anos entre os editais analisados, haver ao menos uma indicação de autoria feminina, a taxa de bibliografias de autoras na UNESP é baixa, isso porque mesmo havendo a constância, não houve quantidade expressiva, resultando na alta adesão a pesquisas desenvolvidas por pesquisadores da área da CI.

Ainda assim, entre as citadas, Dahlberg, pesquisadora alemã, foi a única a ter sua pesquisa indicada em todos os editais (2013-2016) da seleção de mestrado da UNESP coletados para o presente estudo.

O PPGCI da Universidade de São Paulo é o último programa a ter seus editais investigados quanto as autorias das bibliografias indicadas na seleção de mestrado. Esse PPGCI nasceu em 2006 com o objetivo de fortalecer os estudos da CI no país e tem cumprido com isso a mais de uma década, construindo um programa com docentes qualificados e linhas de pesquisas que atendem ao estudo da informação por óticas diferentes.

O Programa possui um corpo docente bem diversificado quanto ao gênero e possui maioria feminina pertencendo ao grupo de coordenação do PPGCI, confirmando então adesão das mulheres a área, tornando a CI no Brasil uma área feminina. Contudo, a representatividade das mulheres no PPGCI da USP não abrange as bibliográficas listadas nos editais de mestrado dos programas como aponta os resultados do Gráfico 16.

Gráfico 16 - Bibliografias dos editais da USP

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

A coordenação do Programa disponibilizou um *link* de acesso aos editais de mestrado mediante solicitação por *e-mail*, encontrando através desse *link* seis editais de 2015 a 2020, os quais correspondem tanto para seletivas de mestrado bem como doutorado. Destes editais foram analisadas 86 bibliografias segundo o gênero de autoria.

Assim, as mulheres tão presentes nos espaços do PPGCI da USP não encontram igual proporção nas indicações de bibliografias dos editais, correspondendo a apenas 7% de um ambiente aparentemente propício para a inclusão das mesmas.

Ter as autoras números inferiores aos números dos autores não é o principal resultado das análises, mas sim a diferença considerável existente entre as autorias por gênero, em que, ao menos no presente PPGCI, chega a mais de 90% do domínio entre os homens indicados como leitura, principalmente por ser a CI uma área de mulheres desde a sua nascença no país. Mas no PPGCI da USP são 7% nesse contexto de bibliografias e são elas (Quadro 19):

Quadro 19 - Autoras selecionadas pela USP

Autora	Formação inicial	Instituição Atual	Nacionalidade
TÁLAMO , Maria de F. Gonçalves Moreira/ SMIT , Johanna	Linguística/ Biblioteconomia e Documentação	Docente aposentada /Docente aposentada	Brasileiras

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

De dupla autoria, a produção científica relacionada no Quadro 19 esteve presente em todos os editais coletados e averiguados para dados desta pesquisa. Tálamo e Smit estiveram

tema na CI, sendo uma escrita não tão aprofundada pelos homens, mas aqui, percebe-se quais as temáticas que essas mulheres mais escrevem quando as estas são concedidas espaço para servirem de literatura base aos futuros discentes da Ciência da Informação.

A nuvem de temas coloca em destaque como principais escolhas por parte dos PPGCIs, pesquisas escritas por mulheres com temática sobre a **interdisciplinaridade**, destacando assim, a correlação de outras áreas com a Ciência da Informação, uma temática importante e de frequente discussão. Foram 23 bibliografias de autorias femininas postas entre os editais dos PPGCIs listados neste estudo, que trouxeram o referido assunto como norteador da escrita. As temáticas como: **conhecimento, epistemologia, CI na contemporaneidade e conhecimento científico** também estiveram entre os assuntos mais escritos por autoras mulheres na Ciência da Informação, quando são observadas as escolhas das produções científicas dos programas em CI do Brasil para leitura em seleções de mestrados.

Araújo (2014), classifica as subáreas ou correntes teóricas da Ciência da Informação apontando a composição basilar da área. De acordo com as temáticas elencadas na Figura 1 cabe relacioná-las com esses fundamentos da CI indicados pelo autor. A **Epistemologia** foi recorrente entre os temas das bibliografias escritas por mulheres escolhidas pelos PPGCIs, enquanto também, o autor em seu texto busca traças as subáreas justamente para reconhecer a epistemologia da CI. Assim é visto que as autoras são em grande parte trazidas mediante seus inscritos para fazerem parte dos editais de mestrado, colaborando com essa temática de caráter que fundamenta a CI.

Outro tema predominante entre as produções dos editais foi o **Conhecimento**, comumente discutido na CI atrelado também a informação. Araújo (2014) destaca a importância do conhecimento sendo compreendido em suas faces, evidenciando a relevância do processo de discussão acerca do tema para a subárea **Gestão da Informação e do Conhecimento** na atuação em contextos organizacionais. Por sua vez, **Conhecimento Científico** se encaixa na subárea trazida pelo autor como **O Estudo dos Fluxos de Informação Científica** no que tange ao processo de auxílio no âmbito científico em estimular a divulgação da ciência e de como esse conhecimento científico é extraído dos produtos informacionais gerando fluxo a essa informação.

As temáticas principais das produções das pesquisadoras são bem seminais, como precisam ser devido a eleição de textos basilares para o processo seletivo. Difundir essas literaturas e torna-las mais constantes entre os editais contribuirá certamente para uma maior equidade entre os gêneros escolhidos como autores dessas bibliografias.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa se propôs analisar como se manifesta a relação de gênero dentro de uma área científica enquanto a representatividade e presença de pesquisadoras e pesquisadores. Aplicando isso à Ciência da Informação no Brasil, historicamente considerada uma área feminina não apenas em âmbito nacional, mas em todo mundo (ESPIRITO SANTO, 2008), possibilitando contemplar a confirmação dessa realidade de forma prática, também de modo mais direcionado e não apenas amplamente, ou seja, além da consideração de matrículas e formação de cientistas da informação do gênero feminino.

As relações de gênero são discutidas principalmente pela noção da superioridade estabelecida culturalmente de um gênero frente ao outro, permeando reflexões acerca das desigualdades direitos, de liberdade e ocupação de espaços em diferentes campos da sociedade. Durante este estudo, verificou-se como esse problema é antigo e invade a sociedade por décadas, afligindo acentuadamente as mulheres desde dentro de suas casas na relação familiar, à esfera pública, a saber ambientes de trabalho, instituições educacionais e na esfera científica/acadêmica também. As universidades em sua pluralidade de pessoas, pensamentos e abertura para discussões não passaram ilesas quando o assunto é superioridade de gênero. Mesmo em um certo ponto contando com uma quantidade superior de mulheres em seu ambiente, ao focar em cargos de liderança por exemplo, existe maior resistência em colocar uma mulher como chefe em grande parte das áreas científicas, isso implica em uma desigualdade não exposta se apenas verificar o macro dessa situação: mulheres conseguindo adentrar para cursos universitários e sendo a maioria entre estudantes.

O conhecimento sobre o assunto torna essas desigualdades mais concretas e a sua confirmação deriva da informação manifestada que revela essa realidade, principalmente quando essa informação é registrada e tem a vitalidade de perpassar o tempo e ser fonte para afirmar e modificar um contexto.

Por isso quando a pesquisa levantou a problemática na Ciência da Informação a tendo como uma área propícia para mulheres, na qual está conjecturada a representatividade feminina na CI como um todo, preferiu perceber o micro da área na proposta de analisar a relação de gênero nela estabelecida, escolhendo portanto fontes de pesquisas, sendo estas as bibliografias indicadas como leituras nos editais de mestrado da CI no Brasil, identificando por autoria, a presença das pesquisadoras como autoras das produções científicas que são para as (os) futuras (os) pós-graduandas (os), uma das primeiras proximidades com a área e sua literatura.

A CI forma pesquisadoras e pesquisadores com o intuito de formar profissionais capacitados para o papel de cientista da informação e para dissertar sobre a área contribuindo com pesquisas relevantes para a ciência. E sem elevar ou diminuir sabedoria e capacidade de qualquer pessoa, o esperado era encontrar entre as (os) contribuintes com os estudos científicos designados para os editais de mestrados nacionais, a superioridade feminina defendida historicamente pela área da Ciência da Informação no Brasil.

Fizeram parte 16 pós-graduações em CI correspondentes as exigências da pesquisa, com cursos de mestrados iniciados antes mesmo do referencial temporal escolhido para coletas de dados (2010-2020), bem como cursos recentes, proporcionando uma análise também em relação a alguma diferença nesse aspecto de escolhas da literatura a ser indicada, entre cursos mais tradicionais com certa linha de autores já delineadas e os iniciados a pouco tempo, já inseridos em uma discussão mais recorrente quanto igualdade de gênero.

Contudo a diferença da preferências de pesquisas quanto aos seus autores, não é vista como conflitante entre os cursos mais recentes e os tradicionais na área, pois dos 16, apenas um dos cursos de pós-graduação em CI apresentou uma porcentagem de literaturas com autoria de mulheres maior que as de autoria de homens. O curso de mestrado em CI da UFRJ constou com 61% de pesquisadoras, os 39% ficaram divididos entre pesquisadores e pesquisas com autoria mista. Entre as autoras indicadas por meio de suas bibliografias, algumas participantes do corpo docente do próprio curso de CI da UFRJ, o que é considerado relevante, haja vista que são pesquisadoras que também serão docentes das (os) futuras (os) discentes do programa, sendo introduzidos por suas pesquisas como leituras importantes para compreender a base da CI. Diferentemente do programa da UFRJ, o curso da UFAL não apresentou nenhuma bibliografia escrita por autora (s) entre os anos pesquisados, apenas literaturas escritas por pesquisadores e as produções em conjunto, reconhecidas no presente estudo como mistas. Mesmo assim, foi verificado que 91% do espaço dos editais dedicados aos textos indicados para as leituras das (os) candidatas (os) foram ocupados por homens.

O programa de pós-graduação em CI da UFPA apresenta resultados balanceados mesmo tendo o percentual de escritos dos pesquisadores maior, no entanto não é tão discrepante quanto os demais. Os 13 programas não citados até então nessas considerações finais, garantem mais da metade do espaço em suas indicações de leitura, para os autores do gênero masculino. Mais uma vez, entende-se a relevância que cada pesquisador possui em sua trajetória e a aptidão científica que possuem, mas a relevância mais enfática se faz na postura dos programas quanto a essas escolhas dos textos para leitura, recorrendo aqui a característica de representatividade do gênero feminino atribuída a área de Ciência da Informação, uma vez

que essa particularidade não pode ser confirmada mediante o corpus desta pesquisa.

Caberia uma reflexão anterior, por parte dos programas, quanto as indicações textuais nos editais de mestrado em CI, ao ver tais resultados da superioridade masculina estruturada historicamente, sendo refletida na área da CI, mesmo que seja uma ação feita de modo imperceptível para as pessoas responsáveis por estas escolhas. Esta pesquisa então dá luz a essa fração que até então não tinha sido exposta, analisada e identificada como propulsora da desigualdade de gênero na ciência e a não ponderação acerca de mudanças necessária, não colabora com a luta das mulheres nas mais diversas esferas da sociedade.

Ao nomear as pesquisadoras que apareceram como autoras das bibliografias coletadas nos editais de mestrado, foi elencado também algumas informações sobre elas, como: a formação inicial, a instituição atual e a nacionalidade. Nota-se que as pesquisadoras possuem formação inicial muito diversificadas como em medicina, odontologia, história e letras, implicando como é ampla a CI e receptiva a pesquisadoras (es) de áreas mais distantes da informação, no entanto a maior parcela das nomeadas são de cursos próximos a CI, como biblioteconomia ou biblioteconomia e documentação, cursos estes tidos como basilares para a instituição da Ciência da Informação como área.

Não foi tão recorrente ter pesquisadoras da formação do corpo docente dos programas, indicadas em seus respectivos editais. Demonstra assim, que não existe a preferência por parte das organizações dessa lista de literaturas, por autoras conhecedoras do programa o qual a seleção está sendo aplicada, que fazem parte como docentes dos cursos em CI. Certamente são escolhas por pesquisas com relevância temática e/ou por autoras mais tradicionais na área.

Na informação sobre a nacionalidade de cada autora, percebe também uma variedade dos países de origem dessas pesquisadoras: americanas, israelitas, argentinas, alemãs e claro, brasileiras. É muito importante saber sobre as produções do exterior, o que estão dissertando sobre determinadas temáticas e a visão dessas autoras quanto a CI em seus países. Fazendo conhecer também para as (os) novas (os) pesquisadoras, nomes relevantes no cenário internacional de consideráveis contribuições para o crescimento científico da área no mundo.

Contudo, as autoras brasileiras são massivamente as mais recorrentes entre outras nacionalidades. Pesquisadoras pertencentes a universidades e logo, PPGCIs de praticamente todas as regiões do país, foi uma característica considerada favorável entre essas pesquisadoras. Mulheres brasileiras cientistas da informação, produzindo ciência e sendo referências para futuros pesquisadores da CI e principalmente sendo referências e exemplo para futuras pesquisadoras em CI, uma demonstração da capacidade das mulheres em se tornarem cientistas, pesquisadoras e respeitadas onde quer que decidam exercer atividade.

Ter a representação do gênero feminino em qualquer esfera, mas aqui referindo prioritariamente a área da CI, é uma forma de lutar contra a desigualdade de gênero e cooperar com a força gerada historicamente e construída socialmente, da superioridade masculina. Essa representação na área da CI é importante para apoiar outras cientistas a ocuparem seus espaços de direito em suas áreas de atuação e é uma forma de fortalecer a vontade e a força daquelas que almejam fazer ciência e poderão ter modelos a seguirem e um dia serem também essa referência de mulher cientista, mulher pesquisadora, mulher autora e mulher. A pesquisa contou com algumas dificuldades com relação a coleta dos dados, porque nem todos os programas dispunham dos editais disponíveis nos seus respectivos portais, havendo a necessidade de entrar em contato pelos *e-mails* das coordenações. A UFSC, por exemplo, não respondeu a solicitação, logo apenas o edital que estava disponível em seu portal foi trazido para análise no estudo. O mesmo ocorreu com a coordenação da UFPB, não foi encontrado editais anteriores a 2016 nem resposta mediante contato por e-mail.

As informações sobre as pesquisadoras foram buscadas principalmente no currículo *Lattes* e pelo *site* Escavador, sendo uma procura trabalhosa visto a individualidade das informações necessárias, em alguns poucos casos não foi conseguido completar o perfil, mas em sua maioria pôde ser visualizada as definições básicas das autoras.

Houve de certa forma temor ao desenvolver esta dissertação devido a acreditar ser uma temática e abordagem delicada, pois impõe crítica e expõe uma problemática que pode ser vista com resistência, mas como na autoria da pesquisa está uma mulher e pesquisadora, entende-se o quão representativo é ter a oportunidade de abordar cientificamente as relações de gênero e colaborar, mesmo que minimamente, para uma reflexão de uma Ciência da Informação menos desigual com relação aos gêneros em seu todo. A pesquisa também pode servir como reflexão para o desenvolvimento de abordagem semelhante em outras áreas dentro na esfera científica.

REFERÊNCIAS

- ALVES, D. et al. Estudo de Caso da disciplina Gênero em Informação na Universidade Federal da Paraíba. **Convergências em Ciência da Informação**, v. 1, p. 218, 2018.
- AMARAL, F. V. .; CORRÊA, E. C. D. . Contribuições da Biblioteconomia e Ciência da Informação para a gestão de bibliotecas universitárias. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 18, n. 00, p. e020008, 2020. DOI: 10.20396/rdbci.v18i0.8659172. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8659172>. Acesso em: 2 abr. 2022.
- ARAÚJO, C. A. V.; VALENTIM, M. L. P. A ciência da informação no brasil: mapeamento da pesquisa e cenário institucional. **Bibliotecas. Anales de Investigación (Cuba)**, v. 15, n. 2, p. 232-259, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/112206>. Acesso em: 25 mai. 2021.
- ARAÚJO, C. A. Ávila. FUNDAMENTOS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: CORRENTES TEÓRICAS E O CONCEITO DE INFORMAÇÃO. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 57–79, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/pgc/article/view/19120>. Acesso em: 15 fev. 2022.
- AUTRAN, M. M. M. **Comunicação da ciência, produção científica e rede de colaboração acadêmica**: análise dos programas brasileiros de pós-graduação em Ciência da Informação – 2008 – 2012. 2015. Tese (Doutorado em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais) - Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2015.
- BARRETO, Andreia. **A mulher no ensino superior**: distribuição e representatividade. Cadernos do GEA. FLACSO/LPP/UERJ, 2014. Disponível em: http://flacso.org.br/files/2016/04/caderno_gea_n6_digitalfinal.pdf. Acesso em: 14 mai. 2021.
- BARRETO, Gabriella Pereira. **A evolução histórica do Direito das mulheres**, 2017. Disponível em: <https://gabipbarreto.jusbrasil.com.br/artigos/395863079/a-evolucao-historica-dodireito-das-mulheres>. Acesso em: 19 mar. 2021.
- BARROS, Suzane Carvalho da Vitória; MOURÃO, Luciana. Panorama da participação feminina na educação superior, no mercado de trabalho e na sociedade. **Psicologia & Sociedade** [online]. 2018, v. 30. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30i174090>. Acesso em: 20 mar. 2021.
- BASILIO, Esdra. Gênero na Biblioteconomia: região centro-oeste (1962-2018). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 30., 2019, Recife. **Anais [...]**. Recife: Anpuh-brasil, 2019. p. 1-12. Disponível em: https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1564595588_ARQUIVO_TextoparaAnpuhnacional2019.pdf. Acesso em: 10 mai. 2021.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G.; ALLUM, N. C. **Pesquisa Qualitativa com textos, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. São Paulo: Difusão Europeia do

Livro, 1970.

BERRÍO-ZAPATA, C. *et al.* Exclusão digital de gênero: quebrando o silêncio na ciência da informação. **Revista Interamericana de Bibliotecología**, Colombia, v. 43, n. 1, 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/127569>. Acesso em: 16 jul. 2021.

BOLZANI, Vanderlan da Silva. Mulheres na ciência: por que ainda somos tão poucas?. **Cienc. Culto.**, São Paulo, v. 69, n. 4, p. 56-59, 2017. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252017000400017. Acessado em: 03 mar. 2021.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, P. A dominação masculina. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 133-184, jul./dez. 1995.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.

BUFREM, Leilah Santiago; NASCIMENTO, Bruna Silva do. A questão do gênero na literatura em Ciência da Informação. **Em questão**, Porto Alegre, v. 18, Edição Especial, p. 199-240, 2012.

CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da Informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2003, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: ENANCIB, 2003. p. 1-21. Disponível em: http://www.capurro.de/enancib_p.htm. Acesso em: 01 jul. 2020.

CARVALHO, Ana Cristina Guimarães; NASCIMENTO, Maria Gezilda e Silva. Lydia Sambaquy e suas contribuições para a biblioteconomia e ciência da informação no cenário brasileiro. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 13, n. esp., 2017.

CARVALHO, Marília Gomes de; CASAGRANDE, Lindamir Salete. Mulheres e ciência: desafios e conquistas. **Interthesis: Revista Internacional Interdisciplinar**, v.8,n.2,p.20-35, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2011v8n2p20/0>. Acesso em: 15 mai. 2021.

CÔRTEZ, G. R.; MARTINS, G. K; GARCIA, J. C. R. Protagonismo social das mulheres na associação nacional de pesquisa em ciência da informação: apontamentos iniciais. *In*: Franciéle Carneiro Garcês da Silva; Nathália Lima Romeiro. (Org.). O protagonismo da mulher na biblioteconomia e ciência da informação: celebrando a contribuição intelectual e profissional de mulheres latino-americanas. 1ed.João Pessoa: Rocha Gráfica e Editora, 2019, v. p. 1-492.

CORRÊA, E. C. D.; OLIVEIRA, A. C. D. C. de. Pelas Mãos Femininas de Lydia Sambaquy e Celia Zaher: as origens da CI brasileira. *In*: SILVA, F. C. G. da; ROMEIRO, N. L. (org.). **O Protagonismo da Mulher na Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Florianópolis: ACB, 2018. p. 17-44.

DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v.2, n.4, p.01-13, Sem II. 2008

DIAS, Karla Cristina de Oliveira; LIMA, Francisca Rosimere Alves de. **Levantamento das produções sobre mulheres e relações de gênero nos artigos de periódicos em ciência da informação**. XV Encontro Regional de Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência e Gestão da Informação (EREBD). Juazeiro do Norte: UFC, jan. 2012.

DROESCHER, Fernanda Dias; SILVA, Edna Lucia. O pesquisador e a produção científica. **Perspectivas em Ciência da Informação** [online]. n. 1, v. 19, n. 1, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-99362014000100011>. Acesso em: 01 nov. 2021.

ELIOT. L. Neurosexismo: o mito de que homens e mulheres têm cérebros diferentes. **Nature**, 2019. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/d41586-019-00677-x>. Acesso em: 31 mar. 2021.

ELSEVIER. **Gender in the Global Research Landscape**, 2017. Disponível em: <https://www.elsevier.com/research-intelligence/campaigns/gender-17>. Acesso em: 26 jan. 2022.

ELSEVIER. **Gender in the Portugal Research Arena: A Case Study in European Leadership**, 2021. Disponível em: https://www.elsevier.com/__data/assets/pdf_file/0005/1173263/portugal-gender-report.pdf. Acesso em: 26 jan. 2022.

ELSEVIER. **The Researcher Journey through a gender lens**: An examination of research participation, career progression and perceptions across the globe, 2020. Disponível em: https://www.elsevier.com/__data/assets/pdf_file/0011/1083971/Elsevier-gender-report-2020.pdf. Acesso em: 08 fev. 2022.

ESPÍRITO SANTO, Patrícia. Os estudos de gênero da Ciência da Informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 317-332, jul./dez. 2008.

FELIPE, Jane. Gênero e sexualidade nas Pedagogias Culturais: implicações para a Educação Infantil. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 22., 1999, Caxambu - MG. **Anais [...]** Caxambu - MG, 1999. p. 235.

FERNANDES, Cecília. **As meninas ainda são minoria nos cursos de graduação em matemática, física, computação e estatística**. Universidade Federal Fluminense, 2018. Disponível em: <http://mulheresnamatematica.sites.uff.br/as-meninas-ainda-sao-minoria-noscursos-de-graduacao-em-matematica-fisica-computacao-e-estatistica/>. Acesso em: 11 mai. 2021.

FROHMANN, B. O caráter social, material e público da informação. In: FUJITA, M. S. L., MARTELETO, R. M., LARA, M. L.G. de (org.). **A dimensão epistemológica da Ciência da Informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica Ed., Marília: Fundepe Ed., 2008.

GARCIA, Carla. **Breve histórico do Movimento feminista no Brasil**. São Paulo: Claridade, 2015.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. p. 67-80. Petrópolis: Vozes, 2002.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. As ciências sociais e as questões da informação. **Morpheus-Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, ano 09, n. 14, 2009.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. Metodologia de pesquisa no campo da ciência da informação. **DataGramaZero**, v. 1, n. 6, dez. 2000.

GONZÁLEZ GARCÍA, Marta I.; PÉREZ SEDEÑO, Eulalia. Ciencia, tecnologia y género. **Revista Iberoamericana de Ciencia, Tecnología, Sociedad y Innovación**, n. 2, Enero-Abril 2002.

GUIMARÃES, S. G.; ARAS, Lina Maria B. A ciência e seus discursos a exclusão das mulheres na medicina. In: SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar; MINELLA, Luzinete Simões. (org.). **Gênero e Ciências Mulheres em Novos Campos**. Salvador: EDUFBA, 2016, p. 19-40.

HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini *et al.* Gênero nos estudos bibliométricos apresentados nos ENANCIBs (1994-2016). **Revista ACB**, [S.l.], v. 23, n. 1, p. 54-68, mar. 2018. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1396>. Acesso em: 15 jul. 2021.

HEILBORN, Maria Luiza; SORJ, Bila. “Estudos de gênero no Brasil”, In: MICELI, Sérgio (org.). **O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)**, ANPOCS/CAPES. São Paulo: Sumaré, 1999, p. 183-221.

HOOKS, Bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/condicoes-de-vida-desigualdade-e-pobreza/17270-pnad-continua.html?edicao=27258&t=resultados>. Acesso em: 30 mar. 2021.

IBICT. **Mulheres na Ciência da Informação**. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <http://50.ppgci.ibict.br/mulher/hagar-espanha-gomes/>. Acesso em: 30 mai. 2021.

ICHIKAWA, E.; YAMAMOTO, J.; BONILHA, M. Ciência, Tecnologia e Gênero: desvelando o significado de ser mulher e cientista. **Serviço Social em Revista**, n. 1, v. 11, jul/dez, 2008.

KOBASHI, Nair Yumiko; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. Informação: fenômeno e objeto de estudo da sociedade contemporânea. **Transinformação**, n. spe, v. 15, p. 7-21, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/SZ5RXSnjnDcjhZ9ykPpCHHw/abstract/?lang=pt#ModalArticle> s. Acesso em: 08 maio 2021.

LE COADIC, Yves-François. **A Ciência da Informação**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1996.

LETA, Jacqueline. As Mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 271-284, 2003.

LIMA, B. S. O labirinto de cristal: as trajetórias das cientistas na Física. **Revista Estudos Feministas [online]**, n. 3, v. 21, p. 883-903, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000300007>. Acesso em: 12 maio 2021.

LOMBARDI, Maria Rosa. Formação e docência em engenharia, na ótica do gênero: um balanço de estudos recentes e dos sentidos da feminização. In: YANNOULAS, Silvia Cristina (coord.). **Trabalhadoras – Análise da Feminização das Profissões e Ocupações**. Brasília: Editorial Abaré, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MASSARANI, Luisa; CASTELFRANCHI, Yuri; PEDREIRA, Anna Elisa. Cientistas na TV: como homens e mulheres da ciência são representados no Jornal Nacional e no Fantástico. **Cadernos Pagu [online]**, n. 56, e195615, 2019,. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449201900560015>. Acesso em: 07 maio 2021.

MEADOWS, A. J. **A comunicação científica**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MENEZES, Márcia. A trajetória profissional da “menina de saia estampada” *caminhos iniciais de uma professora de Matemática em um mundo androcêntrico*. In: SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar; MINELLA, Luzinete Simões. (org.). **Gênero e Ciências Mulheres em Novos Campos**. Salvador: EDUFBA, 2016, p. 85-112.

MINAYO, Maria Cecília (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2009.

NASCIMENTO, M. I. G.; OLIVEIRA, E. B. Mulher e gênero na produção científica da ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, n. XX ENANCIB, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/123339>. Acesso em: 19 mai. 2021.

ODDONE, Nanci Elizabeth. **Ciência da informação em perspectiva histórica**: Lydia de Queiroz Sambaquy e o aporte da Documentação (Brasil 1930-1970). 2004. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)–Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia; Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasília; Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/691>. Acesso em: 24 maio 2021.

OLINTO, G. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. **Inclusão Social**, Brasília, v.5, n.1, p. 68-77, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/427/1/GildaO.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2021.

OLIVEIRA, Amurabi *et al.* Gênero e desigualdade na academia brasileira: uma análise a partir dos bolsistas de produtividade em pesquisa do CNPq. **Configurações [Online]**, n. 1, v. 27, p. 75-93, 2011. Disponível em:

<https://journals.openedition.org/configuracoes/11979#tocto1n3>. Acesso em: 26 jan. 2022.

PASSOS, E. Gênero e sua aplicabilidade. *In*: TEXTOS de Apoio ao Seminário de aprofundamento do trabalho com gênero no PróGavião. Salvador: Programa de Assessoria em Gênero NEIM/REDOR, 2000.

PATEMAN, C. **O Contrato Sexual**. Trad. Marta Avancini. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1993.

PEREIRA, A. C. F. P.; FAVARO, N. DE A. L. G. História Da Mulher No Ensino Superior E Suas Condições Atuais De Acesso E Permanência. *In*: IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SUBJETIVIDADE E EDUCAÇÃO, 2017.

PINHEIRO, L. V. R. Hagar Espanha Gomes. **Ciência da Informação**, v. 25, n. 3, 1996. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/624>. Acesso em: 24 maio 2021.

PINHEIRO, L. V. R. Processo evolutivo e tendências contemporâneas da ciência da informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, n. 1, v. 15, 2005.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Hagar Espanha Gomes: múltiplos e inovadores movimentos acadêmicos e pedagógicos. **Ciência da Informação em Revista**, Maceió, , n. 2, v. 7, p. 1-6, set./ 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/11024/7713>. Acesso em: 24 maio 2021.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do Trabalho Científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RIPPON, Gina. **O cérebro com gênero**: a nova neurociência que quebra o mito do cérebro feminino. Nova Iorque: Vintage Publishing 2019.

ROMEIRO, Nathália Lima; VIOLA, C. Políticas públicas e o desenvolvimento da mulher na ciência: um estudo sobre as ações no Brasil e em Portugal. *In*: SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; ROMEIRO, Nathália Lima. (org.). **O protagonismo da mulher na Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Florianópolis, SC: Editora ACB, 2018, v. 1, p. 1-249.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D. de; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, [S. l.], n. 1, v. 1, 2009. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351>. Acesso em: 28 abr. 2021.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A Mulher na Sociedade de Classe**: mito e realidade. Petrópolis: Vozes, 1976.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **O poder do macho**. São Paulo, Ed. Moderna, 1987.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SAMPIERI, Roberto Hernandez. COLLADO, Carlos Fernandez. LUCIO, Pilar Baptista. **Metodologia de la investigacion**. McGraw-Hill/Interamericana Editores, Sa de C.V. 3. ed. 2006.

SANTOS, Silvana Mara Morais e OLIVEIRA, Leidiane. Igualdade nas relações de gênero na sociedade do capital: limites, contradições e avanços. **Katálises**. Florianópolis, n. 1, v. 13, p. 11 -19, jan./jun., 2010.

SARACEVIC, T. A natureza interdisciplinar da ciência da informação. **Ciência da Informação**, [S. l.], n. 1, v. 24, 1995. Disponível em: https://www.academia.edu/2820314/TEXTO_ORIGINAL. Acesso em: 8 maio 2021.

SARACEVIC, T. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, n. 1, v. 1, p. 41-62, jan./jul. 1996. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/235>. Acesso em: 8 maio 2021.

SCAVONE, Lucila. Estudos de gênero: uma sociologia feminista? **Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 1, v. 16, p. 173-186, jan./abr. 2008.

SCHIENBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru, SP: EDUSC, 2001.

SCHUCK, E. de O. Conhecimento e espaços de poder: trajetórias da pesquisa acadêmica feminista no Brasil. **Inclusão Social**, n. 2, v. 11, 13 ago, 2018.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, n. 2, v. 20, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SCOTT, Joan. Prefácio a Gender and Politics of History. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 3, p. 11-27, 2007. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1721>. Acesso em: 24 mar. 2021.

SILVA, E. L. da *et al.* Panorama da pesquisa em ciência da informação no Brasil. **Informação & Sociedade: Estudos**, [S. l.], n.1, v. 16, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/451>. Acesso em: 16 jul. 2021.

SILVA, Carla da. A desigualdade imposta pelos papéis de homem e mulher: uma possibilidade de construção da igualdade de gênero. **Direito em Foco**, v. 5, p. 1, 2012.

SILVA, Fabiane Ferreira da; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Trajetórias de mulheres na ciência: "ser cientista" e "ser mulher". **Ciência educ.**, Bauru, n. 2, v. 20, p. 449-466, jun./2014. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151673132014000200012&lng=pt&nrm=iso. Acessos em 10 mar. 2021.

SILVA, Jacicarla Souza da. Panorama da crítica feminista: tendências e perspectivas. **Patrimônio e Memória**, São Paulo, n. 1, v. 4, 2008, p. 84-103. Disponível em: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/100/488>. Acesso em: 04 nov. 2020.

SOUZA, Rosali Fávero de. Entrevista: Célia Ribeiro Zaher. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 13-20, jan./abr. 1995. Disponível em: <https://bit.ly/2OXB3nx>. Acesso em: 24 mai. 2021.

SOUZA, Rosali Fernandez de; STUMPF, Ida Regina Chitto. Ciência da Informação como área do conhecimento: abordagem no contexto da pesquisa e da pós-graduação no Brasil. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [S.l.], p. 41-58, ago. 2009. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/901>. Acesso em: 15 jun. 2021.

SVARCZ, Kariane C. **Relações de Gênero na Física: a inserção das mulheres na “ciência hard” da UFSC (1980-2010)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

TARGINO, Maria das Graças; TORRES, Názia Holanda. Comunicação Científica Além da Ciência. Ação midiática: estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura, Paraná, n. 7, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/acaomidiatica/article/view/36899/22924>. Acesso em: 10 jan. 2022.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VALIAN, V. Women at the top in science – and elsewhere. In: CECI, S. J.; WILLIAMS, W. M. (eds.). **Why aren't more women in science?** Top researchers debate the evidence, p. 47–56. Washington, D.C.: American Psychological Association, 2007.

VASCONCELOS, Mayara Cintya do Nascimento; FARIAS, Gabriela Belmont de. Autoria feminina em Ciência e Tecnologia: cenário sobre a produção científica na Ciência da Informação. **Convergências em Ciência da Informação**, n. 2, v. 3, p. 5-21, maio/ago./2020.

VELHO, L.; LEÓN, E. A construção social da produção científica por mulheres. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 10, p. 309-344, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/4631474>. Acesso em: 14 mai. 2021.

WILLIAMS, Christine. **Still a man's world: men who do “women's work**. California: University of California Press, 1995.